

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB

Alice Carvalho Vieira da Silva

**DESVENDANDO O SAARA:  
RENOVANDO ESPAÇOS NA ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro  
2007

Alice Carvalho Vieira da Silva

**DESVENDANDO O SAARA:  
RENOVANDO ESPAÇOS NA ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB – como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Orientador Prof. Dr. Roberto Segre

Rio de Janeiro  
2007

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura:

E-mail: alice\_vieiradasilva@yahoo.com.br

**S586**

Silva, Alice Carvalho Vieira da,

Desvendando o Saara: renovando espaços na área central do Rio de Janeiro./ Alice Carvalho Vieira da Silva. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2007.

100 f.: il., 30 cm.

Orientador: Roberto Segre.  
Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2007.

Referências bibliográficas: p.98-100.

1. Espaço urbano. 2. Espaços públicos. 3. Saara (Rio de Janeiro, RJ). I. Segre, Roberto. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD 711

Alice Carvalho Vieira da Silva

**DESVENDANDO O SAARA:**  
**RENOVANDO ESPAÇOS NA ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB – como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Aprovado em 20 de dezembro de 2007.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Roberto Segre  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Cristóvão Fernandes Duarte  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. Andréa da Rosa Sampaio  
Universidade Federal Fluminense

## Agradecimentos

---

À FAPERJ, pelo apoio financeiro;

Ao Professor Roberto Segre, pela generosa convivência no decorrer deste trabalho, além de todo o apoio, paciência e impecável orientação;

À Andréa Borde, por sua fundamental ajuda, pelas conversas e longos encontros que foram essenciais no desenvolvimento e amadurecimento deste trabalho;

À querida amiga Emanuela Rangel Monteiro, pela consultoria e leitura crítica;

À querida e letrada amiga Gabriela Valente, tão importante na revisão deste trabalho;

Ao amigo Gustavo Brod, pelo auxílio nas ilustrações;

A todos aqueles que me apoiaram das mais diversas formas, durante o desenvolvimento deste trabalho – disponibilizando material, valiosas informações e/ou contribuindo com doses de paciência e compreensão – entre eles: Annabella Blyth, Márcia Lacerda, Daniela Ortiz, Flávia Lima e Fernando Cerqueira.

À minha família que investiu total confiança e apoio na minha escolha.

Este trabalho tem como objeto de estudo a área urbana do centro do Rio de Janeiro conhecida como Saara. Reconhecido desde o início do século XIX pela concentração de usos comerciais que detém, o Saara configura-se atualmente como o principal ponto de comércio popular carioca, referência do centro e da cidade.

Empenhado com a proposição de formas alternativas de atuação sobre este espaço urbano, o trabalho consiste em uma pesquisa empírica materializada numa série de mapeamentos e análises de sua configuração urbana, cujo objetivo é apontar possibilidades para o seu desenvolvimento e, a partir delas, articular propostas de intervenção capazes de promover a melhoria da qualidade e utilização dos espaços públicos, consoantes com a sua trajetória histórica e com a dinâmica urbana do local.

Palavras-chave: Intervenção Urbana, Área Central do Rio de Janeiro, Saara, S.A.A.R.A.

This work aims to study the urban area of the centre of Rio de Janeiro known as Saara. Recognized since the beginning of 19th century for the commercial uses that retains, Saara is currently the main point of carioca's popular commerce, a reference of both the centre and of the city itself.

Engaged with the proposition of alternative ways to act in this urban space, this work consists of an empirical research that takes the form of a series of maps and analysis of its urban configuration, that aim to point out possibilities for its development and, from them, to articulate propositions capable of promoting improvements of the quality and of the land uses of the public spaces, according to their particular history and urban dynamic.

Key words: Urban intervention, Central Area of Rio de Janeiro, Saara, S.A.A.R.A.

## Lista de Ilustrações

Ilustração 1. Mapa de localização da área de estudo .....	11
Ilustração 2. A área central e suas centralidades .....	26
Ilustração 3. Principais ruas comerciais do Saara .....	29
Ilustração 4. Especialização das ruas do Saara .....	29
Ilustração 5. S.A.A.R.A.: logotipo da associação e placas colocadas nas ruas .....	32
Ilustração 6. Saara: ruas decoradas em diferentes datas comemorativas .....	33
Ilustração 7. Festa de São Jorge .....	34
Ilustração 8. Mapa com a delimitação da área de estudo .....	35
Ilustração 9. Mapa do Saara .....	36
Ilustração 10. Mapa com a divisão da área em 4 quadrantes e as principais vias .....	37
Ilustração 11. Mapa do sistema viário do Saara .....	38
Ilustração 12. Mapa dos sistemas de transporte da área .....	40
Ilustração 13. Mapa do fluxo de pedestres no Saara .....	41
Ilustração 14. Fluxos no Saara .....	43
Ilustração 15. Diagrama dos conflitos entre os fluxos existentes na área .....	44
Ilustração 16. Algumas das principais zonas de conflito no Saara .....	45
Ilustração 17. Saara: mapeamento dos principais espaços públicos .....	46
Ilustração 18. Rua Tomé de Souza.....	47
Ilustração 19. Sobreposição do traçado do Saara ao mapa de 1864 .....	48
Ilustração 20. Mapeamento do tecido urbano do Saara .....	49
Ilustração 21. A nova tipologia: os mini shoppings .....	52
Ilustração 22. Mapa dos conjuntos urbanos do Saara.....	52
Ilustração 23. Exemplo de prédios de diferentes estilos, com diferentes alturas .....	53
Ilustração 24. Mapa do gabarito das edificações.....	53
Ilustração 25. Exemplo de edificações do Tipo 1 .....	54
Ilustração 26. Exemplo de edificações do Tipo 2 .....	55
Ilustração 27. Exemplo de edificações do Tipo 3 .....	55
Ilustração 28. Exemplo de edificações do Tipo 4 .....	55
Ilustração 29. Exemplo de edificações do Tipo 5 .....	56
Ilustração 30. Mapa do grau de conservação das edificações .....	57
Ilustração 31. Rua Tomé de Souza e arredores .....	58
Ilustração 32. Mapa de usos do pavimento térreo .....	59
Ilustração 33. Mapa de usos do pavimento superior .....	60
Ilustração 34. Atividades efêmeras .....	62
Ilustração 35. Mapa de sobreposição dos vazios: nível térreo e superior .....	63
Ilustração 36. Mapa de cheios e vazios .....	64
Ilustração 37. Mapa das áreas de abrangência dos Projetos Corredor Cultural e Praça Tiradentes .....	65



Ilustração 38. Planta 04 do PA 10.290 .....	70
Ilustração 39. Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes .....	72
Ilustração 40. Mapa diagnóstico da área de estudo.....	75
Ilustração 41. Vazios da Avenida Presidente Vargas .....	78
Ilustração 42. Situação dos pavimentos superiores dos sobrados .....	79
Ilustração 43. Recorte do mapa Garnier de 1852 .....	80
Ilustração 44. Quarteirão situado entre as ruas Senhor dos Passos, Buenos Aires, Praça da República e Tomé de Souza .....	80
Ilustração 45. Trechos da área vistos desde as ruas Regente Feijó e Luís de Camões.....	81
Ilustração 46. Mapa da subdivisão do Saara em áreas de projeto .....	82
Ilustração 47. Mapa conceitual das propostas projetuais .....	84
Ilustração 48. Exemplo 1: proposta para abertura de pátio interno em um quarteirão de Paris .....	85
Ilustração 49. Exemplo 2: proposta para abertura de espaço público no interior de um quarteirão .....	86
Ilustração 50. Spitalfields Market – Londres: integração do edifício novo com as construções preexistentes.....	87
Ilustração 51. Spitalfields Market – Londres: interação entre as atividades existentes .....	87
Ilustração 52. Kingly Court – Londres: variedade de edificações e acessos ao quarteirão .....	88
Ilustração 53. Kingly Court - Londres: passagens de acesso ao quarteirão .....	89
Ilustração 54. Kingly Court – Londres: vistas do interior do quarteirão .....	89
Ilustração 55. Londres: exemplos de passagens por entre edificações e quarteirões .....	90
Ilustração 56. Ilustração da proposta para a Área 01 .....	93
Ilustração 57. Ilustração da proposta para a Área 02 .....	94
Ilustração 58. Ilustração da proposta para a Área 03 .....	95

## Lista de Abreviaturas

---

- ACGRJ – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro;
- ACN – Área Central de Negócios;
- AN – Arquivo Nacional;
- CIEC – Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais;
- DGPC – Departamento Geral do Patrimônio Cultural;
- IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ;
- MHN – Museu Histórico Nacional;
- PA – Projeto de Alinhamento;
- PAL – Projeto de Loteamento;
- PIT-metrô – Programa Integrado de Transporte - metrô;
- S.A.A.R.A: Sociedade dos Amigos e Adjacências da Rua da Alfândega;
- UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Sumário

---

INTRODUÇÃO .....	11
1. HISTÓRICO DA ÁREA .....	17
2. ANÁLISE URBANA DO SAARA .....	24
2.1. Estrutura urbana da Área Central .....	24
2.2. O Saara no contexto da Área Central .....	27
<i>O comércio</i> .....	27
<i>Os imigrantes e a identidade cultural do espaço</i> .....	30
<i>A S.A.A.R.A.</i> .....	31
<i>Festas e religiosidade</i> .....	32
2.3. Análise espacial da área .....	35
<i>Sistema viário</i> .....	37
<i>Fluxos</i> .....	39
<i>Espaços públicos de convivência</i> .....	45
<i>Tecido urbano</i> .....	47
<i>Tipologia arquitetônica</i> .....	50
<i>Gabarito das edificações</i> .....	53
<i>Grau de conservação das edificações</i> .....	54
<i>Uso do Solo</i> .....	59
<i>Cheios e vazios</i> .....	64
2.4. Projetos existentes para a área: o Corredor Cultural e a Praça Tiradentes .....	65
<i>Projeto Corredor Cultural</i> .....	65
<i>Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes</i> .....	71
2.5. Diagnóstico .....	73
3. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO .....	77
3.1. Situações espaciais encontradas .....	77
3.2. Subdivisão em Áreas de Projeto e diretrizes gerais .....	81
3.3. Propostas de intervenção.....	83
<i>Referências projetuais</i> .....	84
<i>Proposta para a Área 1 – vazios da Presidente Vargas</i> .....	91
<i>Proposta para a Área 2 – miolos da quadra</i> .....	91
<i>Proposta para a Área 3 – grandes quarteirões</i> .....	92
<i>Ilustração das Propostas</i> .....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
BIBLIOGRAFIA .....	98

Esta dissertação tem como objeto de estudo o Saara, área urbana do centro do Rio de Janeiro – delimitada entre a Avenida Presidente Vargas, a Praça Tiradentes, o Campo de Santana e a Rua Uruguaiana – e reconhecida, desde o início do século XIX<sup>1</sup>, pela concentração de usos comerciais que detém.



**Ilustração 1. Mapa de localização da área de estudo.** Fonte: autora, 2007.

A motivação inicial para a sua elaboração surgiu do interesse que esta área me despertou logo que cheguei ao Rio de Janeiro para cursar o mestrado em urbanismo. Algumas questões fundamentais suscitaram as inquietações para o desenvolvimento desta pesquisa: os contrastes formais e funcionais estabelecidos entre o intenso uso comercial varejista, desenvolvido nos sobrados, e a área central de negócios adjacente; a divergência existente entre o tecido urbano de estreitas ruas coloniais e as grandes avenidas do centro; o precário estado de conservação de alguns sobrados e espaços públicos, em contradição com a vitalidade ali existente, etc.

Além disso, chamou-me atenção o fato de que o Saara, área tão vital para o centro da cidade do Rio de Janeiro e principal ponto do comércio popular carioca, fosse tão poucas vezes mencionado, quer em iniciativas de ordem pública, quer em estudos urbanísticos. Dentre as ações pensadas nas últimas décadas para a área central – tais como os projetos para a Praça Tiradentes, a Zona Portuária e a Lapa – apenas o Corredor Cultural constituiu

<sup>1</sup> BLYTH, 1991.

iniciativa com desdobramentos sobre a área do Saara. Ainda assim, e embora se entenda que tenha conduzido resultados bastante positivos, teve sua atuação restrita à questão da preservação do patrimônio.

Acrescente-se a isso a constatação de que a bibliografia histórica referente a esta área do centro fosse tão esparsa e imprecisa. De um lado, eram abundantes as fontes sobre o centro do Rio de Janeiro; de outro, pouco se referia especificamente ao Saara, que nitidamente requeria alternativas de intervenção que levassem em conta não apenas o valor de seu ambiente construído, mas também a riqueza das relações sociais e dos usos que abriga. Faltava dar-lhe, portanto, a devida atenção.

Assim, em função da lacuna observada, foram sendo delineados os objetivos desta dissertação, empenhada com a proposição de formas de atuação sobre este espaço urbano. Mas não se atentou para a descoberta destes objetivos sem que antes fossem cumpridas algumas etapas, sobre as quais se comenta na seção que segue.

### **Fundamentação teórico-metodológica**

O primeiro passo para o desenvolvimento deste trabalho foi a realização de sucessivas idas ao local e sua documentação em fotografias e em mapas-diagnóstico. Depois, foi necessário complementar este levantamento de dados através de uma revisão bibliográfica e iconográfica e de entrevistas e consultas aos órgãos municipais.

A visita feita às fontes bibliográficas logo foi sendo direcionada para a busca de algumas categorias de análise – como centros e centros históricos, revitalização e requalificação urbanas<sup>2</sup>, intervenção urbana, projeto urbano e espaço público – que pareciam dialogar com o objeto da pesquisa.

Neste sentido, foi difícil não buscar referências em Bohigas, para quem o melhor instrumento para alcançar legibilidade urbana é o valor descritivo da própria forma urbana, e também da forma do espaço público, uma vez que “a cidade é o espaço público, tanto se é aberto e ao ar livre como se é construído em serviços ou monumentos”<sup>3</sup>.

Além de versar sobre espaço público, este autor faz uma reflexão de interesse deste trabalho acerca do projeto urbano; não apenas do projeto urbano, mas de sua compreensão em partes, como também advoga Rossi: “O projeto urbano não é nem um plano urbanístico

---

<sup>2</sup> Para MAGALHÃES (2002: 5-6), o “uso generalizado do conceito de revitalização para o centro do Rio pode ser questionado, na medida em que tal conceito pressupõe a perda ou ausência de vitalidade das áreas afetadas”. O autor propõe, diferentemente, que se opte pela utilização do termo requalificação, menos comprometido com a afirmação de perda, e melhor descritivo de intervenções de alteração de características físicas, melhoria da qualidade dos espaços públicos e privados, acréscimo de atividades, etc.

<sup>3</sup> 2004: 127.

nem um projeto arquitetônico. É um projeto que define a forma e um conteúdo de um fragmento de cidade desde o espaço público a arquitetura [...]”<sup>4</sup>. E mais: “É um projeto metade arquitetônico e metade urbanístico, um instrumento muito realista, com vontade e possibilidade de realização imediata [...]”<sup>5</sup>.

Cumprida esta etapa de pesquisa bibliográfica, foi possível compreender com clareza que o objetivo principal deste trabalho consistia não apenas em mapear e analisar a configuração urbana do Saara, mas, e fundamentalmente, em compreender quais as possibilidades apontadas para o seu desenvolvimento e, a partir delas, articular propostas que fossem capazes de promover a melhoria da qualidade e utilização dos espaços públicos, consoante a trajetória histórica e a dinâmica urbana do local.

O Saara resulta de uma série de processos sociais, econômicos e culturais, entre os quais o deslocamento e a perda progressivos da função residencial, que fizeram com que permaneça, até hoje, como a principal área de comércio popular do Rio de Janeiro, referência de centralidade tanto para a área central, como para a própria cidade.

E a permanência de que se trata acima não é observada tão somente a partir dos usos; o é principalmente pela manutenção de seu traçado colonial, a despeito dos sucessivos desafios que lhe foram impostos ao longo do tempo. “A permanência mais significativa é dada, pois, pelas ruas e pelo plano; o plano permanece sob níveis diversos, diferencia-se nas atribuições, muitas vezes se deforma, mas, substancialmente, não se desloca”<sup>6</sup>.

Entre os desafios relacionados, destacam-se, ambos do início da década de 1940, os seguintes: a abertura da Av. Presidente Vargas, que fragmentou parte do tecido urbano existente; e o projeto para a construção da Av. Diagonal, que, embora não executado, previu o arrasamento de grande parte do casario do local.

Em consequência deste último, deu-se a formação da SAARA<sup>7</sup> – Sociedade dos Amigos e Adjacências da Rua da Alfândega, fundada em 1962 com o intuito de defender o interesse coletivo dos comerciantes em meio ao quadro de insegurança quanto ao futuro da área, bem como de administrar as questões cotidianas relacionadas ao funcionamento do comércio<sup>8</sup>. Através da criação da associação, foi formalizada a ocupação deste espaço, bem como reforçados o reconhecimento de seus limites físicos e os elos de identidade entre os comerciantes do local.

---

<sup>4</sup> Ibid: 138-139.

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> ROSSI, 2001: 52.

<sup>7</sup> Para este trabalho farei referência à associação como “a SAARA” e ao recorte de estudo propriamente dito como “o Saara”.

<sup>8</sup> Informações obtidas em entrevista com o Presidente da SAARA, Sr. Ênio Bittencourt, em 10/10/2006.

É importante considerar que, desde então, o Saara sofreu alterações e deteriorações em sua configuração formal. Contudo, nenhuma delas foi suficientemente forte para ameaçar a preservação das características dos tecidos que ali estão desde a época de sua ocupação. E isto é percebido de modo bastante claro pela manutenção de sua estrutura viária e das tipologias de lotes estreitos e profundos e construções assobradadas de dois a quatro pavimentos, predominantes em toda a área<sup>9</sup>.

Cabe acrescentar que a permanência da forma de que se tratou acima está também aliada à força das relações sociais estabelecidas e ao intenso comércio atuante, que fazem, juntos, com que se mantenha viva a identidade e a função desse local, diferenciado em relação às demais áreas do centro da cidade. Sendo assim, a permanência da configuração espacial do Saara, quando citada, estará sempre diretamente relacionada à permanência da vida social que o anima.

O passo seguinte ao mapeamento e à análise dos dados levantados no Saara foi a elaboração de diretrizes urbanísticas orientadoras das propostas de atuação na área. No que diz respeito à metodologia empregada, há que se observar que a minha relação direta com o lugar constituiu fundamental direcionamento para toda e qualquer atividade e escolha feitas. Refiro-me aqui à vivência que tive do Saara: às muitas visitas realizadas, às constantes caminhadas pelas ruas do lugar e às diversas conversas com os comerciantes e com as pessoas que efetivamente lhe dão vida.

E foi justamente a partir desta vivência que me coube perceber as peculiaridades ali existentes; pude, através dela, refletir sobre os modos de intervenção urbanística existentes e possíveis, buscando um novo referencial para a elaboração das propostas que mais adiante apresento.

Na trajetória das intervenções urbanas no centro do Rio de Janeiro ao longo do século XX, percebe-se a execução de grandes projetos, elaborados, na maior parte das vezes, a partir de paradigmas europeus, com o objetivo de modernizar e embelezar a área central da cidade. No entanto, tais intervenções ocasionaram muitos dos problemas ainda enfrentados na área central. Como exemplos deles, cita-se a fragmentação espacial em determinados trechos e a grande incidência de vazios urbanos.

Tive acesso a publicações, a exemplo da *Nouveaux Paris*<sup>10</sup> e da *Good Life*<sup>11</sup>, que me fizeram atentar para a importância e a necessidade dos espaços públicos, abordando novas

---

<sup>9</sup> Tomou-se como referência para o estudo do tecido urbano do Saara a obra *Análise Urbana*, de Philippe Panerai, atenta à complementaridade existente entre a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações.

<sup>10</sup> MICHELIN, 2005.

maneiras de intervir sobre eles, notadamente através de projetos urbanos de desenho sustentável e de ações em pequena escala que, mesmo pulverizadas, são capazes de multiplicar bons resultados, desvendando partes do tecido antes desconhecidas.

“É incumbência dos arquitetos se questionar sobre quais maneiras de conceber um novo “in between”, ou de renovar, de reinvestir os espaços existentes que não estão mais adequados à época contemporânea”<sup>12</sup>. A idéia central da *Good Life* corrobora com esta, sugerindo que

[...] arquitetura e design não são simplesmente sobre prédios isolados ou arquitetos eminentes, mas, também, sobre espaços urbanos e todos os tipos de agentes intimamente conectados com o tecido e a mecanização da vida urbana. Os prazeres da cidade não são portanto confinados ao interior dos prédios ou somente à maneira como eles foram concebidos, ao invés, são campos expandidos que incorporam a ampla variedade de arquiteturas possíveis – ou seja, todos os tipos de objetos, inserções, espaços, práticas, idéias e emoções<sup>13</sup>.

Daí a elaboração das propostas do presente trabalho, que levam em conta todo o potencial da área central do Rio de Janeiro, onde ainda é possível edificar, dinamizar, intervir. Neste sentido, preservar e transformar são questões que balizam o olhar desta dissertação sobre o Saara.

### *Estrutura da dissertação*

Este trabalho constitui-se fundamentalmente de três partes – análises, diagnóstico e propostas –, além desta *Introdução* e da *Conclusão*, aqui desenvolvidas segundo a estrutura abaixo descrita.

O capítulo 1, *Histórico da área*, resgata um histórico do Saara e permite reconhecer, não só as particularidades de sua trajetória, como também fazer uma relação dos acontecimentos mais significativos da história do Rio de Janeiro que incidiram de alguma forma sobre a área em estudo.

O capítulo 2, *Análise urbana do Saara*, faz um relato da atual situação da área através de análises sob os pontos de vista da cultura e do espaço. Ao longo dele, busca-se, num primeiro momento, descrever aspectos culturais que conferem singularidade ao Saara, como, por exemplo, as diversas etnias de imigrantes que ali se instalaram e sua ressonância sobre o espaço do local. Depois, parte-se para a caracterização urbana da área, onde são

---

<sup>11</sup> RYAN, 2006.

<sup>12</sup> MICHELIN, 2005: 152.

<sup>13</sup> RYAN, 2006: 97.



apresentados todos os levantamentos e dados coletados e compilados nos mapeamentos e análises empíricas desenvolvidos.

Com ele, pretende-se não apenas mostrar como se dá a inserção do Saara no contexto urbano atual – o que é feito pela observação das relações que estabelece com a área central e com seu próprio espaço urbano – mas também, e talvez principalmente, chegar a um diagnóstico capaz de subsidiar as principais recomendações de propostas de intervenção, apresentadas no capítulo 3.

O capítulo 3, *Propostas de intervenção*, faz uma síntese das reflexões despertadas ao longo do trabalho. Subdivide o Saara em três áreas de projeto, estabelecidas a partir de suas características morfológicas; descreve diretrizes orientadoras da transformação urbana do local; e, finalmente, apresenta através de desenhos e ilustrações que fazem referência obrigatória às situações-problema anteriores, as propostas de intervenção desenvolvidas.

Ao iniciar este estudo sobre o Saara, as principais questões que surgiram e balizaram a pesquisa histórica foram:




- A permanência do conjunto no local em meio à área central, onde nota-se tão claramente a discrepância das formas arquitetônicas e do traçado viário, que o configuram como uma territorialidade singular em relação às demais áreas do centro;
- A função comercial forte, coesa e dinâmica ali desenvolvida durante anos, de forma diferenciada em relação às demais áreas da cidade;
- A consolidação desse local como uma centralidade na área central do Rio;
- A etnicidade do local – cultura étnica;
- A formação da Sociedade da SAARA.




Ao entrar na dimensão histórica da cidade do Rio de Janeiro, percebe-se que eram raras e esparsas as informações que se referiam diretamente ao espaço do Saara. O que parece curioso, pois pode-se notar que todo o seu entorno, como a Avenida Presidente Vargas, o Campo de Santana e a Praça Tiradentes já haviam sido tratados inúmeras vezes em livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado, abordados sob os mais diversos aspectos. Mas o Saara, um pedaço tão vivo e relevante na vida social e econômica da cidade, era tão pouco mencionado.






Foram de fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa: o acervo do CIEC – Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais, ligada à Escola de Comunicação da UFRJ onde foi desenvolvido o “Projeto Memória do Saara” e com isso constituiu um acervo riquíssimo sobre o tema; A dissertação de mestrado da arquiteta Annabella Blyth, que analisa as intervenções urbanísticas e os processos econômicos, sociais e culturais que engendraram a “cristalização espacial” do Saara; e a dissertação de mestrado da historiadora Paula Ribeiro, que trabalhou principalmente os aspectos de memória e cultura, como marcas que conferiram uma territorialidade própria àquele lugar.





Tendo em vista que a área central é o contexto urbano no qual se insere o Saara, o primeiro passo para a análise dos fatores que teriam contribuído para a sua permanência foi a compreensão do processo de conformação da centralidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, foi feita uma relação dos principais fatos históricos que permitiram o entendimento





urbano da área como um todo, até chegar ao Saara, desde o seu surgimento até sua consolidação como centralidade nos dias atuais. Como resultado disso, foi elaborado um quadro sinóptico. Nele estão sintetizados os principais fatos que marcaram a história da cidade e o contexto no qual estavam inseridos, o desdobramento desses fatos sobre a área do Saara e a análise da iconografia existente, onde pode-se perceber a evolução urbana da cidade e a conformação da espacialidade deste território até hoje tão vivo e tão forte na cidade do Rio de Janeiro.

Cronologia	Contexto social, político e econômico	Contexto urbano	O Saara	Forma urbana/ arquitetônica	Iconografia
<b>Da fundação ao princípio do século XVII</b>	A cidade começa oficialmente a partir da fundação pelos portugueses, no Morro Cara de Cão em 1565.	Com a fundação da cidade pelos portugueses, surgem as primeiras construções no Morro Cara de Cão e a ocupação da cidade se espalha pela área da atual Men de Sá. Mais tarde ocorre a primeira grande alteração do traçado, com a ocupação do Morro do Castelo e a implantação dos trapiches na Ponta da Saúde e na Prainha.	_____	_____	_____
<b>Século XVII</b>	A população da cidade era de 3850 habitantes. Apenas 750 eram portugueses, o restante eram índios e mestiços.  No final deste século foram descobertas as Minas Gerais pelos bandeirantes, com as riquezas exploradas e trazidas para o Porto do Rio de Janeiro que houve um aumento da população e conseqüente expansão da cidade.	Em 1834, com a criação do Município Neutro, ocorre a primeira demarcação da área da cidade. A cidade começa a se expandir a partir da descoberta das Minas Gerais.	_____	_____	_____
<b>Início do século XVIII</b>	O progresso da cidade era bastante lento	A cidade se limitava pela Rua da Vala (atual Uruguaiana), Rua da Prainha (Rua Acre), Largo da Prainha (Praça Mauá), no litoral até o cais da Praia de D. Manoel, contornando o Morro do Castelo, Praia Santa Luzia, Rua da ajuda e Campo de Santo Antônio (Largo da Carioca).	_____	_____	 Mapa de 1701
<b>1763 – 1808</b>	Transferência da sede do governo da Bahia para o Rio de Janeiro. Torna-se capital da colônia e sede do Vice-reino do Brasil.	1763- primeiro grande impulso para o desenvolvimento urbano, com a transferência da capital do Brasil para o Rio de Janeiro, tornando-se a capital da colônia e sede do Vice-reino do Brasil. A população da cidade era de 43.376 habitantes, sendo a mais populosa do Brasil, porém sua área ainda era bastante restrita. Partindo do Campo de São Domingos (atual Campo de Santana) para o interior o terreno era pantanoso e alagadiço. A partir daí, houve uma série de aterramentos desses alagadiços, entre eles as áreas dos atuais Largos de São Francisco e da Carioca, da Praça Tiradentes e do Campo de Santana. Algumas ruas do centro foram pavimentadas e foi executada a 1ª obra urbanística da cidade, o jardim do Passeio Público. A centralidade se configurava no Largo do Paço, onde se concentravam todos os elementos representativos da autoridade colonial, enquanto sedes e marcos de diferentes poderes.	Área da cidade periférica ao centro financeiro e comercial da cidade.	As ruas da cidade eram estreitas e sinuosas, a maioria era de terra e algumas calçadas com lajes ou pé-de-moleque. Uma das razões das ruas serem estreitas era para proteger contra o excessivo calor da cidade no verão. Os prédios na maioria de um pavimento e alguns poucos sobrados todos no alinhamento e grudados uns aos outros. Havia pouca ventilação entre eles. À medida que a cidade crescia, foram surgindo as chácaras e as moradias mais amplas e de melhor acabamento.	 Mapa de 1755. Fonte: Maya, 1965.
<b>Século XIX</b>	Transferência da Corte Real Portuguesa para o Rio de Janeiro 1808. Abertura dos portos, fazendo com que o Rio passasse a ser o entreposto comercial mais importante do país.  A cidade conformava-se pelas freguesias da Candelária, São José, Sacramento, Santana e Santa Rita.  Começa a ocorrer um processo de diferenciação espacial, com o surgimento de chácaras ao sul da área urbana (atuais Glória, Catete e Botafogo) como expressão da segregação decorrente da chegada da Corte Real Portuguesa. Na área urbana o uso residencial se fixava principalmente nas freguesias de São José e da Candelária. Já nesta última e na freguesia do	Primeira grande expansão da cidade, a partir da transferência da corte. Houve uma série de desapropriações dos imóveis pela corte e começaram a ser ocupadas as ruas recém abertas que se estendem para além da Rua da Vala, em direção ao Campo de Santana.  Construção do Paço de São Cristóvão que estabeleceu um eixo de articulação no sentido Leste-Oeste, entre a área urbanizada até princípios do século XIX, polarizada pelo Largo do Paço e a área da Cidade Nova. A ocupação desta área foi estimulada pelo governo após a transferência da Corte Real para o Rio de Janeiro, tendo como pólo direcional a Quinta da Boa Vista. Devido a esse movimento, instalaram-se ao redor da área do Campo de Santana várias das edificações mais	A Rua da Alfândega, até então caminho do Caperuçu, era a única via que se prolongava para o interior e já se caracterizava como uma via de comércio. O caminho se estendia por um descampado, por entre charcos, brejos e alagados e levava tropeiros, mercadorias e viajantes até as Minas Gerais.  A região do atual Saara pertencia a Freguesia do Sacramento e era ocupada na maior parte por comerciantes portugueses. O comércio da região se caracterizava pela existência de grandes depósitos de atacado, principalmente de gêneros alimentícios, bebidas tecidos e artigos de armarinho, comercializados em lojas de portas fechadas ou entreabertas, onde vendedores e comerciantes trajavam terno, gravata e muitas vezes coletes e polainas.	Até o final do séc. XIX o Rio era uma cidade tipicamente portuguesa, com aspecto similar a qualquer vilarejo português.	 Mapa de 1850. Fonte: Maya, 1965.

Cronologia	Contexto social, político e econômico	Contexto urbano	O Saara	Forma urbana/ arquitetônica	Iconografia
	<p>Sacramento, além do uso residencial sua ocupação se dava por comerciantes de atacado, artesãos e taberneiros. A concentração das atividades econômicas e a coexistências destas com o uso residencial, geralmente na mesma edificação, fizeram com que essas duas freguesias se configurassem funcionalmente como o centro da cidade.</p>	<p>representativas do governo imperial, fazendo com que essa área se tornasse na época o principal centro de administração pública do Rio de Janeiro. Com a construção desses novos marcos ao redor do Campo influiu para a sua reformulação na medida que promoveu o deslocamento do centro de gravidade institucional para Oeste, induzindo e acompanhando a direção tomada pelo crescimento urbano.</p> <p>O Campo de Santana, enquanto centro institucional atuou dentro de uma escala mais ampla que a do espaço urbano, pois ali se concentraram órgãos governamentais de significação nacional.</p>	<p>A maioria das mercadorias eram produtos importados da Europa e eram vendidas por encomenda ou através dos comerciantes e caixeiros-viajantes, que vinham de várias regiões do Brasil para se abastecer ali. Os grandes depósitos de atacado eram tão poderosos que às vezes contratavam navios inteiros para trazer as mercadorias adquiridas no exterior.</p>		
<p><b>Segunda metade do séc. XIX</b></p>	<p>No decorrer das três últimas décadas do século XIX, a fisionomia da cidade do Rio de Janeiro passa por processo de significativas mudanças vinculadas a um conjunto de fatores econômicos, sociais e políticos. O capital se desloca do espaço rural para o urbano, da agricultura para a indústria, e a capital se moderniza.</p> <p>A abolição da escravatura, em 1888, é fator decisivo para o incremento da população urbana. Extingue-se o regime monarquista e o país é transformado em República em 1889.</p> <p>Entra em declínio a economia cafeeira, que havia se expandido no vale do Paraíba com o auxílio da implantação do transporte ferroviário e cuja base comercial é a cidade do Rio de Janeiro. Esta economia materializava-se no espaço com a localização do porto, dos bancos, das firmas exportadoras de café e do mercado de escravos. Com o esgotamento relativo do solo agrícola e a abolição da escravatura verifica-se o afluxo de capitais e de força de trabalho, deslocados da lavoura, para as atividades urbanas, passando a ser investido no artesanato, na manufatura, na indústria e em outras atividades urbanas.</p> <p>Estabelecimentos de pequeno porte dedicam-se a fabricação de calçados, chapéus confecções, bebidas, mobiliário. Surgem gráficas, metalurgias leves e fundições, indústria alimentar e têxtil localizadas principalmente no centro da cidade. A cidade se transforma em objeto de lucro, passando a atrair capitais estrangeiros, destinados à implantação de infra-estrutura e de transportes, enquanto que o capital nacional obtinha seus lucros através da produção da moradia e das transações imobiliárias.</p> <p>A capital afirma-se como principal centro financeiro do país, sediando os bancos e a Bolsa de Valores, até então a única existente. As atividades ligadas à importação e exportação, bem como ao comércio local e inter-regional, atribuíram à cidade o papel de importante pólo comercial. No entanto, verifica-se um quadro de precariedade, de carência e de crise habitacional, proveniente do aumento da demanda por habitações decorrente dos fluxos migratório tanto dos ex-escravos, como de trabalhadores europeus.</p> <p>Surgem contradições entre usos e localização das classes sociais no espaço urbano em transformação. A modernização iniciada com a implantação dos serviços de infra-estrutura no centro, onde se concentrava o comércio importador e exportador, as grandes casas comerciais, representações de outros países, bancos e companhias de navegação contrasta com o fato desta área constituir local de residência de parcelas expressivas da população de baixo poder aquisitivo. Estas dependiam da localização central para sua sobrevivência, por não disporem de condições de mobilidade e pela necessidade da procura de trabalho, apenas existente naquela parte da cidade.</p>	<p>Inauguração da Estrada de Ferro D Pedro I (Central do Brasil) em 1858, tendo sua estação terminal localizada no Campo de Santana. Esta estação não só facilitou o acesso aos subúrbios e ao interior, como foi um marco de abertura para as áreas interioranas, ligando os centros da cultura do café ao Rio de Janeiro, centro comercial e portuário mais importante para a economia do Brasil imperial.</p> <p>A questão urbanística adquire importância acentuada no âmbito do poder público, diante da crise advinda da associação dos fatores de imigração acelerada, carência de moradias, precariedade de condições sanitárias das habitações e da cidade e epidemias freqüentes que vitimavam um grande número de pessoas. Durante as duas últimas décadas do Império, formam-se comissões visando proposições na tentativa de solucionar o problema das epidemias. Em 1874 é criada a Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro, que recebe a atribuição de elaborar um plano global de reforma urbana. Foram apresentadas várias propostas de alargamento, retificação ou prolongamento de ruas, abertura de novas ruas, praças e avenidas, construção de edifícios modernos para comércio ou moradia e também de grandes obras públicas como abertura de túneis, arrasamento de morros e construção de novos cais.</p> <p>Entre as várias propostas apresentadas, destacam-se o aterramento do Canal do Mangue, considerado o principal foco de infecções miasmáticas, o traçado retilíneo de novas ruas, em contraposição à estreiteza e sinuosidade das existentes, consideradas de difícil circulação de veículos e pessoas, bem como do ar, prejudicando a ventilação das habitações. Desenvolvendo seus estudos a Comissão propõe o arrasamento dos morros do Senado, do Castelo e de Santo Antônio, e a abertura de novas ruas, visando corrigir os problemas de circulação e ventilação da cidade, que além de afetarem a salubridade, interferem também nas condições de desenvolvimento das atividades comerciais.</p> <p>As propostas elaboradas pela Comissão de Melhoramentos não se realizaram durante o período imperial, por falta de recursos financeiros. No entanto forneceram as bases para a reforma urbana executada no início do século XX, quando a cidade se transforma na capital da República.</p> <p>Verifica-se um processo de declínio do uso residencial no centro. Com o surgimento do regime republicano a cidade se expandiu através da ocupação de áreas que tinham características exclusivamente residenciais, processo este viabilizado pela implantação dos sistemas de transporte de massa.</p>	<p>Início de um processo gradativo de mudança na atividade comercial da Rua da Alfândega, de atacado para varejo.</p> <p>Segundo o censo de 1890 aumentava o fluxo de imigrantes e a freguesia do Sacramento apresenta-se como a que possui o maior número de oriundos da "Arábia". Os imigrantes de origem turca também constavam como maioria nessa freguesia, o que indica o início da configuração dessa região da cidade, que os imigrantes chamaram de "pequena Turquia".</p> <p>Segundo o censo de 1890, 26% das indústrias se localizavam na Freguesia do Sacramento, 19% na Candelária e 17% na Santa Rita. Nas demais freguesias não era significativo o número de indústrias.</p> <p>A Praça Tiradentes, embora não se constituísse como centralidade do ponto de vista dos poderes administrativos, teve importante desempenho no período imperial, pois foi palco de diversas manifestações populares que culminaram com o advento da independência em 1822, além de representar uma intensa movimentação artística e cultural para a época, devido aos teatros e várias casas de espetáculo que ali existiram, até o início do século XX, quando esta função desloca-se para a Praça Floriano, atual Cinelândia.</p>	<p>As freguesias urbanas centrais quase não sofreram modificações de caráter arquitetônico, porém sofreram transformações do ponto de vista das modernidades urbanísticas, com a introdução de serviços públicos (controlados principalmente pelo capital estrangeiro), como a iluminação a gás e o início do calçamento de algumas ruas mais expressivas do centro da cidade, além dos novos serviços de transporte instalados que possibilitaram a expansão e o desenvolvimento da cidade.</p>	 <p>Mapa de 1852. Fonte: Czajkowski, 2000.</p>  <p>Mapa de 1864. Fonte: AN.</p>  <p>Mapa de 1875. Fonte: AN.</p>

Cronologia	Contexto social, político e econômico	Contexto urbano	O Saara	Forma urbana/arquitetônica	Iconografia
Século XX	<p>Rio Distrito Federal</p> <p>A cidade no início do século já possui uma população de 500.000 habitantes.</p> <p>O impedimento das importações desencadeado pela Primeira Guerra Mundial agravou a situação para os grandes mercados que foram perdendo sua razão de ser.</p> <p>A indústria brasileira tem sua primeira fase de aceleração com a Primeira Guerra Mundial de 1914-1918, quando a importação de produtos manufaturados se torna difícil, cessando muitas vezes e quando a redução simultânea da taxa de câmbio diminui a concorrência estrangeira.</p> <p>A cidade, então Capital Federal, configurava-se como o maior centro comercial do país e vive uma fase de grande desenvolvimento. Inicia-se um forte movimento de imigração de sírios, libaneses e judeus.</p> <p>Na primeira década do século XX, os problemas de crescimento da cidade do Rio de Janeiro passam a ser motivo de atenção do poder público.</p> <p>A existência de uma burguesia que reivindica, sob inspiração européia, condições mais confortáveis de vida faz surgir em 1907 o Projeto de remodelação e embelezamento da cidade do Rio de Janeiro, encomendado pelo Presidente Rodrigues Alves ao Prefeito Pereira Passos.</p>	<p>No início do Séc. XX o Rio era uma cidade sufocada de problemas. O centro havia estagnado e se tornado inviável. Um emaranhado de caminhos traçados mais ou menos ao acaso de um crescimento anárquico. Apesar de tudo, era o cartão-postal do país e da república.</p> <p><b>Reforma Pereira Passos (1903-1906):</b> tendo como meta a realização de obras de saneamento e melhoramentos da Capital Federal, foi um período de grandes mudanças, motivadas pela necessidade de adequar o espaço urbano da cidade de acordo com as novas demandas de ordem econômica e social. As então características coloniais da área central não poderiam coexistir com a sede do poder político da nação. No entanto, desprezou-se tudo que estivesse associado ao passado histórico materializado na arquitetura e expresso na cultura dos habitantes. Largas e extensas avenidas foram abertas onde antes existiam ruas estreitas ladeadas por sobrados do período colonial, criando espaço para a construção de prédios de estilo eclético, devido à mistura de estilos e influências européias diversas.</p> <p>A principal realização foi a abertura da Avenida Central, inaugurada em 1905.</p> <p><b>1930 – Plano Agache:</b> baseado na idéia da transformação do Rio de Janeiro em uma cidade monumental, através do ordenamento e embelezamento, previa inúmeras mudanças para o bairro do Sacramento (onde se localizava o Saara), pois considerava ultrapassadas as formas do período colonial, e que deveriam desaparecer.</p> <p>O plano previa a livre expansão do centro comercial da cidade em direção à Estação Central e para isso via como indispensável à supressão do morro de Santo Antônio.</p> <p>As questões relativas ao tráfego viário são preponderantes neste plano, havendo propostas para o “descongestionamento de artérias”, ou seja, o alargamento de uma série de vias consideradas fundamentais para a melhoria dos fluxos e para a expansão do centro comercial da cidade em direção à estação central. Dentre elas a Rua da Carioca, Senhor dos Passos, Tomé de Souza, e o prolongamento da Avenida do Mangue até a Igreja da Candelária (mais tarde Avenida Presidente Vargas).</p> <p><b>1940 – Abertura da Avenida Presidente Vargas:</b> instituída no plano Agache, a abertura da avenida surgiu como um demanda necessária com o aumento demográfico dos bairros periféricos da cidade e também pelo aumento dos investimentos e negócios na área central, visando facilitar o acesso ao centro pela população que vinha das zonas oeste e norte da cidade.</p> <p><b>1941 – Aprovação do Projeto da Avenida Diagonal:</b> parte integrante de um projeto que pretendia implantar um conjunto de avenidas que cortavam o centro da cidade, incluindo uma parte do atual Saara. O projeto tinha como objetivos fazer a ligação direta da Lapa à Central do Brasil e dar aspecto de uniformidade à urbanização de toda a área pela qual passaria.</p> <p>A Avenida Diagonal seria a principal delas e cortaria, numa reta em diagonal à malha urbana existente, a área compreendida entre o Morro de Santo Antônio, a Rua do Lavradio, o Campo de Santana e a Praça Tiradentes. Na área do atual Saara cortaria as Ruas Buenos Aires, Senhor dos Passos e Alfândega, entre o Campo de Santana e a Rua Regente Feijó. A desapropriação de vários imóveis estava prevista, bem como uma nova configuração espacial para toda essa área.</p> <p>Para sua realização seriam desapropriados e demolidos cerca de 750 imóveis, sendo 133 no Saara: 26 na Rua da Alfândega, 53 na Senhor dos Passos, 49 na Buenos Aires e na Tomé de Souza.</p>	<p>O desenvolvimento da indústria têxtil provoca a mudança do comércio na Rua da Alfândega. As indústrias passaram a vender diretamente para o comércio e a venda a varejo foi ganhando espaço.</p> <p>Os árabes se fixaram principalmente nas imediações da Praça da república e da Rua da Alfândega. Os sobrados haviam sofrido grande desvalorização e a população mais abastada tinha se mudado para bairros distantes do centro, o que permitia aos recém-chegados e sem recursos aí se instalarem.</p> <p>A chegada dos imigrantes, que em sua maioria começam a trabalhar como vendedores ambulantes, estimula o comércio e ampliam o mercado consumidor. A proximidade com a Central do Brasil contribuiu para o desenvolvimento da região, pois facilitava o acesso aos subúrbios e ao interior, destino dos vendedores ambulantes. Também tornavam aquelas ruas um caminho obrigatório para os trabalhadores que vindos do subúrbio se dirigiam ao centro ou a zona sul.</p> <p>Com a Reforma Passos a região do atual Saara, que até então estava dentro dos limites da freguesia do Sacramento, sofre algumas modificações, como as obras de alargamento das ruas Uruguaiana e do Sacramento, passando esta a se chamar Avenida Passos em homenagem ao prefeito. No entanto, a maioria dos sobrados da Rua da Alfândega, Senhor dos Passos e ruas adjacentes no trecho da Avenida Passos ao Campo de Santana foram poupados, mas não impediu que a freguesia como um todo sofresse um decréscimo populacional entre os anos de 1890 e 1906, que pode ser interpretado como efeito da renovação urbana sobre as freguesias centrais de forma geral.</p> <p>Verifica-se que de acordo com as proposições do plano Agache, o conjunto arquitetônico onde atualmente está situado o Saara estava fadado à extinção. Embora a maioria de suas proposições não tenham sido executadas na época, o plano teve claro desdobramento sobre muitas das decisões posteriores de projeto ocorridas na cidade.</p> <p><b>1940 – Abertura da Avenida Presidente Vargas:</b> a construção da avenida provocou a eliminação de um conjunto de quadras situadas entre as ruas General Câmara e São Pedro, no bairro do Sacramento. Além de 4 das mais antigas igrejas da cidade, foram demolidas 525 edificações, onde coexistiam os usos residencial e comercial. Considera-se que a partir daí, devido à iminência dos comerciantes perderem suas casas, inicia-se o processo de deslocamento do uso residencial do Saara para outras áreas da cidade.</p> <p>Os impactos provocados por esse arrasamento que destruiu boa parte dessa zona comercial, ficam expressamente evidenciados pela identificação entre os fragmentos urbanos e arquitetônicos remanescentes do conjunto, em ambos os lados da avenida (Rua Marechal Floriano e SAARA), como também pelo rastro de vazios que deixa ao longo de sua extensão.</p> <p>A Rua Marechal Floriano, que até então pertencia à Freguesia do Sacramento torna-se uma estreita faixa fragmentada e tem seu comércio enfraquecido. A região do Saara foi mais favorecida nesse ponto, pois embora ainda apresente uma faixa de vazios que o acompanha por quase toda sua extensão na Avenida Presidente Vargas, manteve-se como uma parcela maior dessa divisão, mais tarde conseguindo se consolidar como núcleo comercial.</p> <p>A construção da avenida foi um marco na memória de vários imigrantes do Saara, pois causou grandes mudanças nas suas vidas pessoais e comerciais. Muitos faliram, pois tinham suas lojas nas ruas que foram eliminadas e outros transferiram seus negócios para</p>	<p>Até os anos 50 os sobrados reuniam negócios e residências. Embaixo as lojas, atrás ou em cima as moradias, que abrigavam muitas vezes mais de uma família. Quase todos os prédios tinham escadas na frente que dava acesso independente ao segundo andar.</p> <p>A mudança do sistema de vendas mudou também o aspecto das ruas, com a proibição do trânsito de veículos nas ruas estreitas e as mercadorias passaram a ser colocadas em bancas do lado de fora das lojas para atrair os fregueses.</p> <p>A partir da Reforma Passos o centro do Rio passa por um processo de remodelação, que resultou em áreas embelezadas e modernizadas e outras bastante degradadas devido às inúmeras demolições ocorridas em função das intervenções urbanísticas.</p>	 <p>Mapa dos melhoramentos de Passos em 1905. Fonte: Borde, 2006.</p>  <p>Alargamento da Rua Uruguaiana. Fonte: AGCRJ.</p>  <p>Avenida Passos em antes de seu alargamento em 1903. Fonte: CIEC.</p>  <p>Avenida Passos depois do alargamento. Fonte: CIEC.</p>  <p>Rua Buenos Aires em 1904. Fonte: CIEC.</p>

Cronologia	Contexto social, político e econômico	Contexto urbano	O Saara	Forma urbana/ arquitetônica	Iconografia
		<p>O projeto permaneceu durante duas décadas judicialmente aprovado, porém não foi executado, sendo revogado em 1963, durante a gestão do Governador do então Estado da Guanabara Carlos Lacerda. Apesar disso, logo após a publicação do decreto que o aprovou, em 1941, tiveram início os processos jurídico-administrativos de desapropriação dos imóveis, sendo que alguns chegaram a ser demolidos pelo poder público.</p> <p>As diversas intervenções urbanísticas ocorridas na área central a partir do século XX tiveram entre os principais aspectos a erradicação de várias áreas onde existia função residencial, tanto que nos anos 50 essa função torna-se praticamente inexpressivo na área central.</p>	<p>outras ruas nas proximidades. A maior parte dos comerciantes e moradores não eram proprietários dos imóveis e, como inquilinos, foram prejudicados pelo fato de não receberem indenização, além de perderem seus pontos de comércio e freguesia.</p> <p>A construção da avenida ameaçou os comerciantes e estimulou a especulação do solo, ocasionando grandes mudanças na região. Deu início ao esvaziamento do centro como local de moradia, fazendo com que muitas famílias de imigrantes que ali residiam se transferissem para outros bairros da cidade, pois visto que a remodelação desse trecho da cidade havia atingido os fundos da Rua da Alfândega, poderia consequentemente atingir a Rua Senhor dos Passos e assim por diante.</p> <p>As obras de urbanização verificadas na década de 1940 com a abertura da Avenida Presidente Vargas originaram nas suas imediações uma obsolescência em decorrência dessas obras. Os quarteirões formados pelas ruas paralelas e transversais à nova avenida, entre a Rua Uruguaiana, Avenida Marechal Floriano, Praça Tiradentes e Praça da República se degradaram após 1940. Esta área nessa época ainda não estava totalmente integrada à área central, havia um comércio varejista de segunda categoria nas ruas da Alfândega, Senhor dos Passos, Buenos Aires e Avenida Passos. Nessas ruas o comércio atacadista era importante, como também muitas indústrias funcionavam nos prédios assobradados aí existentes, porém ainda era uma área residencial bem expressiva. Constituiu essa área na época um trecho periférico ao centro. Com a desapropriação das construções que deram origem à Avenida Presidente Vargas, os quarteirões limítrofes entraram em degradação. Os prédios desapropriados passaram a ser ocupados por lojas precárias, por escritórios eleitorais. Aqueles que iam sendo demolidos serviam como local de estacionamento para carros. Esta obsolescência trouxe, entretanto uma expansão da área central em direção à praça da república, pois houve um deslocamento populacional para áreas mais afastadas. Assim as ruas da Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires foram se transformando em suas funções e em sua fisionomia, integrando-se à Área Central.</p> <p><b>1941 – Aprovação do Projeto da Avenida Diagonal</b> Apesar do projeto não ter sido executado, iniciou-se um processo para desapropriações tendo ocorrido inclusive algumas demolições na região.</p> <p>Os moradores e comerciantes do local passaram duas décadas a viver sob extremo estado de tensão, devido a constante ameaça do despejo. Mais um fator que incentivava o abandono daquela área central. No início da década de 60 nota-se que a função residencial havia praticamente desaparecido, permanecendo as atividades comerciais, embora com suas características alteradas.</p> <p>É interessante observar nesse contexto que o poder público nunca teve muito interesse por esse espaço da cidade, considerando-o como um lugar antiquado que contradizia com o ideal de desenvolvimento e progresso do centro do Rio. A região da Rua da alfândega era vista como uma área obsoleta e um modelo urbano não muito desejado. A maior parte das renovações urbanas propostas para a região pressupunham o seu desaparecimento e de seus ocupantes e algumas delas nem sequer cogitavam dar lugar a outros tipos de vida mais modernos. No caso da Avenida Diagonal, ela previa apenas a construção dessa agressiva e grande avenida.</p>		 <p>A Avenida presidente Vargas logo depois de sua abertura. Fonte: CIEC.</p>  <p>Projeto da Avenida Diagonal. Fonte: MHN.</p>  <p>Trajeto da linha de metrô – estação Uruguaiana. Fonte: PIT-metrô</p>  <p>Estação do metrô da Uruguaiana em obras. Fonte: PIT-metrô.</p>

Cronologia	Contexto social, político e econômico	Contexto urbano	O Saara	Forma urbana/ arquitetônica	Iconografia
<p><b>Segunda metade do séc. XX</b></p>	<p>Década de 1950: rodoviarismo, construção de auto-estradas e viadutos e verticalização das construções. Surgem os primeiros subcentros para as camadas de mais alta renda na Tijuca e Copacabana.</p> <p>Década de 1960 – transferência da capital do país para Brasília o que contribuiu para a diminuição do poder econômico da cidade, atingindo o centro, onde grande parte da burocracia federal estava localizada.</p> <p>Década de 1980 – acentua-se o processo de decadência do centro do Rio, em função da concorrência representada por outros subcentros da cidade. Várias empresas de grande porte deixaram a área.</p> <p>Em função da crise econômica gerada a partir desse processo, que deixou um grande número de desempregados e dificultou o acesso de jovens ao emprego, surge a intensificação do comércio ambulante.</p> <p>1984 - Projeto Corredor Cultural: surge como um paradigma no campo das políticas praticadas na cidade do Rio de Janeiro e de suas repercussões na estrutura sócio-espacial. Rompe com a concepção até então dominante da renovação urbana como meio para atingir-se a modernidade, embasando sua proposta na análise da perda de qualidade ambiental provocada pelas sucessivas tentativas de remodelação ocorridas na cidade, que deixaram um rastro de destruição e incompletude por onde passaram.</p> <p>A concepção de patrimônio cultural toma novos rumos, pois deixa de considerar passíveis de preservação apenas os monumentos, obras de arte e prédios de extrema relevância arquitetônica, passando a dar mais importância ao aspecto social e aos bens materiais e imateriais que serviram de referência na construção da identidade dos locais e da cidade.</p>	<p>A partir da década de 40 acentuou-se o crescimento da cidade em direção à Zona Sul. Surgem as novas centralidades.</p> <p>Em meados da Década de 1950 intensificam-se as ações de renovação urbana que já ocorriam desde o início do século. A primazia do transporte individual levou à abertura de vias expressas por entre tecidos antigos, que provocou demolições e alterações na forma e na função de diversos bairros e em especial na área central. Intensificou-se a perda de população residente, chegando a ser proibida na década de 1970 a construção de unidades residenciais na área comercial e financeira.</p> <p><b>1970 - Implantação do sistema de metrô:</b> com suas obras iniciadas no jardim da Glória e na Avenida Presidente Vargas junto à estação D. Pedro I, inaugura seu primeiro trecho de operação comercial em 1979, contando com 5 estações: Praça Onze, Central, Presidente Vargas, Cinelândia e Glória. A implantação desse sistema trouxe não só benefícios para uma parcela da população que teve sua mobilidade facilitada, como também facilitou o acesso ao centro da cidade. Em 1980 inaugura-se a estação Uruguaiana, que veio a diminuir a distância entre Cinelândia e Presidente Vargas, e no ano seguinte a estação Carioca gerando mais dois pontos de acesso à área do Saara.</p> <p>As obras do metrô proporcionaram uma considerável reformulação da superfície urbana. Algumas das áreas atingidas pelos distúrbios foram devolvidas à população acriscidas e restituídas à paisagem urbana, outras se constituíram em vazios urbanos.</p> <p>A Rua Uruguaiana foi transformada em área de pedestres, servindo de ligação entre o Largo da Carioca e a parte norte do núcleo central, ou seja, a região dominada pela Presidente Vargas. Escolhida na época do estudo de viabilidade do metrô servindo de ligação entre o Largo da Carioca. Essa via foi restituída como um passeio, livre de tráfego pesado e que por sua estratégica localização entre duas importantes estações de metrô, havia uma grande expectativa de crescimento, além de proporcionar maior comodidade aos usuários que nela circulam.</p> <p>A área onde hoje se localiza o Camelódromo da Uruguaiana permanece vazia por alguns anos, sendo mais tarde, na primeira gestão do Prefeito César Maia, concedida aos ambulantes como forma de tentar resolver essa questão.</p>	<p>A partir do início da década de 1960 verifica-se a entrada dos chineses na região do Saara</p> <p><b>1962 – Criação da SAARA:</b> formou-se a primeira diretoria da Sociedade dos Amigos e Adjacências da Rua da Alfândega, abrangendo o quadrilátero formado pelas ruas da Alfândega, dos Andradas, Buenos Aires e Praça da República. O surgimento da sociedade se deu em consequência da preocupante situação por que passavam os comerciantes do local, que no decorrer de duas décadas, vinham sendo desapropriados e ameaçados de despejo, em função dos projetos da Avenida Presidente Vargas e da Avenida Diagonal. A sociedade veio a representar oficialmente o interesse coletivo, surgindo como uma iniciativa de resistência social, de reversão do quadro de insegurança quanto à sua sobrevivência no local. Fazia parte dos objetivos da sociedade a auto-gestão dos aspectos cotidianos relacionados ao funcionamento da atividade comercial, como os serviços de limpeza urbana, segurança e comunicação, entre outros, reforçando assim sua coesão e o interesse comum dos comerciantes do lugar.</p> <p><b>1984 – Projeto Corredor Cultural:</b> transformado em lei municipal de preservação e revitalização do centro, instituiu a preservação do conjunto arquitetônico do Saara, como também outras áreas do centro da cidade. Além disso, o projeto propôs a recuperação de espaços públicos, com iluminação e a transformação de ruas destinadas ao uso de pedestres, como também, através de sua legislação e normas, orientar a inserção de novas construções.</p> <p>O Saara passou a ser visto como um conjunto, pois isoladamente os prédios não tinham valor excepcional. Isso reforçou ainda mais a leitura dessa área como um todo, arrematando assim as décadas de resistência dos comerciantes do local ante as políticas de modernização e remodelação da cidade. A implantação do projeto repercutiu positivamente na área. No final da década de 80 cerca de 30% das fachadas do Saara já haviam sido recuperadas.</p>	<p>A partir da década de 1950 com o rodoviarismo rompe-se de vez o precário equilíbrio espacial do centro. As calçadas são estreitadas, as ruas novamente alargadas e sobre os despojos do velho casario as construções se verticalizam. São construídos prédios de aparência internacionalizada e pouco diversificada.</p> <p>As configurações espaciais resultantes das intervenções urbanísticas realizadas na área central ao longo deste século, resultaram na descaracterização de ambientes, eliminando referenciais simbólicos de identificação da população com os locais que vivenciavam.</p> <p>Durante as décadas de 1960 e 1970, o centro do Rio passou por um processo de intensa verticalização. Edifícios modernos e prédios antigos, grandes avenidas de tráfego intenso e estreitas ruas de pedestres convivem e se articulam, retratando uma viva documentação da história carioca.</p> <p>Ocorreram alterações na aparência dos prédios do Saara. Domina entre os comerciantes a tendência de cobrir as fachadas, parcial ou totalmente, com letreiros e placas, como forma de conferir ao local um aspecto de modernização.</p> <p>Após a década de 80, a partir do Corredor Cultural, cerca de 30% das fachadas já haviam sido recuperadas, revelando suas características ecléticas e dando maior homogeneidade arquitetônica ao Saara.</p> <p>Cenário urbano que configura o centro do Rio no final do século XX: Área central de negócios restrita, densa de edificações modernas e que abriga atividades financeiras de grande porte ao longo das avenidas largas e ruas regulares do espaço renovado.</p> <p>Diversas áreas contíguas ao centro financeiro nas quais predominam o casario eclético e o pequeno comércio diversificado em ruas estreitas que resistiram às inúmeras intervenções deste século.</p> <p>Os lugares públicos, praças e largos totalmente comprometidos pela circulação de veículos que ocuparam quase todos os locais disponíveis com pistas e estacionamentos.</p>	 <p>O Saara na década de 80: Avenida Passos. Fonte: CIEC.</p>  <p>Casarões do Saara: Rua Buenos Aires. Fonte: autora, 2007.</p>  <p>O Saara hoje: Rua Senhor dos Passos. Fonte: autora, 2007.</p>  <p>Rua da Alfândega: notória marca entre 2 épocas. Fonte: autora, 2007.</p>



Esta etapa se propõe elaborar uma análise urbana do Saara, tal como ele se configura atualmente, sob os aspectos culturais, funcionais e formais, tendo em vista a caracterização das potencialidades e das principais carências da área.

A análise está estruturada em dois níveis, nos quais serão observados, num primeiro momento, seus aspectos culturais, mostrando as principais particularidades que fazem com que essa área se diferencie das demais do centro. Depois disso, parte-se para uma análise espacial mais detalhada, onde são apresentados todos os dados e levantamentos referentes à área como se encontra atualmente, chegando a um diagnóstico que apontará os locais potenciais e as principais recomendações para as propostas de intervenção.

### 2.1. Estrutura urbana da Área Central

A mobilidade espacial é uma das marcas da urbanização do Rio de Janeiro. Ao longo do tempo, a cidade deslocou sua direção de expansão, em função dos interesses políticos das elites, deslocando também a direção de expansão de seu centro<sup>14</sup>. Esse processo fez com que a configuração espacial da área central do Rio de Janeiro se constituísse e se consolidasse através da formação das diferentes centralidades<sup>15</sup>, que foram instituídas ao longo do tempo até atingirem sua conformação atual.

A área central do Rio de Janeiro ocupa, atualmente, praticamente a mesma superfície ocupada pela cidade inteira no início do século XIX. A morfologia desta área está fortemente relacionada à sobreposição das diferentes camadas históricas do tecido urbano, que pode ser lida na heterogeneidade tanto nas construções quanto nas ruas. Sua forma urbana assim, representa o reflexo da complexidade das diversas funções que abriga e da sua evolução.

No que diz respeito ao traçado das ruas, verifica-se que a estrutura da área central, de topografia plana, está disposta num traçado reticulado e praticamente regular que se desenvolve a partir da Rua Primeiro de Março (primeira rua e principal artéria até o século

---

<sup>14</sup> MAGALHÃES, 2001: 1.

<sup>15</sup> Largo do Paço no período colonial, Campo de Santana no período imperial e Praça Marechal Floriano república (SISSON: 1983).

XIX) e da Avenida Rio Branco<sup>16</sup>. Paralelas ao mar e situadas entre o morro de São Bento e a região do Castelo, a partir delas se dispõem as ruas transversais, mais longas, e que se estendem até o Campo de Santana. Entre elas destaca-se a Av. Presidente Vargas, aberta na década de 1940 e que se tornou o grande eixo de ligação da cidade em escala metropolitana.

Quanto à largura das vias, a morfologia da área central apresenta-se bastante diversificada. Verifica-se que existem vários tipos de vias com diferentes comportamentos, tanto no que diz respeito à largura quanto à funcionalidade<sup>17</sup>. Num primeiro momento, verificam-se as grandes artérias, as avenidas que partem do centro dando acesso às zonas norte e sul, com tráfego intenso e com pouca atividade comercial. Como exemplos pode-se citar a Avenida Rio Branco e a Presidente Vargas como as principais artérias da área central, assim como as avenidas que a contornam e dão acesso aos bairros e periferia, como a Avenida Beira Mar, a Via Perimetral e a Avenida Rodrigues Alves.

É possível identificar quanto à largura, 3 tipos de ruas:

- As ruas largas, com mais de 10 metros, não muito numerosas, mas extremamente importantes, pois são geralmente caracterizadas como ruas comerciais, como por exemplo, a Rua Uruguaiana, a Avenida Passos, a Rua Sete de Setembro e a Rua da Carioca, entre outras.
- As ruas estreitas, medindo de 4 a 10 metros, são predominantes na área central. Datadas do início da expansão da cidade, passaram por várias transformações funcionais, porém não sofreram muitas mudanças em seu aspecto formal. A maioria delas são ruas de pedestres, com calçadas estreitas, gabarito de edificações baixas e extremamente comerciais. Dentre elas destacam-se a Rua do Ouvidor, a Gonçalves Dias, a Alfândega e a Buenos Aires.
- As ruas muito estreitas, remanescentes da época colonial, com aproximadamente 3 metros de leito e localizadas no trecho mais antigo do centro, ou seja, nas imediações do velho núcleo, nos arredores da Praça XV e da Rua Primeiro de Março.

Assim como a heterogeneidade das ruas e das construções da área central, verifica-se a heterogeneidade das suas funções. Porém, essa heterogeneidade, se observada a área como um todo, acaba por configurar núcleos que apresentam uma frequência maior das mesmas funções, o que leva ao conceito de setores homogêneos dentro de uma área heterogênea. Esses setores podem ser considerados como centralidades que possuem

---

<sup>16</sup> IBGE/CNG, 1967: 29.

<sup>17</sup> Ibid.

características específicas, diferenciadas e contraditórias no que diz respeito tanto à morfologia, como à funcionalidade e às dinâmicas sociais. Na área central do Rio de Janeiro pode-se distinguir as seguintes centralidades:

- A centralidade **cultural**, na área compreendida nos arredores da Praça XV, em direção à Av. Presidente Vargas, onde estão localizados vários centros culturais, como o Centro Cultural Banco do Brasil, a Casa França-Brasil, O Centro Cultural dos Correios e o do Paço Imperial.
- A centralidade **financeira**, caracterizada pela Avenida Rio Branco e seus altos edifícios comerciais onde se percebe a concentração de atividades financeiras e de negócios;
- A centralidade **comercial**, materializada pela área do Saara, que se configura desde o século XIX como o mais importante núcleo de comércio varejista e atacadista da cidade;
- A centralidade de **transportes**, caracterizada pela conjunção da Avenida Presidente Vargas com a Estação Central do Brasil, que abriga além da estação de trem, uma estação de metrô e um terminal de ônibus, configurando-se como importante eixo de conexão metropolitana da cidade;

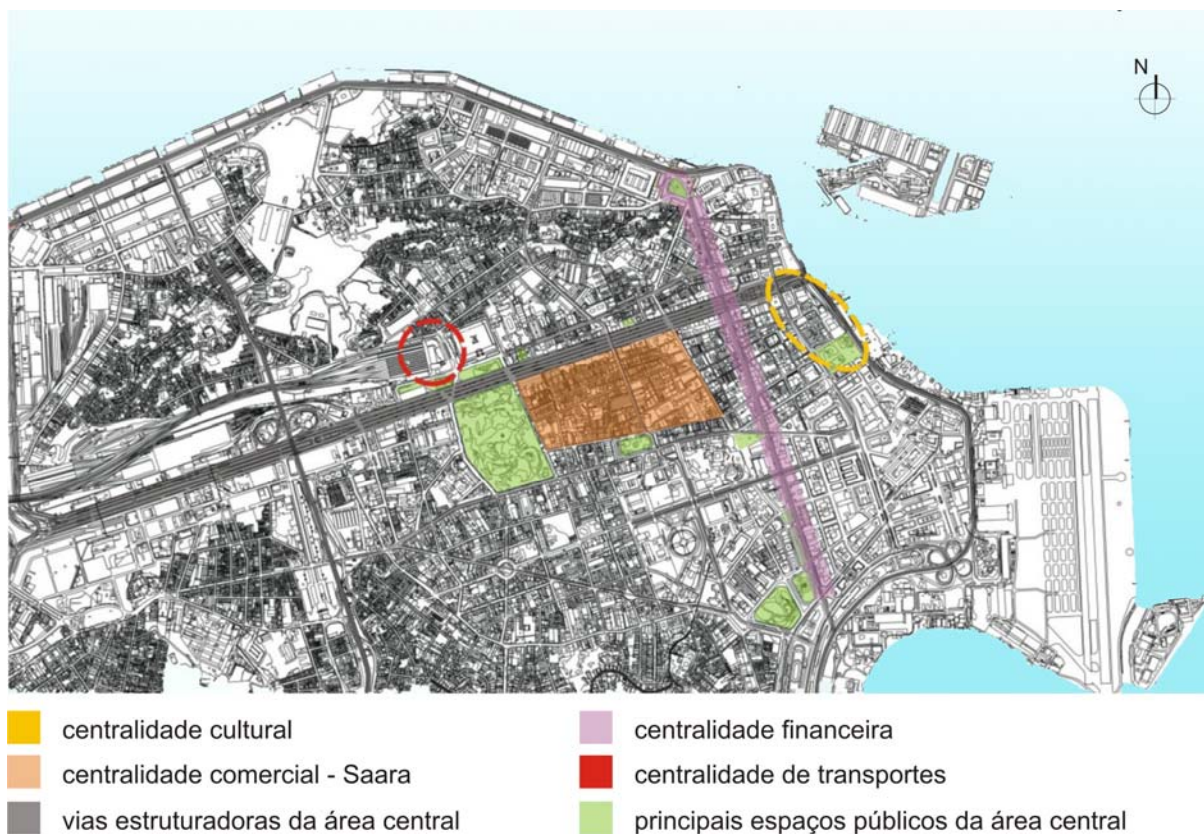


Ilustração 2. A área central e suas centralidades. Fonte: autora, 2007.

Essas centralidades se apresentam bem nítidas dentro da estrutura da área central. Outras funções da área central, apesar de atuantes, não chegam a caracterizar setores especializados. A especificidade de cada uma dessas centralidades é o elemento principal que nos permite delimitar e caracterizar a área central no contexto geral da cidade do Rio de Janeiro.

## **2.2. O Saara no contexto da Área Central**

O Saara se insere no centro do Rio, como uma importante centralidade, devido ao seu uso comercial muito intenso, consolidado ao longo dos anos. Seu comércio é bastante diversificado, oferecendo uma variedade imensa de lojas de todos os tipos, capazes de satisfazer todos os gostos e necessidades. Uma gama de produtos que podem ser vendidos tanto no atacado quanto no varejo.

Esta área, que se configura como a principal área de comércio popular carioca, foi se constituindo quase que espontaneamente através das diversas etnias de imigrantes que ali se instalaram, principalmente árabes, judeus e chineses. Atraídos pelos baixos preços dos aluguéis dos sobrados e pela possibilidade de exercerem seu comércio no térreo e morarem no andar superior, esses imigrantes foram se estabelecendo a partir do início do século XX e consolidando a área como um reduto étnico no centro do Rio de Janeiro.

Serão analisadas aqui as principais características que constituem o Saara e que fazem dele um lugar tão singular no contexto urbano da área central do Rio de Janeiro.

### **O comércio**

“O maior e mais antigo shopping center do Brasil”, é assim que os próprios comerciantes do Saara definem seu espaço, este importante núcleo varejista do Rio de Janeiro, referência do centro e da cidade. O Saara é um evento. Do momento em que as portas se abrem até o momento em que elas se fecham, a sensação que se tem é a de uma grande festa. Ruas coloridas e lotadas de gente dos mais diversos tipos que perambulam por todos os cantos, num entra e sai constante das lojas, ao som da rádio Saara que, com música e propaganda das lojas locais, acaba se misturando ao ruído causado pelos pregoeiros chamando os clientes e anunciando sempre as últimas ofertas. Comércio, movimento, algazarra, confusão: é assim que o Saara é percebido num primeiro momento.

Um comércio popular de aparência simples, feito no pavimento térreo das lojas, mas que segue uma certa lógica, instituída há algumas décadas pelos imigrantes de origem árabe e judaica que ali se estabeleceram. Uma atividade comercial feita de forma diferente, tumultuada, bagunçada, como dizem alguns consumidores que por ali transitam, sem sequer imaginar que aquele já foi um lugar bem menos eclético e confuso, onde as ruas eram tranqüilas, as lojas à meia-porta, vendiam basicamente artigos por atacado para uma clientela masculina que vinha de todo o país para abastecer seus comércios com as compras no atacado de tecidos e armarinho da Rua da Alfândega, “a Rua dos Turcos”<sup>18</sup>.

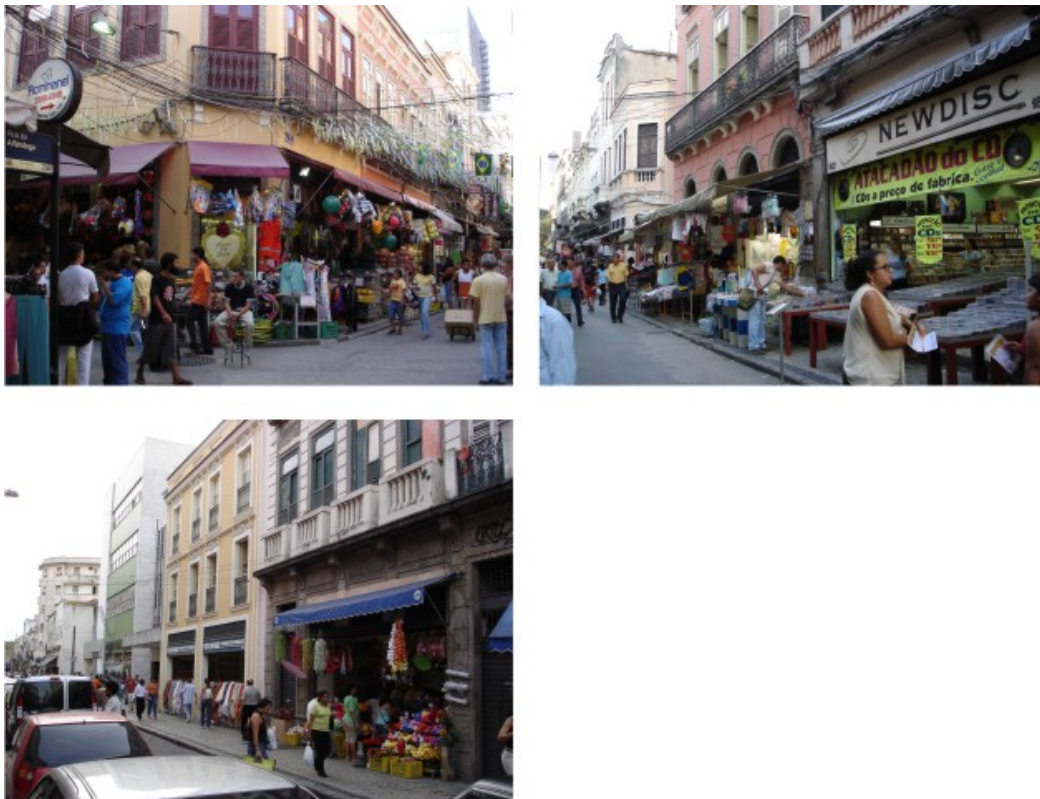
Quem vai às compras no Saara, procura variedade de produtos e os preços baixos oferecidos pelo comércio local. Nesta região, que também é um caminho para a população que vem da Central do Brasil em direção aos centros de trabalho e financeiro da cidade, passam diariamente milhares de pessoas que andam pelas ruas de pedestres e disputam as estreitas calçadas com as bancas colocadas na frente das lojas<sup>19</sup>, exibindo uma infinidade de mercadorias dos mais variados tipos e para os mais variados gostos. O público que freqüenta as ruas do Saara é bastante diversificado, pois assim como os trabalhadores que vêm dos subúrbios e seguem a caminho do centro, também os moradores da zona norte e da zona sul freqüentam a área.

A característica competitiva do comércio varejista da área manifesta-se através da concentração, em determinados trechos de ruas, de lojas de artigos semelhantes. Pode-se notar certa especialização comercial nas ruas do Saara, com o agrupamento de atividades similares, como por exemplo, na Rua da Alfândega o comércio de artigos de vestuário, na Rua Senhor dos Passos a concentração de lojas de bijuterias e de artigos para festas e brinquedos, na Rua república do Líbano o comércio de artigos e equipamentos eletrônicos, e assim por diante.

---

<sup>18</sup> RIBEIRO, 2000: 28.

<sup>19</sup> Segundo RIBEIRO (2000:27) a inexistência de vitrines em algumas lojas do Saara e as bancas - que passaram a existir a partir da década de 1960 quando é introduzido o comércio varejista na região - é um dado importante no Saara, pois permite o contato direto entre o consumidor e mercadoria tão comum à espacialidade comercial árabe e, sem dúvida, aos códigos culturais desse grupo.



**Ilustração 3. Principais ruas comerciais do Saara. Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires.**

Fonte: autora, 2007.



**Ilustração 4. Especialização das ruas do Saara. O comércio de roupas na Rua da Alfândega e de festas e brinquedos na Senhor dos Passos. Fonte: autora, 2007.**

## Os imigrantes e a identidade cultural do espaço

O Saara é o único local do Rio de Janeiro que pode ser caracterizado como reduto étnico, pois ali se reuniram ao longo do último século, além dos portugueses, sírios, libaneses e judeus, os imigrantes espanhóis, armênios, gregos, chineses e coreanos<sup>20</sup>.

É pertinente também pensar o conceito de território cultural no sentido de que esta área é “uma porção do espaço urbano impregnada culturalmente”<sup>21</sup> pelas diversas etnias que ali se instalaram.

No Rio de Janeiro os imigrantes sírios e libaneses se transformaram e se adaptaram às suas novas condições de vida, ao mesmo tempo em que constituíram no Saara uma territorialidade com marcas expressivas de sua cultura, pela qual lutam e disputam cotidianamente. Isso fica demonstrado quando, apesar da entrada de outros imigrantes, esse lugar continua sendo um lugar árabe na cidade. A presença de chineses, portugueses, gregos e espanhóis associada à de outras culturas, numa relação de experiências compartilhadas, fizeram e fazem do Saara uma paisagem singular no Rio.

Hoje em dia apesar dessas outras etnias virem abrindo seu espaço, ainda não são tão significativas. A presença mais expressiva entre elas é a dos orientais, que já constituem 10% do total das lojas do Saara<sup>22</sup>. O fato pode ser constatado devido ao crescente aumento das lojas de artigos de festas e brinquedos que foram por eles introduzidas na área.

O Saara sintetiza uma feliz junção entre espaço físico e a população que dele se apropriou. Mais do que isso, pode-se dizer que esse encontro do espaço e da população foi benéfico para os dois, pois foi o grupo culturalmente organizado que lutou pelo espaço e se organizou, garantindo assim a vitalidade da área.

Essa configuração espacial, que já existia previamente, se tornou adequada para que os grupos de imigrantes árabes e judeus, num processo cotidiano de reelaboração, o constituíssem como um espaço da expressão de suas identidades culturais. Segundo Ribeiro, “o espaço do Saara muito se assemelha a um *suk* marroquino ou a mercados encontrados em Istambul e em países árabes”<sup>23</sup>. Mesmo sendo o Saara marcado por características ocidentais e, apesar de ser um espaço bem esquadrihado<sup>24</sup>, há semelhanças entre eles que justamente apontam para uma forma cultural de comerciar e de

---

<sup>20</sup> WORCMAN, 2000:9.

<sup>21</sup> VAZ e JACQUES, 2006:75-77.

<sup>22</sup> Dado fornecido pelo presidente da SAARA Ênio Bittencourt. Engloba na categoria árabe os sírios, libaneses e judeus. Os orientais são os chineses e coreanos e os outros são portugueses, espanhóis, brasileiros, entre outros.

<sup>23</sup> RIBEIRO, 2000: 37.

<sup>24</sup> Bem diferentes dos suks, onde não há alinhamento das ruas.

organizar o espaço. No Saara o que se observa é uma vivência típica dos *suks* e dos mercados árabes, com seu burburinho e suas lojinhas, muitas vendendo as mesmas mercadorias e tantas outras amontoadas e expostas nas entradas das lojas. “A mercadoria aos olhos do consumidor é uma boa forma de promover as vendas no Saara e colocá-las ao alcance físico da clientela, para que possa pegar e sentir, é muito mais vantajoso”<sup>25</sup>.

Esse modo de convívio, caracterizado no espaço, é determinado por uma prática “da ordem do vivido” que nele ocorre e, portanto, do cultural. Estas práticas foram propícias para o estabelecimento desses grupos que, em seu cotidiano, moldaram o espaço de forma a expressar a sua identidade cultural no país emigrado.

O resultado do encontro entre o espaço e o grupo que dele se apropriou pode ser analisado do ponto de vista urbanístico como o faz Annabella Blyth que considera que há “estrito vínculo entre o suporte físico construído pela malha viária e pelas formas arquitetônicas, e o tipo de atividade nele desenvolvidas”. Esta relação é considerada por ela, com razão, como “um sistema no sentido de que a existência de um depende e, por outro lado, garante a existência do outro”<sup>26</sup>.

Assim, a identidade cultural do Saara fica evidenciada nas práticas e nos processos sociais que constroem as relações que ali se dão - a coesa atividade comercial e o convívio pacífico entre as diversas etnias ali instaladas – materializados no espaço pela entidade SAARA.

## **A SAARA**

A Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega - SAARA - criada em 1962, tornou-se de tal maneira popular que passou a identificar todo o trecho do centro do Rio, nas proximidades das ruas dos Andradas, Alfândega, Buenos Aires e Praça da República. Ao lermos com atenção, verifica-se que o nome da sociedade exclui a rua principal, a Alfândega. Foi um esforço dos fundadores para que a sigla estabelecesse uma relação com o grupo étnico, com o objetivo de ser reconhecido e também se reconhecer<sup>27</sup>.

Até hoje a sociedade atua gerenciando os serviços de limpeza das ruas, segurança, ambulância, banheiros públicos, estacionamentos e veículos de propaganda<sup>28</sup>, entre outros. A sociedade defende, ainda, os interesses locais e possui voz pública, apesar do fato de muitas lojas cadastradas na área não pagarem a mensalidade<sup>29</sup>. A sua estrutura

---

<sup>25</sup> Ibid: 38.

<sup>26</sup> 1991: 70.

<sup>27</sup> WORCMAN, 2000: 10.

<sup>28</sup> A sociedade dispõe de uma rádio, a Rádio SAARA, uma revista SAARA Informa e uma página na internet ([www.saara-rj.com.br](http://www.saara-rj.com.br)).

<sup>29</sup> Segundo entrevista com o Presidente da SAARA Sr. Ênio Bittencourt, em 10/10/2006.



organizativa é claramente representada no espaço, pelo contraste que estabelece com a área em torno, gerida pelo poder público. Como exemplo disso, no Saara não são permitidos camelôs ou ambulantes e os seguranças garantem essa determinação.

Apesar da desordem física do local, notada num primeiro momento, pode-se perceber que o funcionamento da área se dá dentro de certa lógica estabelecida pela associação, que organiza as práticas ali desenvolvidas e proporciona suporte ao comércio e ao público que utiliza o local.

Dessa forma não custa reafirmar que a fundação da SAARA reforça os laços de identidade do grupo em relação à sua territorialidade. Estes laços têm como uma de suas maiores expressões a sua denominação, que foi convenientemente escolhida para demarcar sua fronteira na cidade.



Ilustração 5. S.A.A.R.A. – Logotipo da Associação e placas colocadas nas ruas. Fonte: CIEC e autora, 2007.

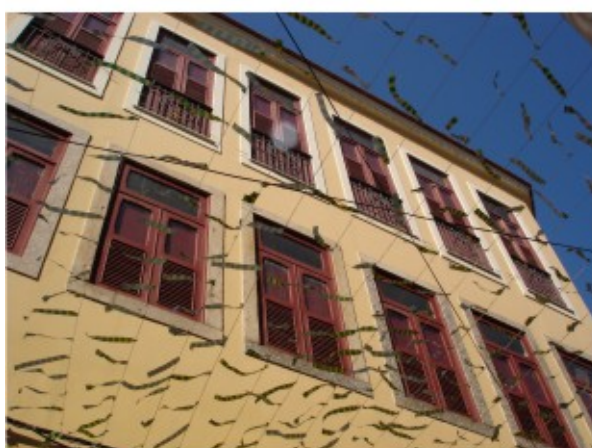
### Festas e religiosidade

A mistura étnica faz com que convivam no Saara uma variedade de religiões. Os sírios libaneses são na sua maioria, cristãos maronitas ou greco-ortodoxos e em menor número muçulmanos. Os judeus já tiveram uma sinagoga na região, que hoje não existe mais, e os chineses dividem-se em budistas e cristãos<sup>30</sup>.

As datas festivas e comemorativas são anunciadas de maneira marcante nas lojas do Saara. Pode-se adivinhar a próxima sem olhar no calendário. É a Páscoa, o Dia das Mães, o Dia dos Namorados, Cosme e Damião, São João, o Dia dos Pais, Dia da Criança, Halloween e finalmente o Natal. Nessas datas as ruas do Saara se enfeitam de acordo com a comemoração e as lojas ficam repletas de produtos que possam satisfazer as

<sup>30</sup> Informação obtida em pesquisa aos documentos do Arquivo de Cultura Contemporânea do Fórum de Ciência e Cultura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

necessidades dos consumidores. Outras datas que também são reverenciadas no Saara são o Iom Kipur (Dia do Perdão), a mais importante data judaica, quando as lojas de judeus fecham as portas e o Ano Novo Chinês, que já foi comemorado até com desfile típico, com o dragão à frente<sup>31</sup>. Também a Copa do mundo veste as lojas e as ruas de verde e amarelo, com camisas, trombetas e bandeiras que são vendidas em quase todas as lojas.



**Ilustração 6. Saara - ruas decoradas em diferentes datas comemorativas.** Festas Juninas, Copa do Mundo e Carnaval. Fonte: autora, 2007.

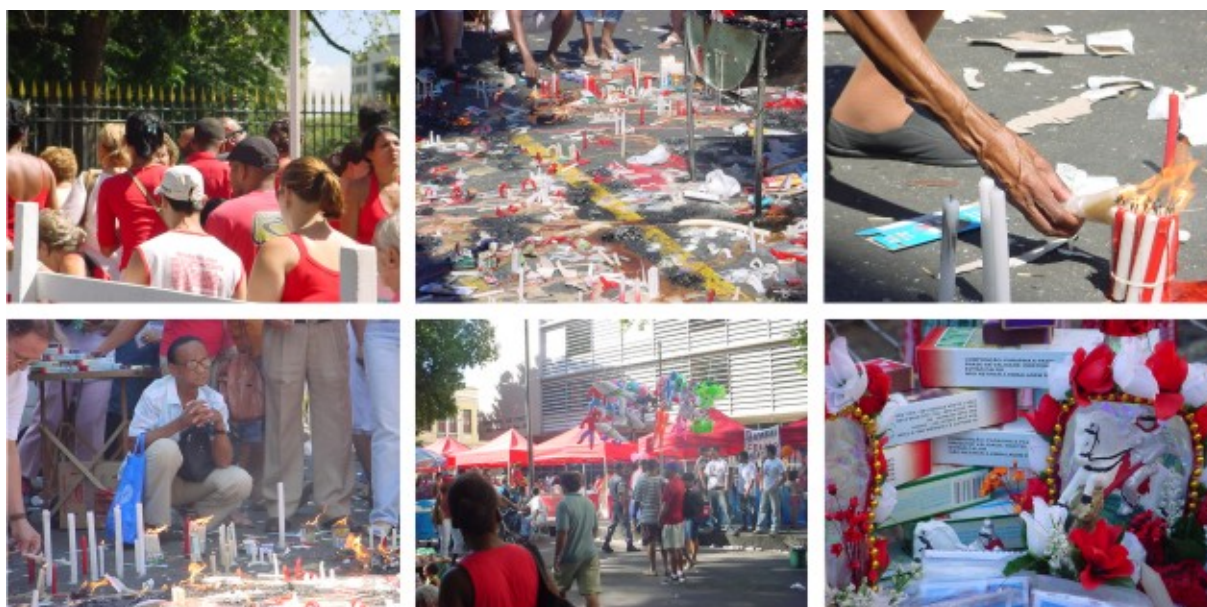
Porém, o maior evento esperado pelo comércio é o Carnaval. Sem as lojas do Saara, dizem os carnavalescos, não se fazem os desfiles do Rio. Plumas, paetês, miçangas e mais tudo o que se possa imaginar estão à venda nas lojas, prontos para serem transformados nas mais deslumbrantes fantasias que fazem a festa nas escolas de samba do Rio. Cabe salientar também que é no Saara que se abastecem em grande parte as indústrias do cinema e da televisão, dada a grande variedade de produtos ali encontrada para a utilização em cenografia e produção de arte.

A maior festa religiosa realizada no Saara é a festa de São Jorge, todos os anos no dia 23 de abril na Igreja de São Gonçalo Garcia e de São Jorge. “O santo guerreiro, patrono de

---

<sup>31</sup> WORCMAN, 2000:38-40.

muitos libaneses cristãos, desbancou em popularidade São Gonçalo, em honra de quem a igreja foi construída em 1758”<sup>32</sup>. A grande imagem do santo em seu cavalo branco é colocada no centro da igreja, adornada com fitas vermelhas e brancas e, desde a madrugada, os fiéis tomam as ruas e as enfeitam com as cores do santo: nas roupas, nas velas, nas flores e nas fitas vendidas ao redor da igreja. Grandes velas são acesas pelos fiéis no pátio e nas ruas que a cercam e as ceras derretidas se misturam, criando desenhos vermelhos e brancos nas calçadas. A igreja fica lotada desde 5 horas da manhã para a “Alvorada” com banda de música. A missa é comemorada com lindos e fervorosos cânticos entoados por cristãos, umbandistas e pela população adepta do candomblé, que festejam juntos o santo mais sincrético da igreja católica. Do lado de fora, durante todo o dia, muitas pessoas aguardam em imensas filas sua vez de entrar para fazer pedidos, agradecer as dádivas e festejar o padroeiro.



**Ilustração 7. Festa de São Jorge.** A fila dos fiéis para entrar na igreja, a queima de velas na rua e a estrutura montada para comercializar comida e artigos religiosos. Fonte: Diogo Costa, 2007.

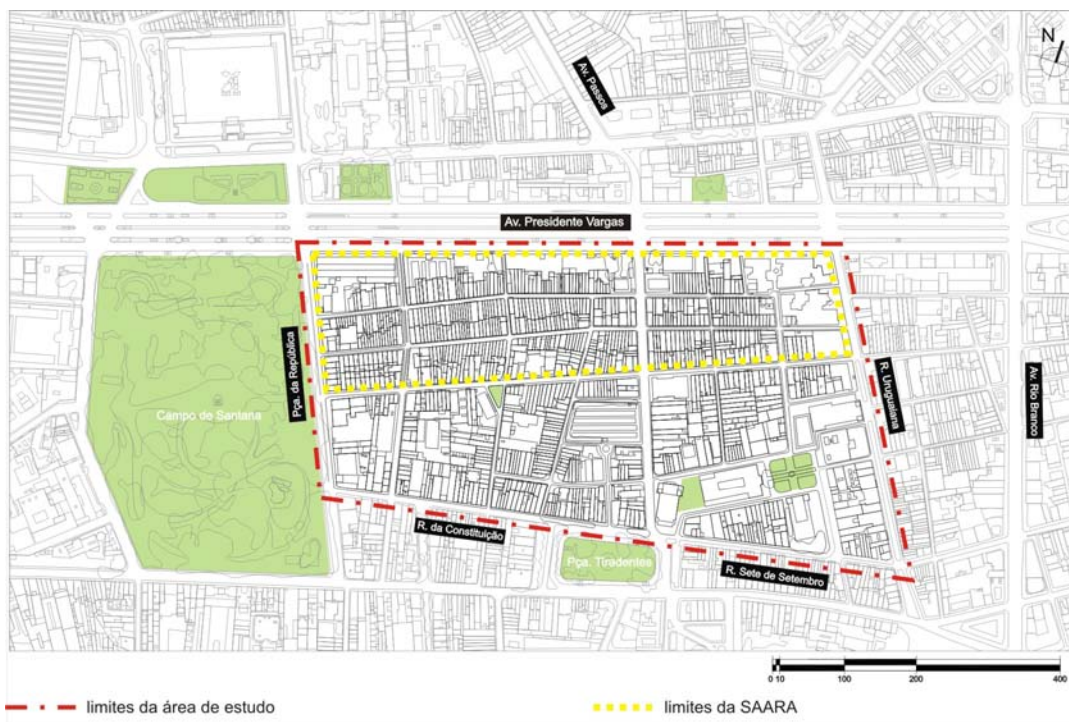
Ressalte-se neste aspecto o papel da religião enquanto elemento de ligação propiciador da solidariedade e da manutenção dos costumes e da identidade cultural dos grupos étnicos. A convivência pacífica e compartilhada entre pessoas de distintas religiões constitui-se em um traço marcante, e é considerado pelos membros do Saara motivo de orgulho e exemplo a ser seguido.

<sup>32</sup> Ibid: 14.

### 2.3. Análise espacial da área

O recorte espacial estudado compreende parte da área urbana central do Rio de Janeiro, mais especificamente o Saara, localizado entre a Avenida Presidente Vargas e a Praça Tiradentes, no sentido norte-sul e entre a Rua Uruguaiana e a Praça da República (Campo de Santana) no sentido leste-oeste. Esta não é a área oficial da SAARA, mas foi assim considerada tendo em vista que a associação pretende expandir seu domínio a esses limites. Atualmente a área da SAARA é delimitada pelas ruas Presidente Vargas, Buenos Aires, Andradas e Praça da República, num total de 11 ruas e 1200 lojas.

Este recorte foi estabelecido levando-se em consideração dois critérios: o primeiro perceptivo, através dos percursos realizados na área onde foram percebidos claros limites que configuravam esta espacialidade como um núcleo que se diferenciava do restante do centro da cidade. O segundo critério que reforçou esta decisão foi constatar a intenção da sociedade SAARA em ampliar seus domínios justamente a este perímetro<sup>33</sup>, o que se confirma ao se observar o mapa da área no site da própria SAARA.



**Ilustração 8. Mapa com a delimitação da área de estudo.** Fonte: autora, 2007.

<sup>33</sup> Em entrevista com o Presidente da SAARA, Sr. Ênio Bittencourt em 10/10/2006.



no local são o PA 10.290 e o PAL 38.871, ambos integrantes do Corredor Cultural, que consiste na subdivisão da área em zonas de preservação ambiental e renovação urbana.

Foi considerada para essa análise a existência dos projetos que incidem no local, o Corredor Cultural e o Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes. Este último apesar de não ter como foco principal a área do Saara, abrange determinadas construções e trechos de rua que se inserem na área estudada.

Para a análise espacial do Saara, foram realizados uma série de levantamentos e seus respectivos mapeamentos, como se verá a seguir:

### Sistema viário

A área de estudo é constituída por 24 vias, entre ruas, becos e travessas. Destas, 10 ruas são destinadas exclusivamente aos pedestres e estão concentradas principalmente no trecho entre a Av. Presidente Vargas e a Rua Buenos Aires, coincidente com a delimitação da SAARA. Seus limites são claramente percebidos, pois as vias que o delimitam apresentam caráter e hierarquias bem diferentes, em relação ao interior da área.

Ao analisar-se a área internamente verifica-se que ela é seccionada por duas vias principais. No sentido norte – sul pela Av. Passos e no sentido leste – oeste pela Rua Buenos Aires. Essas vias possuem uma hierarquia maior que as demais do interior da área, podendo-se assim considerá-la dividida em quatro quadrantes.

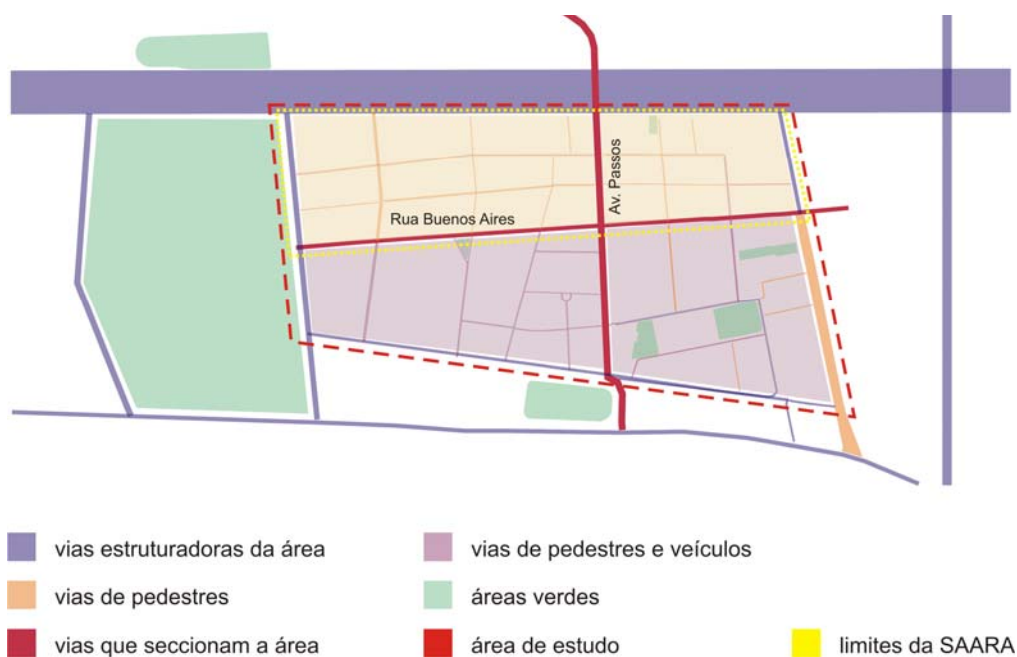
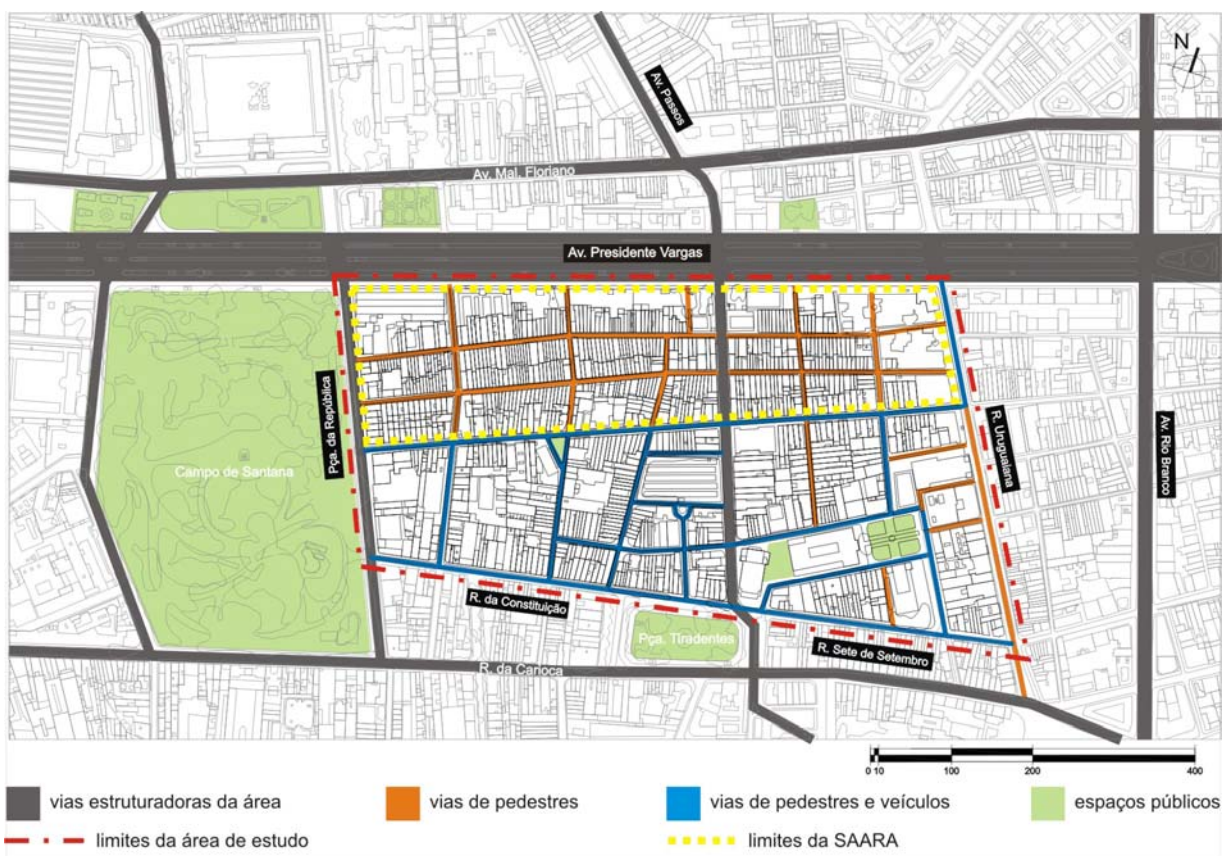


Ilustração 10. Mapa com a divisão da área em 4 quadrantes e suas principais vias.

Esse seccionamento provoca uma ruptura importante principalmente no sentido norte-sul, com a Av. Passos, que é uma via de leito mais largo e de caráter arterial, comportando um tráfego bastante intenso, pois serve como escoamento da Av. Presidente Vargas em direção à zona sul. A ruptura causada por essa via representa uma grande incompatibilidade entre os cruzamentos ao longo desse trecho, sobretudo nos quadrantes superiores, mais próximos à Presidente Vargas, de onde afunila um intenso tráfego, principalmente de ônibus, e onde estão situadas as principais ruas de pedestres.

Já a ruptura causada pela Rua Buenos Aires é de intensidade menor, porém constitui um claro limite entre a zona de pedestres e a de circulação de veículos. Nesse ponto, há um confinamento e até um congestionamento do fluxo de pedestres para as estreitas calçadas, ao longo dessa via. Porém, ultrapassando-se a Rua Buenos Aires em direção à Rua da Constituição, tanto o fluxo de pedestres como de veículos vai se esmaecendo, podendo-se até considerar as vias desse trecho com caráter misto<sup>34</sup>, pois com a diminuição desses fluxos acaba havendo uma interação entre pedestres e veículos que se dá quase que livremente pelo leito e calçadas da via.



**Ilustração 11. Mapa do sistema viário do Saara.** Fonte: autora, 2007.

<sup>34</sup> Observa-se que calçadas e vias servem tanto a pedestres como a veículos.

Como se observa na figura acima, os dois quadrantes superiores compreendem a área pedestrianizada do local, com suas ruas longas e estreitas, apresentando uma continuidade de fluxos, reforçada pelo desenho e a maior regularidade da grelha, em relação ao restante da área. Porém, esse percurso é interrompido no corte provocado pela Av. Passos que funciona praticamente como uma barreira que os pedestres têm que transpor para acessar os dois lados desse trecho.

Já nos quadrantes inferiores, embora a ruptura causada pela Av. Passos permaneça ainda forte, não ocasiona um conflito tão grande devido ao menor fluxo de pedestres e de veículos e também por não haver tão forte incompatibilidade viária como aquela entre as avenidas Passos e Presidente Vargas. Esses dois quadrantes apresentam maior descontinuidade das vias, em função de sua configuração espacial mais heterogênea e pela irregularidade do traçado viário. É onde a área apresenta-se com menor clareza visual, pois não é possível ter uma perspectiva ao longo das vias.

Constata-se assim, que é uma área que tem sua delimitação externa claramente definida e que apresenta um seccionamento interno, que quebra sua unidade e a divide em quatro quadrantes. Essa divisão constitui-se numa contradição, pois embora a Avenida Passos gere uma ruptura muito mais forte no tecido do que a causada pela Rua Buenos Aires, existe uma identificação muito maior e uma relação bem mais expressiva entre os dois quadrantes superiores, que por sua vez são os setores que possuem uma leitura espacial mais clara, do que entre estes e os inferiores do recorte<sup>35</sup>.

## **Fluxos**

Do ponto de vista dos fluxos, primeiramente foram levados em consideração seus pontos de geração, ou seja, partir de onde esses fluxos procedem, para depois se observar a forma como eles se articulam no interior do Saara e também os conflitos gerados a partir deles.

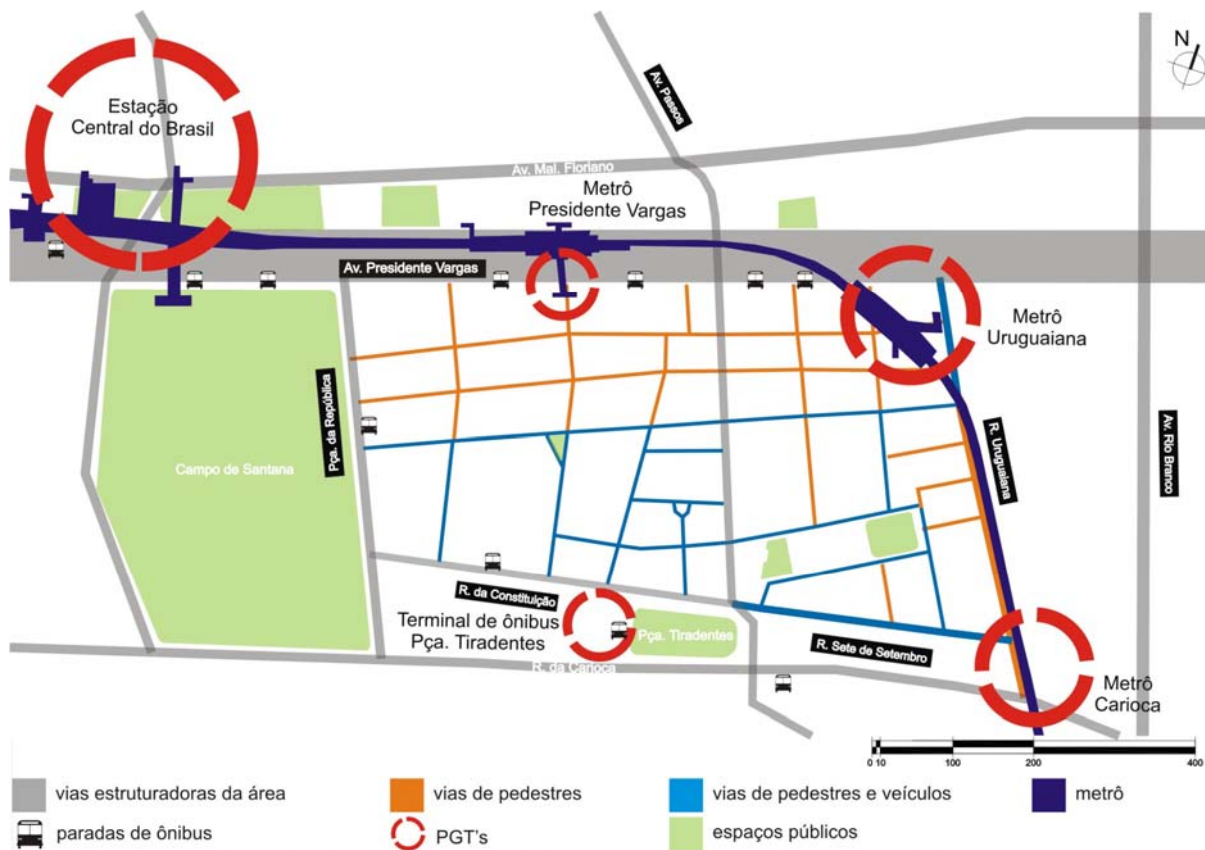
A área do Saara é bem provida em termos de sistemas de transporte coletivo. Deste modo, pode ser considerada como estrategicamente localizada no centro sob o ponto de vista da acessibilidade, pois é possível chegar facilmente a ela a partir de diversos pontos da cidade. Nas suas imediações temos não só as linhas do ônibus e do metrô, como também os terminais de ônibus da Praça Tiradentes e Paulo Fontenelle e a Estação Central do Brasil, que além de abrigar um terminal de ônibus e uma estação de metrô, concentra todos os trens que fazem a ligação do centro com a periferia e com os municípios da Baixada

---

<sup>35</sup> É claro também que essa maior identificação entre os quadrantes superiores, atribui-se ao fato desta área estar consolidada como núcleo densamente comercial e materializada no espaço pela SAARA.



Fluminense. Podemos considerar todos esses pontos citados como pólos geradores de tráfego – PGTs – que incidem sobre a área, pois são eles os responsáveis pela grande maioria dos fluxos atuantes no Saara.



**Ilustração 12. Mapa dos sistemas de transporte da área.** Fonte: autora, 2007.

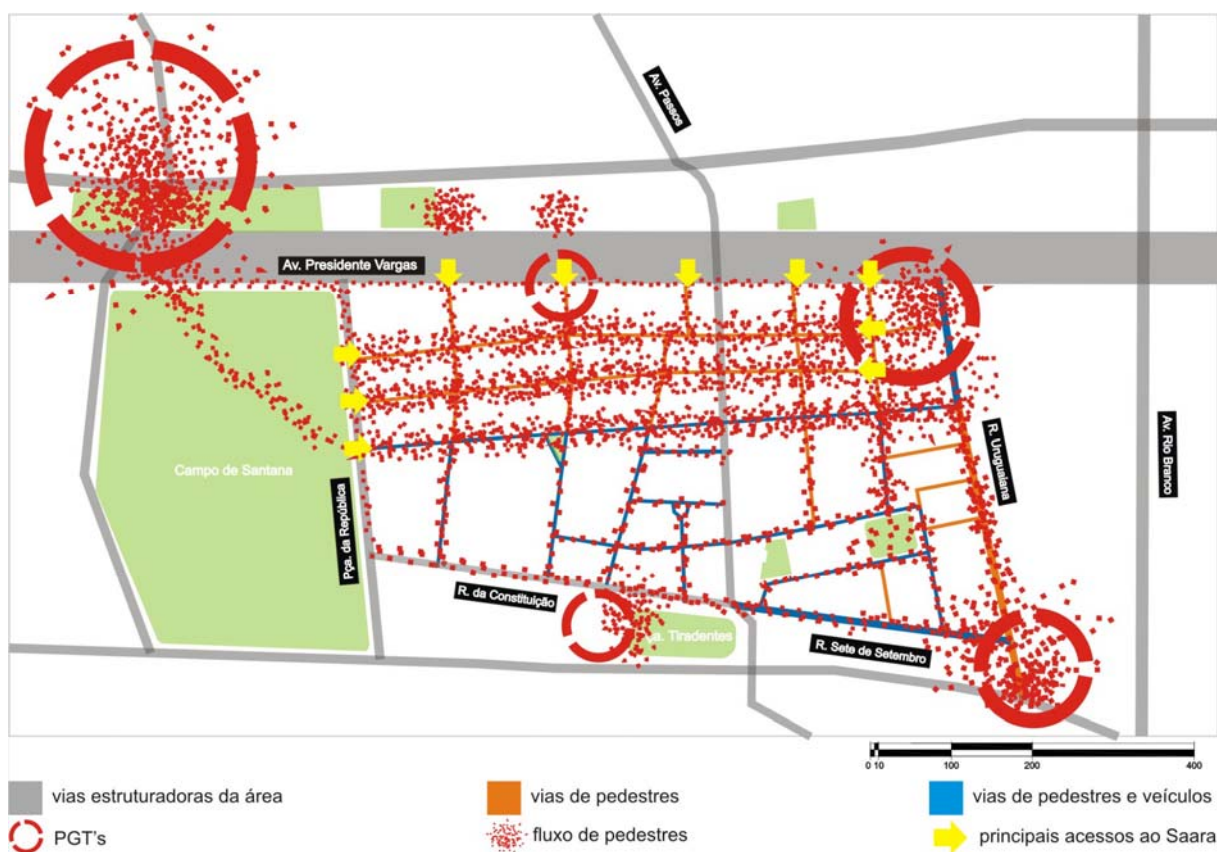
A Estação Central do Brasil é o PGT mais atuante sobre a área do Saara. A partir dela aflui diariamente uma multidão de pessoas vindas dos subúrbios que se deslocam em direção às zonas de trabalho e financeira do centro, a ACN<sup>36</sup>, ou que ali desembarcam para pegar um outro meio de transporte, em direção à Zona Sul. Sendo assim, o Saara se torna o caminho, o corredor por onde trafega essa população.

A Av. Presidente Vargas é outra importante geradora de tráfego para o interior do Saara, por dela derivar um fluxo bastante intenso de pessoas que ali desembarcam provenientes dos mais variados meios de transporte. O fato desses dois casos acima citados incidirem tão ativamente como PGTs na área do Saara é ocasionado devido à grande ruptura provocada por essa avenida. Observável tanto pela largura de seu leito como pela situação espacial desagradável que proporciona ao longo de seus quarteirões, faz com que o pedestre que ali desembarca prefira circular pelo interior do Saara. Essa migração do fluxo da Presidente Vargas para as ruas do Saara, reforça a dinâmica interna da área, mas também faz supor

<sup>36</sup> Área Central de Negócios.

que a função comercial talvez não seja o fator determinante das pessoas que ali circulam. Embora essa suposição seja válida cabe dizer que uma coisa leva à outra, no sentido de que a circulação desses pedestres acaba tornando-os consumidores potenciais dentro da área, tendo eles o consumo estimulado não só pela passagem ocasional, mas também pelos baixos preços, as ofertas e o assédio a que estão expostos.

Ao verificarmos a forma com que esses fluxos se dão e se articulam dentro da área, é notória a diferença que existe entre duas partes do Saara: o trecho da Av. Presidente Vargas até a Rua Buenos Aires e o da Buenos Aires até a Rua da Constituição. Um outro trecho bastante movimentado também é o da Rua Uruguaiana, devido ao fato de ser uma rua para pedestres e estar situada entre as estações de metrô da Carioca e da Uruguaiana. Nesta rua se dá também o principal encontro entre o público do Saara com um mais elitizado que rumam em direção às lojas e os escritórios na direção da Avenida Rio Branco.



**Ilustração 13. Mapa do fluxo de pedestres no Saara.** Fonte: autora, 2007.

O primeiro trecho coincide com a área delimitada pela SAARA e é onde estão concentradas as ruas de pedestres e também as principais ruas de comércio do local. Aliado a isso, a proximidade da Av. Presidente Vargas e da estação de metrô da Uruguaiana, faz com que essa região seja a de fluxo mais intenso e dinâmico do Saara, pois verifica-se a afluência direta dos pedestres provindos tanto das paradas de ônibus e dos estacionamentos da Presidente Vargas, como os que emergem das estações de metrô.

A partir daí, esse fluxo extremamente intenso - podendo chegar a 120.000 pessoas nos dias de maior movimento<sup>37</sup> - se desenvolve linear e preferencialmente ao longo das ruas da Alfândega e Senhor dos Passos, tendo como vias de escoamento, porém não muito menos movimentadas, as suas transversais. A força linear desse movimento é tão grande que embora sofra uma interrupção na altura da Av. Passos, se mantém com a mesma intensidade nos dois lados do Saara, devido à coesa ocupação da atividade comercial nesta região.

Este trecho pode ser considerado como o mais permeável do Saara, e com maior clareza visual, devido à regular configuração dos quarteirões e da malha viária. Constituído por quarteirões mais curtos e com maior frequência de ruas, esta zona possibilita mais opções de escolha de trajetos pelos usuários<sup>38</sup>, o que dinamiza e dá mais fluência aos fluxos. Contudo, a conjugação dos principais usos aí localizados e a grande multidão de pessoas que transitam diariamente, faz com que esses trajetos não sejam nada agradáveis. Embora curtos e com maiores possibilidades, são lentos e congestionados.

No segundo trecho, a partir da Rua Buenos Aires, verifica-se que o fluxo vai se dissipando à medida que se aproxima da Rua da Constituição. Nessa zona já é permitido o tráfego de veículos, porém ele não é muito intenso, o que acaba configurando um fluxo de caráter misto, pois devido à estreita largura das calçadas os pedestres acabam circulando no meio da via e os carros estacionando nas calçadas. As linhas de força dos fluxos também já não são tão claras, pois essa zona apresenta uma configuração espacial diferenciada em relação ao primeiro trecho, havendo quarteirões com dimensões muito grandes e que se diferenciam dos demais, o que resulta num traçado de vias mais irregular. Além disso, esses quarteirões geram longos percursos com menos opções de escolha de trajetos, o que torna essa área mais estagnada, em relação à anterior, no que diz respeito não só à circulação de pessoas, mas também aos usos. Sendo a circulação de pedestres menos frequente, a função comercial fica muito enfraquecida, o que pode ser constatado ao observar que nesse trecho os usos vão se dando de forma diferente, já não está mais configurada aquela unidade comercial do primeiro trecho, e isso influencia muito na questão dos fluxos.

---

<sup>37</sup> Atribui-se essa densidade às datas comemorativas, como próximo ao carnaval, natal, entre outras. Em dias normais em média circulam umas 60.000, segundo o presidente da SAARA Sr. Ênio Bittencourt.

<sup>38</sup> JACOBS, 2000: 198-206.



**Ilustração 14. Fluxos no Saara** – Rua da Alfândega num dia de movimento; fluxo mais tranqüilo na Rua Regente Feijó. Fonte: Le Metro, 2006 e autora, 2007.

A região do Saara por estar muito bem servida em sistemas de transporte coletivo possui uma infinidade de fluxos provindos dos mais diversos pontos. Porém, a partir da análise da área foram identificadas duas escalas de movimento: uma maior proveniente da migração do fluxo da Central do Brasil e da Av. Presidente Vargas para o interior do Saara e outra específica correspondente à dinâmica interna das ruas do Saara. Foi verificado também que a função comercial é um vetor muito importante, mas não determinante para a circulação de pessoas, visto que muitos por ali circulam simplesmente pelo fato de considerarem a área mais acessível e confortável de se transitar do que a Av. Presidente Vargas. A partir daí, pode-se concluir que existem duas zonas diferenciadas em relação à dinâmica dos fluxos, a primeira de fluxo exclusivo de pedestres e bastante intenso, próxima à Presidente Vargas e coincidente com os limites da SAARA e a segunda de fluxo misto e mais dissipado, compreendida entre as ruas Buenos Aires e Constituição.

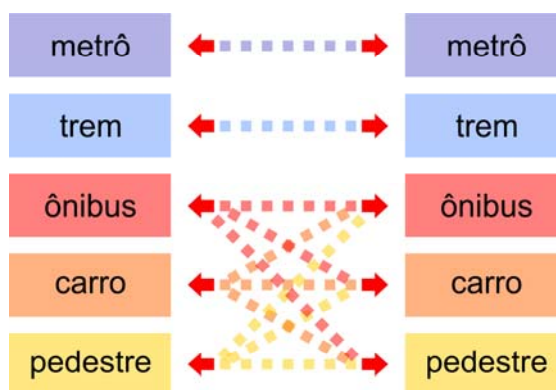
Em termos gerais, pode-se considerar dominante o movimento que se dá no primeiro trecho da área, no sentido Central do Brasil - ACN. Esse movimento fica ainda mais reforçado pelo forte comércio e as ruas de pedestres. Já no segundo trecho, nota-se que é uma área mais estagnada funcionalmente, não apresenta tantos atrativos, nem configura-se como caminho a algum ponto determinante do centro. Portanto, é uma área de fluxo bem menos intenso e debilitado. A esse fato pode-se atribuir também à questão da dimensão dos quarteirões, as “quadras longas”<sup>39</sup>, que neste trecho acabam por compartimentar os fluxos: na medida em que obrigam os pedestres a, optando por determinado trajeto, não poder mais alterá-lo até o próximo quarteirão.

---

<sup>39</sup> JACOBS (2000: 200) afirma que as quadras longas automaticamente separam as pessoas por trajetos que raras vezes se cruzam, de modo que os usos diversos, embora geograficamente bem próximos de outros, são literalmente bloqueados.

### *Conflitos entre os fluxos existentes na área*

O fato de o Saara estar muito bem servido em termos de transporte coletivo acarreta certos conflitos ocasionados pelo encontro desses diversos meios de transporte e o fluxo gerado por cada um deles. Como pode-se observar no esquema a seguir:



**Ilustração 15. Diagrama dos conflitos entre os fluxos existentes na área**

O esquema acima representado relaciona os meios de transporte que servem a área, o fluxo de pedestres e como estes se embatem entre si. Pode-se notar aí que os principais problemas observados se dão nos pontos onde há a convergência de dois ou mais tipos de transporte, como também entre estes e os pedestres que circulam na região.

O caso do metrô e do trem é um pouco diferenciado, pois trafegam isoladamente por suas linhas, sendo assim os menos expressivos em termos de ocupação viária e conflito aparente com outros meios de transporte. Porém, esses dois sistemas que atendem grandes massas da população, atuam indiretamente gerando um intenso tráfego de pedestres que se dissipa pela área, contribuindo por vezes para a ocorrência não só de conflitos entre os próprios pedestres, como também entre eles e os demais transportes, principalmente nas zonas próximas ao acesso às estações e nas de travessia.

Nos demais casos, os conflitos são notados mais facilmente, pois trafegam no mesmo nível, compartilhando do mesmo sistema viário. São os conflitos existentes entre os ônibus, vans, motos e carros, bem como entre estes e os pedestres que embarcam, desembarcam e circulam nas ruas área central.

No Saara esses conflitos são observáveis principalmente nos seus arredores, ou seja, nas zonas de acesso à área e mais próximas aos PGTs, como por exemplo, na Avenida Passos, nas proximidades do Campo de Santana e da Central do Brasil, na borda da Presidente Vargas, na Praça Tiradentes e na estação de metrô da Uruguaiana. A partir daí esse fluxo invade o Saara pelas ruas de pedestres, seja intencionalmente para usufruir do local, ou somente para passagem em direção aos outros atrativos do centro. Cabe salientar que os

principais atrativos do centro estão localizados a partir da Central do Brasil em direção à beira-mar, reforçando assim o fluxo no eixo horizontal que se dá nesse sentido. No outro sentido, a Avenida Presidente Vargas, divisora de águas do centro, se comporta como uma fronteira<sup>40</sup>, fazendo com que não haja relação entre os fluxos nem interação entre as atividades existentes em seus dois lados. Sendo assim, desconsidera-se para este trabalho a análise dos fluxos existentes do outro lado desta via.



**Ilustração 16. Algumas das principais zonas de conflito.** Cruzamento da Av. Presidente Vargas e Av. Passos e Rua Senhor dos Passos na Altura do Camelódromo Uruguaiana. Fonte: autora, 2007.

### **Espaços públicos de convivência**

Por espaço público entenda-se “o local acessível, onde se produz o encontro da diversidade. É um reflexo direto da essência da cidade, que provém da presença e coexistência de uma multiplicidade de pessoas, ofícios, comunidades e culturas que se complementam mutuamente”<sup>41</sup>. “É um espaço onde as pessoas se movimentam por livre escolha, de um lugar ao outro”<sup>42</sup>, ou também onde param, onde se dá o encontro. Esses espaços podem ser ruas, praças, parques ou até halls de entrada ou saguões de edifícios, quando usados como área livre de circulação ou permanência.

No caso do Saara, esse encontro ocorre nas ruas, os principais espaços públicos da área. Embora seu entorno apresente espaços muito mais significativos em hierarquia e escala, como o Campo de Santana e a Praça Tiradentes, estes não se relacionam como espaços livres e de convivência voltados para atender a área. São vários os fatores para que essa relação não exista: o primeiro e comum aos dois espaços é o fato de serem cercados. Isso constitui desde já um limite para que não haja a interação com o entorno. O segundo, no

---

<sup>40</sup> JACOBS, 2000: 285-290.

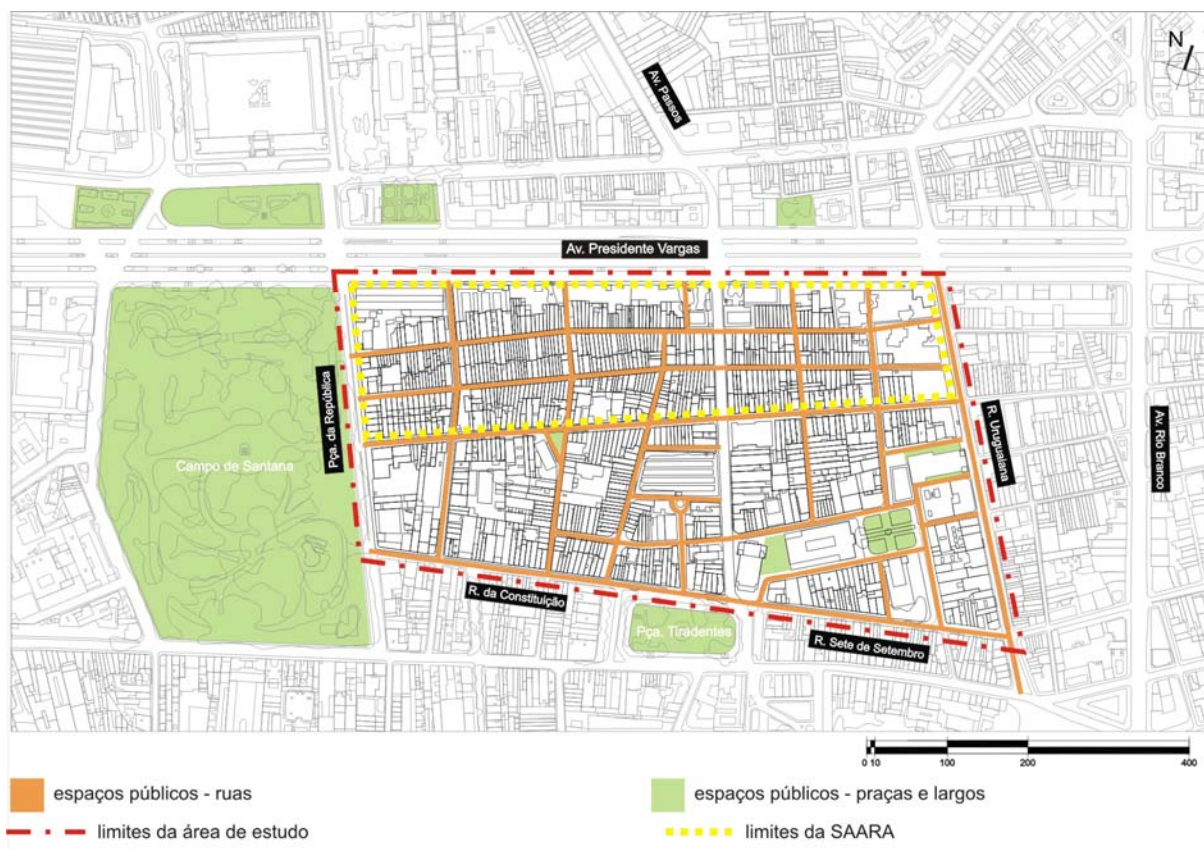
<sup>41</sup> SEGRE, 2005.

<sup>42</sup> JACOBS, 2000: 291.

caso da Praça Tiradentes, é a diferença com que os usos vão se dando a partir daí. No caso do Campo de Santana suas grandes dimensões, que abrangem de um lado ao outro da área do Saara, acabam por configurá-lo como uma barreira, além de estabelecer o fim da atividade comercial.

Estes fatores constituem um contraponto entre a área de massa edificada e os espaços livres existentes, no sentido de que estes últimos, concebidos por excelência como elementos para atender ao público, acabam ficando isolados, enquanto que é na densa massa construída do Saara onde acontece toda a vida do local.

No Saara os pontos de encontro são dentro, seja nos cafés ou restaurantes, seja nas igrejas e instituições. Não existem espaços livres de convivência que sejam dotados de uma infraestrutura destinada a servir o público do comércio, como, por exemplo, banheiros públicos e espaços com bancos, ou mesas e cadeiras onde as pessoas possam sentar e descansar ao ar livre. Ao observar-se a Rua Tomé de Souza, por exemplo, a única rua mais larga do conjunto e que possui certa arborização e uma estrutura muito precariamente montada para atender a essa finalidade, concentra um grande número de pessoas que ali param para descansar, comer e beber nas lanchonetes que colocam seus balcões para fora e cadeiras na rua. Embora a ambiência degradada, a disputa pelas cadeiras é grande.



**Ilustração 17. Saara – mapeamento dos principais espaços públicos.** Fonte: autora, 2007.

Uma outra situação curiosa foi encontrada nas igrejas. Estas, além de cumprirem com seu papel tradicional, acabam fazendo às vezes de espaços para descanso e parada das pessoas que querem fugir por alguns instantes do agitado fluxo do Saara.

A partir das considerações feitas acima se constata a necessidade da criação de espaços públicos na área mais ligados à permanência e à convivência das pessoas que ali circulam. Espaços como esses são importantes não só no sentido de servirem como suporte à intensa atividade comercial que a área desenvolve, como também de diversificar a dinâmica da área. Seguindo a afirmação de Jacobs, “variações de intensidade de intercâmbio entre os espaços são necessárias porque pontos pequenos e calmos e progressões de pontos movimentados são uma consequência e um aspecto indispensável da diversidade das ruas e dos distritos”<sup>43</sup>.



Ilustração 18. Rua Tomé de Souza. Fonte: autora, 2007.

### Tecido urbano

Para a análise do tecido urbano da área, foram utilizados os conceitos de Panerai, que considera como tecido a “sobreposição ou imbricação de três conjuntos: a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações”<sup>44</sup>. Segundo ele, “a análise do tecido urbano é feita através da identificação de cada um desses conjuntos e pelo estudo de sua lógica e suas relações, podendo-se isolar provisoriamente cada um deles”<sup>45</sup>. Neste estudo, foi analisado o conjunto de vias que compõem o Saara, que remeteu à observação da cartografia histórica para a observação das mudanças ocorridas na sua estrutura viária. Com isso, pôde-se perceber que seu traçado vem se mantendo através do tempo, havendo

---

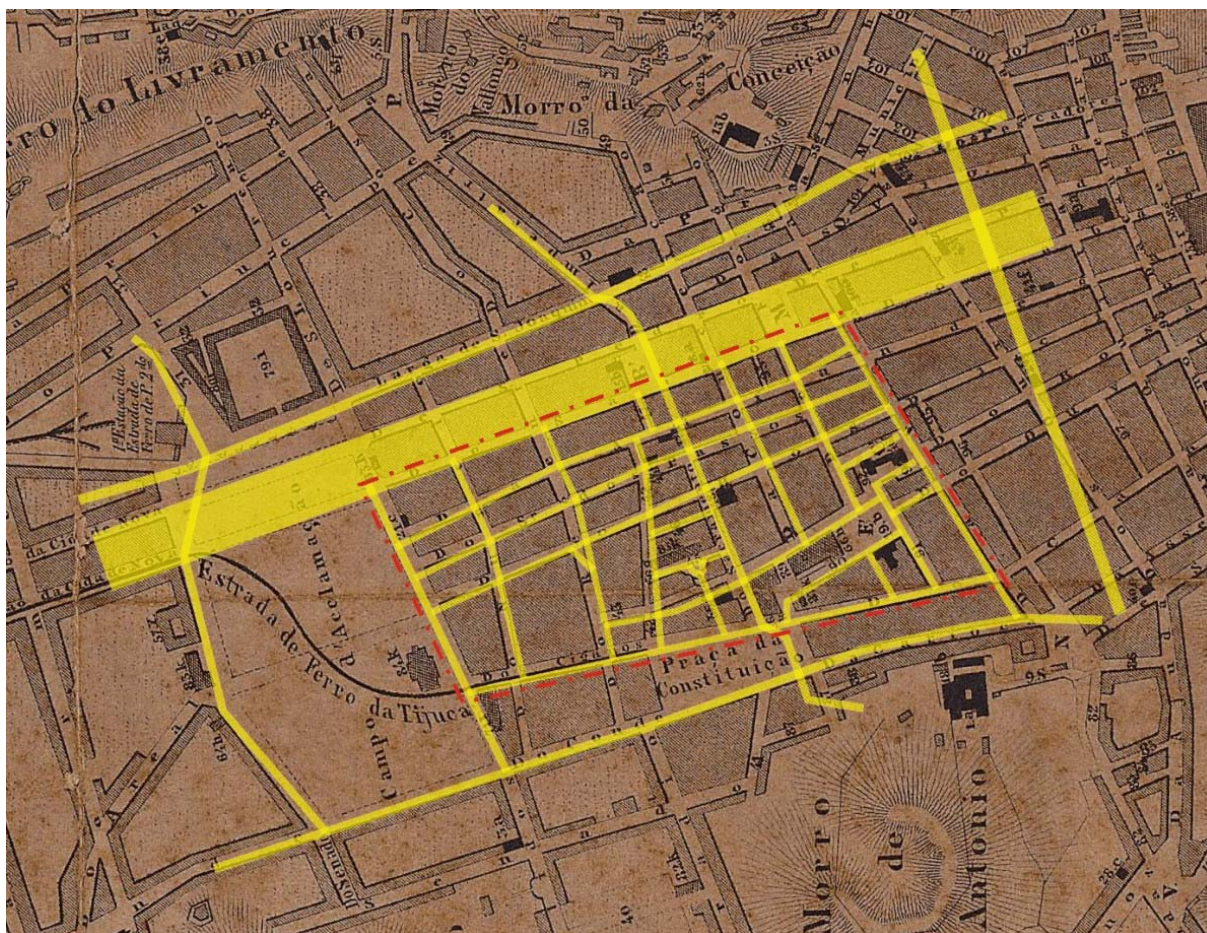
<sup>43</sup> JACOBS, 2003:292.

<sup>44</sup> 2006: 77-78.

<sup>45</sup> Ibid.



poucas modificações, pois sua configuração viária é permanente a mesma desde a primeira intervenção ocorrida na área, que foi o alargamento da Av. Passos em 1905.



**Ilustração 19. Sobreposição do traçado do Saara no mapa de 1864.** Poucas alterações na sua configuração. Fonte: autora, 2007.

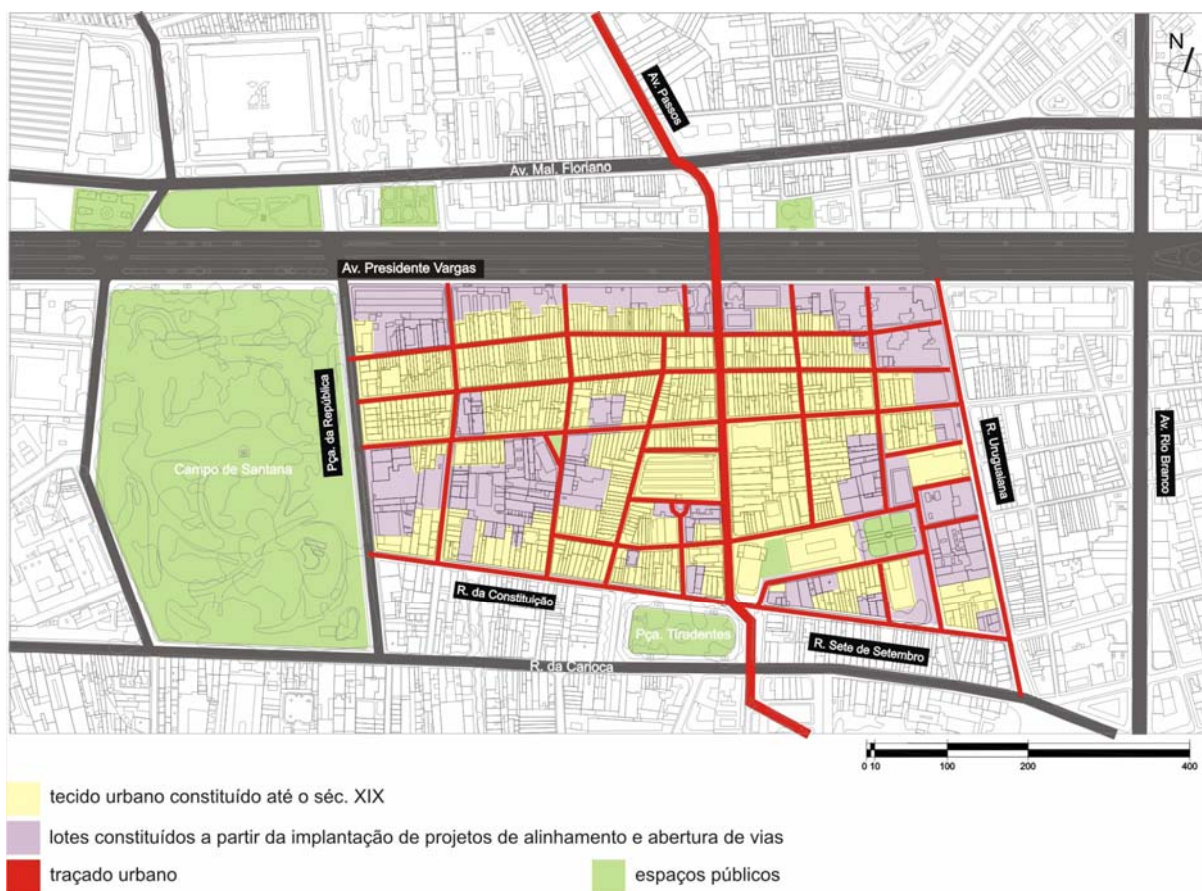
Permaneceram as ruas estreitas e longas no trecho entre a Rua da Alfândega e Buenos Aires<sup>46</sup>, constituindo uma malha bastante regular, conformando quarteirões retangulares na sua maioria e com proporções de largura e altura bastante semelhantes. No trecho entre a Rua Buenos Aires e o final do recorte estudado, percebe-se uma maior irregularidade da malha, apresentando quarteirões que diferem muito em relação às suas dimensões, mas que se configuram desta maneira desde a sua concepção.

Quanto ao parcelamento do solo, percebe-se a predominância na divisão das quadras em lotes perpendiculares à rua, estreitos e profundos, agrupando-se em “famílias”, devido à homogeneidade nas suas proporções. Essa forma de parcelamento se mantém desde a ocupação da área no início do século XIX. Observando a área como um todo, verifica-se que a maior parte dos quarteirões conserva essas características morfológicas intactas,

<sup>46</sup> Neste trecho a pedestrianização de algumas dessas vias após a instituição do Corredor Cultural não representa uma significativa transformação no traçado das mesmas; apenas de sua plena apropriação pelos pedestres.

havendo algumas exceções, resultantes das intervenções urbanas e projetos de alinhamento que foram executados na área, causando uma ruptura de parte de seu tecido, como por exemplo, a criação da Av. Presidente Vargas, o projeto para a abertura da Avenida Diagonal e a construção da estação de metrô Uruguiana.

Em relação às construções constata-se que predominam as edificações do tipo sobrado de dois e três pavimentos, havendo relativa homogeneidade quanto às formas arquitetônicas, não apenas pelas dimensões, mas também pelo predomínio do estilo eclético observado nas fachadas.



**Ilustração 20. Mapeamento do tecido urbano do Saara.** Fonte: autora, 2007.

Com o auxílio da cartografia histórica, pôde-se observar que o tecido do Saara vem se mantendo desde seu primeiro traçado na metade do séc. XVIII, havendo apenas algumas modificações e/ou obstruções, devido às intervenções que houveram na área central. Além disso, algumas propostas de intervenção, que apesar de nunca terem sido concretizadas, incidiram sobre a área, como por exemplo, a da Avenida Diagonal em 1941, que ocasionou algumas demolições e desapropriações em função da suposta abertura da avenida e que acabou gerando lotes e construções de formas diferentes. Como um exemplo disso, temos o prédio do Instituto Brasileiro de Contabilidade, que foi construído de acordo com o

alinhamento que teria a avenida, espaço que acabou sendo ocupado pela Praça do Mascate.

As considerações que foram feitas acima remetem principalmente à característica de permanência do tecido, observada tanto no que diz respeito ao sistema viário, quanto aos elementos parcelares e construídos da área. O tecido do Saara, com suas ruas estreitas e edificações baixas, alinhadas e implantadas em lotes estreitos e profundos contrasta com a morfologia das zonas adjacentes: as Avenidas Presidente Vargas e Rio Branco e a esplanada de Santo Antônio, resistindo como uma remanescência do tecido oriundo do núcleo original da Cidade Velha.

### **Tipologia arquitetônica**

Para a análise tipológica do Saara foram tomados como referencial os conceitos-base de Argan no texto *Sobre o Conceito de Tipologia Arquitetônica*, de 1962. Segundo o autor, o tipo está relacionado sempre a dois fatores fundamentais, à forma arquitetônica e ao simbolismo nela envolvida, porém sem levar a questionamento a precedência de um em relação ao outro. “Quando o significado simbólico preexiste ao tipo e o determina, ele se transmite ligado a certas formas arquitetônicas do mesmo modo como, no caso inverso, a relação histórica das formas transmite, de modo mais ou menos consciente, os conteúdos simbólicos”<sup>47</sup>.

Para ele, o processo formativo de uma tipologia se origina a partir de dois critérios fundamentais: o primeiro considera que “as séries tipológicas não se formam na história da arquitetura, apenas em relação às funções práticas dos edifícios, mas especialmente em relação à configuração deles”.

O segundo diferencia as tipologias arquitetônicas segundo três grandes categorias: a primeira compreendendo configurações inteiras de edifícios, a segunda os grandes elementos construtivos e a terceira os elementos decorativos.

Através desses conceitos é verificada no Saara a tipologia dominante de sobrado, podendo variar de 2 a 4 pavimentos, com planta geralmente similar, de corredor lateral, seguindo as limitações dos lotes, de testada reduzida e de grande profundidade. Seus elementos construtivos também se repetem, na maior parte são de alvenaria de pedra ou tijolos e as coberturas geralmente em telhas de barro aparente de 4 águas com platibanda.

---

<sup>47</sup> 2004:65.

Na composição formal das fachadas observa-se sua constituição por 3 partes básicas: base, corpo e coroamento. Quanto ao estilo arquitetônico, considera-se o predomínio do ecletismo, embora não se possa afirmar que todos os prédios tenham sido construídos no período correspondente à sua vigência enquanto valor estético dominante no Rio de Janeiro, conforme observa Annabella Blyth<sup>48</sup>. Segundo ela, muitas vezes os elementos formais que caracterizam este estilo foram superpostos à fachada de edificações originárias do período neoclássico, introduzido na primeira metade do século XIX, que por sua vez, já haviam sido acrescentados a fachadas de prédios construídos no período colonial. Sendo assim, pode-se encontrar prédios que apresentam elementos dos três períodos citados.

No caso do Saara ao analisar-se separadamente as formas arquitetônicas da função das edificações, observa-se uma variação na transmissão de seu conteúdo simbólico. Através de suas formas se deduz, num primeiro momento, uma tipologia caracteristicamente residencial, mas ao verificar a função que está impregnada nos sobrados, nota-se claramente como estes foram se adaptando à função de abrigar o uso comercial no térreo e o residencial nos pavimentos superiores. A planta dos sobrados, em corredor lateral, possuía, na grande maioria, acesso externo independente por uma das portas, levando ao segundo pavimento que anteriormente abrigava a função residencial. Com a extinção deste uso e a ampliação da atividade comercial, esses prédios passaram por transformações morfológicas que descaracterizaram esse tipo de implantação, passando muitas vezes a escada para o fundo da edificação. Além disso, a divisão dos vãos foi modificada com a supressão das colunas do térreo, desaparecendo as portas e deixando praticamente livre de quaisquer empecilhos a visibilidade ao interior da loja. Essas descaracterizações acabaram por transformar a tipologia preexistente onde se percebia o comércio no térreo e a residência em cima, numa tipologia basicamente comercial, ou seja, no térreo a loja e no pavimento superior o estoque.

Uma outra situação encontrada também foi os “mini-shoppings”, ou seja, espaços formados pelo agrupamento de edificações, nos quais a casca é mantida e o interior é demolido ou reformado e subdividido em pequenas bancas para a comercialização de produtos. A cobertura na maioria das vezes também é substituída para abranger esse grande vão que se forma, sendo de estrutura metálica tipo galpão.

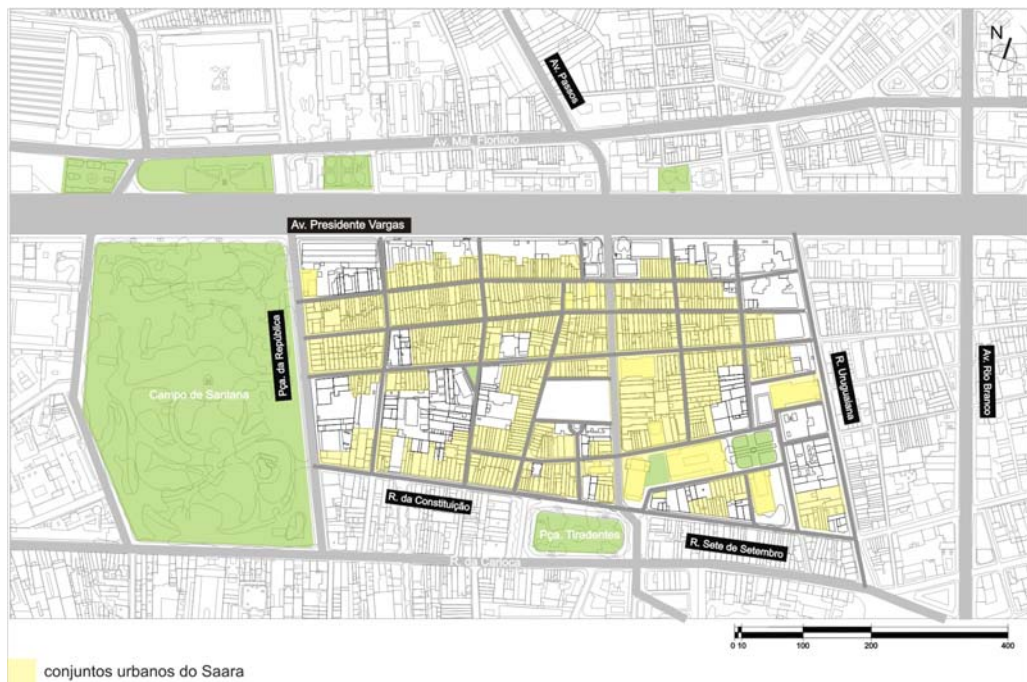
---

<sup>48</sup> 1991: 73-74.



**Ilustração 21. A nova tipologia: os mini-Shoppings.** Fonte: autora, 2007.

Entretanto, essas transformações não são tão representativas a ponto de descaracterizar totalmente a ambiência da área, pois ocorreram mais no interior do que na fachada das edificações. Existem claro, alguns trechos bastante deteriorados e outros onde já não há mais resquícios dessa arquitetura. Porém, a forte incidência desse tipo na quase totalidade desse espaço, faz do Saara um grande conjunto urbano.



**Ilustração 22. Mapa dos conjuntos urbanos do Saara.** Fonte: autora, 2007.

## Gabarito das edificações

Para a análise do gabarito das edificações da área tomou-se como parâmetro o número de pavimentos das construções e não uma altura estipulada. Esse critério foi adotado visto que a área possui prédios de várias épocas e estilos diferentes e, portanto, com dimensões de pé-direito muito diferentes. Por exemplo, o pé direito colonial é mais baixo que o pé-direito eclético e assim por diante, isso sem falar nas construções mais contemporâneas, que se configuram de uma outra forma, já que nesse caso não é mais o pé-direito o fator determinante, e sim o número de pavimentos desses prédios.

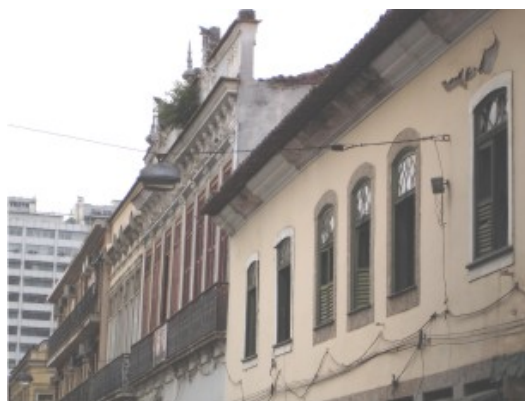


Ilustração 23. Exemplo de prédios de diferentes estilos, com diferentes alturas. Fonte: autora, 2007.

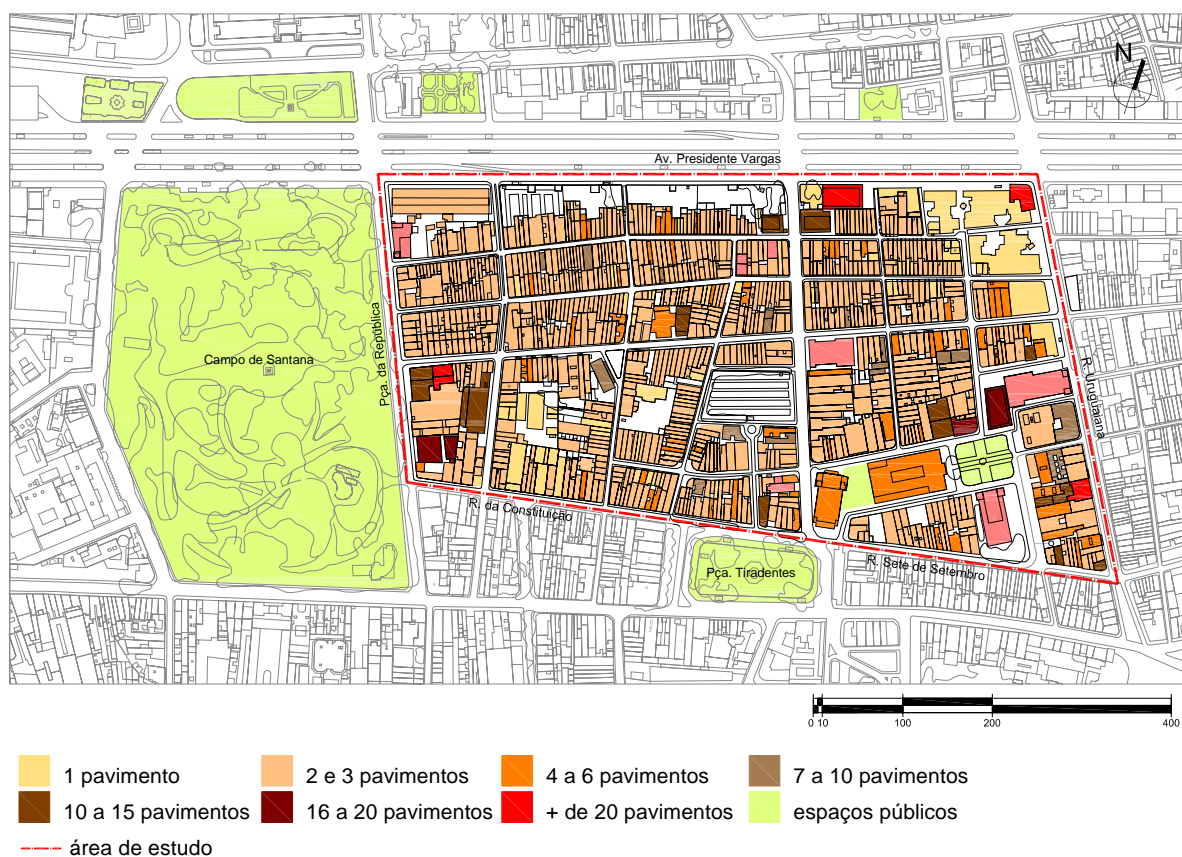


Ilustração 24. Mapa do gabarito das edificações. Fonte: autora, 2007.

Como pode se observar no mapa acima, as construções predominantes do tipo sobrado possuem gabarito entre 2 e 3 pavimentos. Essa altura se mantém quase que por toda a área, apresentando algumas divergências apenas por questão de diferença de estilo, conforme mencionado anteriormente. Porém, existem exceções nas áreas onde houve a ruptura do tecido original, onde foram construídas novas edificações, de gabarito bem mais alto, como por exemplo, na Avenida Presidente Vargas, onde é possível edificar-se até 75 metros de altura, segundo a legislação. O caso dessa Avenida é bem particular, visto que contrasta fortemente com a área devido ao fato de na época da sua concepção ter sido planejado todo um eixo monumental em direção à Cidade Nova, mas que não se desenvolveu. No entanto, constitui uma faixa de vazios permeada por essas altas edificações.

Atualmente nas áreas de Renovação Urbana do PA 10.290 é permitido que se edifique até 10,50 metros a partir do nível do meio fio existente.

### **Grau de conservação das edificações**

Para a análise do grau de conservação das edificações foram estipulados cinco critérios básicos de classificação:

- Tipo 1 – edificações de valor histórico em bom estado de conservação;



**Ilustração 25. Exemplos de edificações do Tipo 1.** Fonte: autora, 2007.

- Tipo 2 – edificações de valor histórico, fachadas parcialmente descaracterizadas, com potencial para serem reconstituídas, ou seja, em estado de conservação regular;



**Ilustração 26. Exemplo de edificações do Tipo 2.** Fonte: autora, 2007.

- Tipo 3 – edificações integrantes do conjunto urbano do Saara que apresentam um alto grau de descaracterização dos seus principais elementos estruturais e de fachada, de tal forma que não seja possível a sua recuperação e, portanto, podem ser substituídos;



**Ilustração 27. Exemplos de edificações do Tipo 3.** Fonte: autora, 2007.

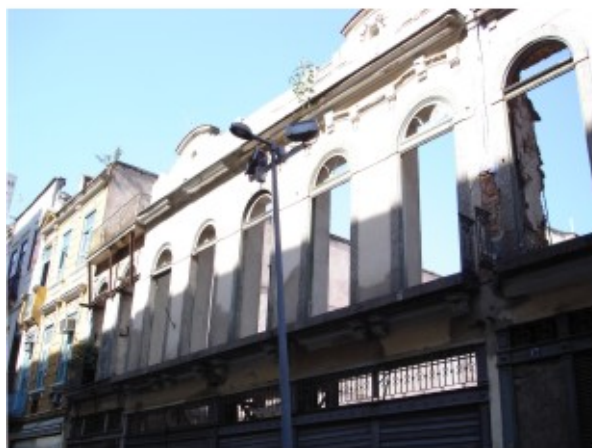
- Tipo 4 – edificações mais recentes que se destacam do conjunto urbano histórico do Saara;



**Ilustração 28. Exemplos de edificações do Tipo 4.** Fonte: autora, 2007.



- Tipo 5 – edificações do conjunto urbano do Saara com elementos estruturais internos comprometidos, porém com os elementos de fachada ainda preservados, e que permite, portanto, que ela seja reconstituída.



**Ilustração 29. Exemplo de edificações do Tipo 5.** Fonte: autora, 2007.

Relacionando esses critérios às subzonas estabelecidas pelo Corredor Cultural, podemos considerar que as construções do tipo 1, 2 e 5 ficariam incluídas na subzona de Preservação Ambiental e a partir daí, todos os outros tipos estariam dentro da Subzona de Renovação Urbana.

Segundo o PA do Corredor Cultural, na subzona de Preservação Ambiental ficam mantidas todas as características arquitetônicas, artísticas e decorativas que compõem o conjunto das fachadas e coberturas dos prédios existentes na área. Já nas áreas de renovação urbana, toda e qualquer construção deverá ter seu projeto integrado ao conjunto arquitetônico existente, respeitando as proporções dos vãos e a altura máxima estabelecida de 10,5 metros a contar do nível do meio-fio existente<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Dados retirados da planta do PA 10.290.



**Ilustração 30. Mapa do grau de conservação das edificações.** Fonte: autora, 2007.

A partir do levantamento realizado é possível verificar que a maioria dos prédios que possuem valor histórico no Saara não se encontram muito descaracterizados, incluindo-se assim, nos tipos 1 ou 2. Entretanto, existem áreas bem degradadas, mas ainda passíveis de serem recuperadas. Porém, existe um fator de descaracterização que não está especificamente relacionado à condição física do imóvel, e sim a impedimentos visuais que impossibilitam ou ocultam a observação do patrimônio histórico. Como exemplos disso têm-se a largura abusiva dos toldos, a colocação de equipamentos e exposição de mercadorias para além dos limites das lojas, que muitas vezes ultrapassam até o meio-fio. Este último constitui-se na situação mais freqüente e mais agravante deste tipo de descaracterização, pois além de invadirem o espaço público, contaminam as fachadas dos imóveis com uma profusão de objetos que chegam a ofuscar a visibilidade da arquitetura do lugar. A maior incidência desse tipo de caso é observada nos quarteirões situados na Rua Tomé de Souza e arredores.



**Ilustração 31. Rua Tomé de Sousa e arredores.** Largura abusiva dos toldos e exposição exagerada de mercadorias. Fonte: autora, 2007.

Além da descaracterização externa dos prédios há que se levar em consideração a descaracterização interna dos imóveis. Segundo Maria Helena Mac Laren<sup>50</sup>, este fator, apesar de todo o trabalho de conscientização efetuado pelo Corredor Cultural, este não se incorpora aos códigos de preservação edilícia pelos comerciantes, principalmente os de origem chinesa. “As fachadas até se mantêm preservadas, mas o interior do prédio fica em péssimas condições”<sup>51</sup>. Além disso, a maioria dos comerciantes constrói ampliações de seus imóveis no térreo, das formas mais aleatórias possíveis, com os mais variados fechamentos e coberturas. Embora não fique aparente, esse é um fator que descaracteriza a configuração original dos prédios e dos quarteirões, que na maioria das vezes, acredita-se terem sido concebidos com um pátio aberto no fundo do lote.

<sup>50</sup> Gerente do 1º Escritório Técnico do Corredor Cultural.

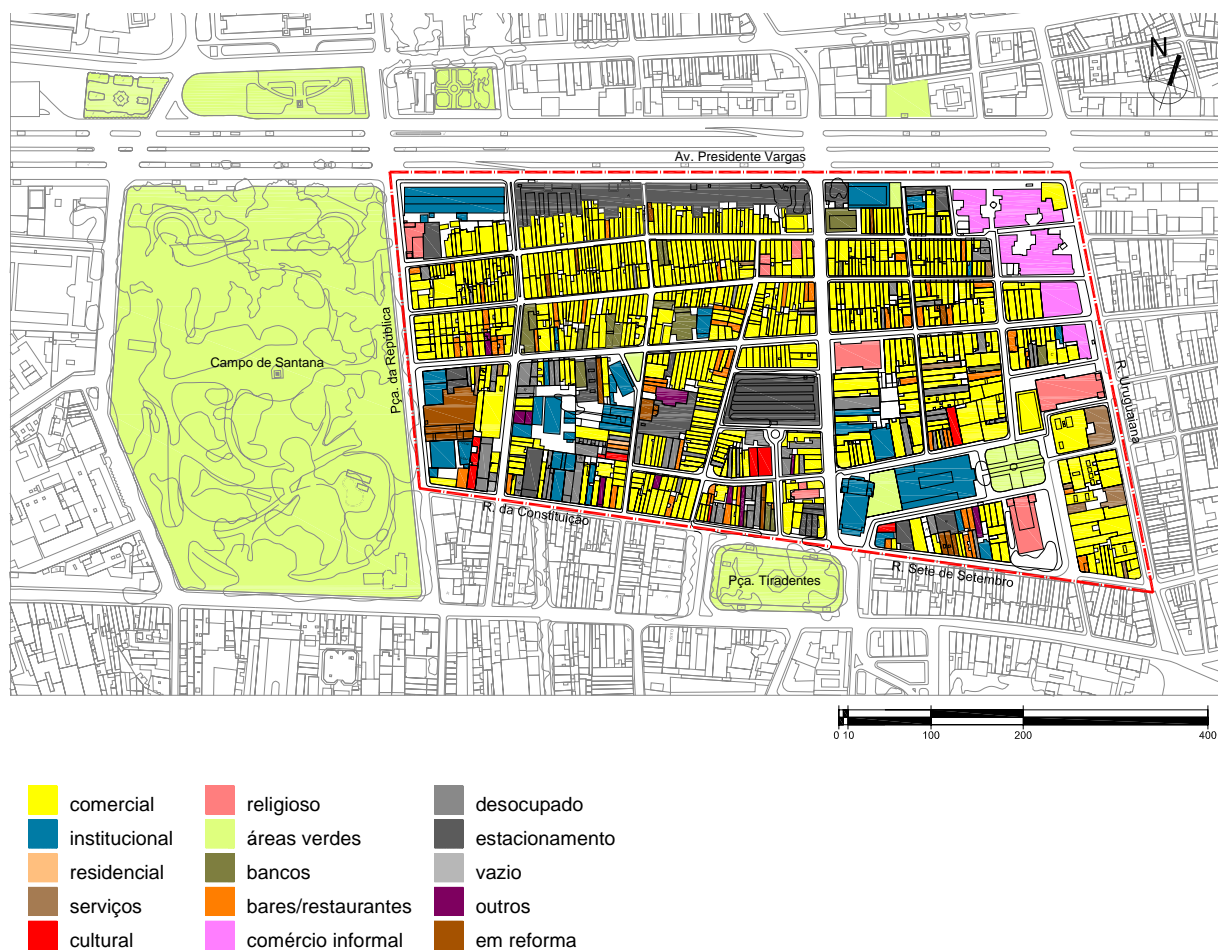
<sup>51</sup> Depoimento obtido em conversa com Maria Helena Mac Laren, em 14/11/2007.

Segundo o Corredor Cultural, o mais importante é trabalhar pela conservação edilícia do imóvel, o tratamento da fachada é uma consequência, “a fachada é uma pele”<sup>52</sup>. A intenção da legislação é que perdure o conjunto dessas edificações como um todo. Quanto mais antigo e mais original, mais precioso é o imóvel e o que se busca fazer é salvar tudo que for possível, caso contrário fazem-se as substituições e renovações. O discurso do Corredor Cultural é sempre do ponto de vista da manutenção da matéria original dos imóveis<sup>53</sup>.

## Uso do solo

Para a análise de usos da área de estudo houve a necessidade de se subdividir o mapeamento da área em dois níveis, térreo e superior, visto que foi observada uma grande divergência quanto às atividades estabelecidas nesses dois pavimentos das edificações.

### Nível Térreo



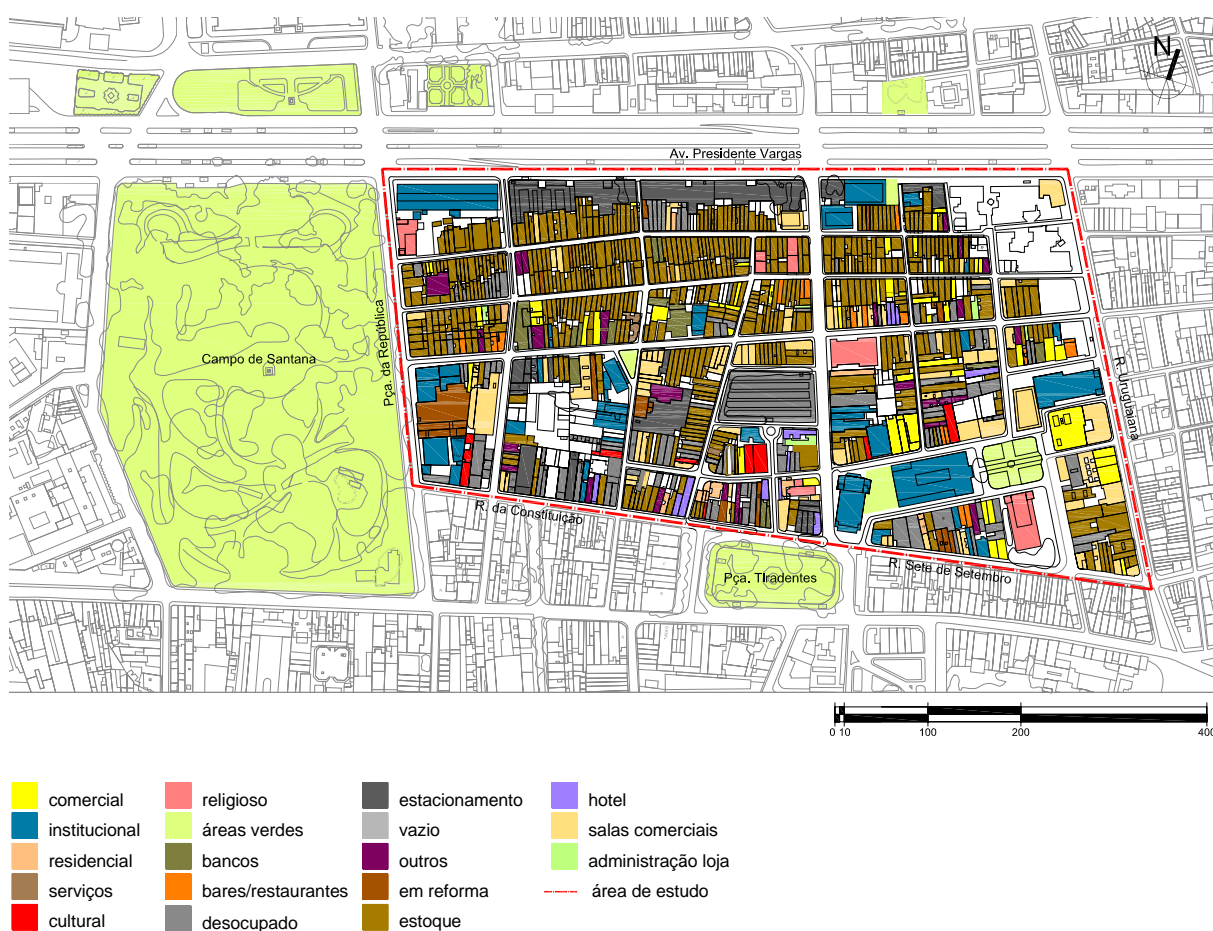
**Ilustração 32. Mapa de usos do pavimento térreo.** Fonte: autora, 2007.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Idem.

A partir deste mapa pode-se constatar a predominância do uso comercial da área, principalmente dentro dos limites da SAARA, com essa atividade fortemente consolidada, com apenas algumas exceções, como no caso das igrejas, dos estacionamentos da Presidente Vargas e das agências bancárias, que de certa forma dão suporte a essa intensa atividade comercial. A partir da Rua Buenos Aires em direção à Praça Tiradentes embora o uso comercial ainda permaneça dominante, começam a aparecer outros tipos de usos, como o institucional e o cultural, entre outros, além de uma maior ocorrência de espaços vazios ou desocupados.

### Nível Superior



**Ilustração 33. Mapa de usos do pavimento superior.** Fonte: autora, 2007.

Enquanto que o nível térreo apresenta a dominância do uso comercial e uma quase que totalidade desse tipo de estabelecimentos no trecho da SAARA, no nível superior nota-se proporcionalmente a incidência de espaços ociosos ou subutilizados como depósito de mercadorias das lojas. Embora esta finalidade esteja ligada ao uso comercial, ela não proporciona uma dinâmica de utilização do espaço, podendo-se considerar assim, com exceção de alguns serviços localizados neste nível, qualquer outro tipo de uso praticamente inexistente a partir desse nível.

No trecho entre a Rua Buenos Aires e a Praça Tiradentes aparece um maior número de salas comerciais e também alguns usos até então não encontrados, como os pequenos hotéis e pensões.

Além dos usos tradicionais estabelecidos nas edificações da área, foi verificada também a existência de algumas atividades efêmeras, como por exemplo: vendedores ambulantes, prostituição e a venda de alimentos, entre outras.

Todas essas atividades se dão nas bordas do Saara e se relacionam de acordo com o espaço em que atuam.

No caso dos ambulantes, é notória a relação estabelecida entre eles e o camelódromo da Uruguaiana. Este, funciona como pólo irradiador desse tipo de atividade pelas ruas situadas nas suas imediações. Os principais pontos de concentração desse tipo de comércio partem desde o camelódromo em direção à Rua Sete de Setembro, pela Rua dos Andradas, Largo de São Francisco e Ramalho Ortigão e também ao longo da Presidente Vargas, mas também pode aparecer e desaparecer repentinamente em outros diferentes pontos em um mesmo dia, dependendo da atuação da fiscalização da prefeitura. Cabe ressaltar, que na maioria das vezes os produtos comercializados pelos ambulantes são os mesmos que são comercializados nas lojas da frente de onde estão situados. Assim, eles acabam estabelecendo uma desleal concorrência com as lojas. Como claro exemplo disso cito a Rua Ramalho Ortigão, com a venda de material escolar.

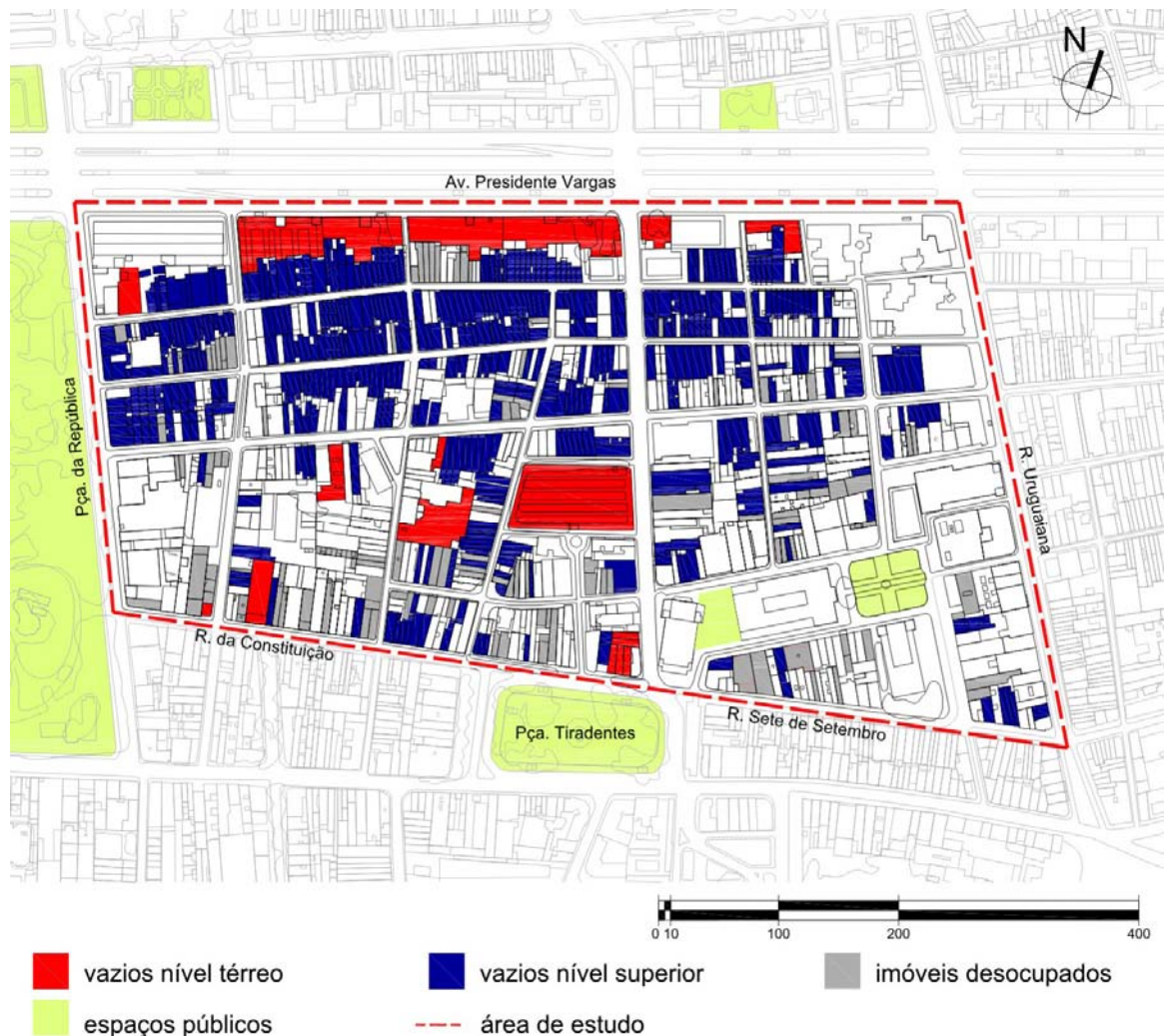
A prostituição tem uma relação histórica com Praça Tiradentes, é um resquício da época em que lá aconteciam todas as atividades noturnas, os principais espetáculos e se concentrava toda a boemia carioca.

Às atividades que acontecem no Largo de São Francisco atribui-se à presença do Prédio do IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ. Mais voltadas a atender os estudantes que freqüentam essa região, essas atividades consistem em sua maioria, na venda de alimentos e bebidas. Uma outra atividade efêmera encontrada no largo foi o quiosque de aulas de pintura.



**Ilustração 34. Atividades efêmeras.** vendedores ambulantes nas proximidades do camelódromo; vendedores de alimentos na Rua Sete de Setembro; quiosque de aulas de pintura e venda de alimentos no Largo de São Francisco; caminhão de Frutas na Rua Buenos Aires. Fonte: autora, 2007.

A partir da análise realizada, pode-se perceber a clara dominância do uso comercial no local, principalmente na área da SAARA. No entanto, quando se analisou a área em dois níveis verificou-se a existência de uma grande discrepância entre os níveis térreo e superior, no que diz respeito às atividades desenvolvidas. Enquanto que o pavimento térreo tem em sua quase totalidade a intensa atividade comercial, nos pavimentos superiores esta é praticamente inexistente, com exceção de somente alguns prédios de salas comerciais, alguns serviços como chaveiros, placas e pequenas gráficas. Essa situação é decorrente da falta de utilização dos pavimentos superiores dos sobrados, que na época de sua construção tinham a função de abrigar a residência dos comerciantes e hoje, devido ao deslocamento do uso residencial do centro, estão na sua maioria desocupados e completamente sem uso, sendo no máximo utilizados como depósitos dos estabelecimentos. Muitos desses encontram-se em condições precárias, em evidente estado de degradação, o que ocasiona um risco para o próprio estabelecimento.



**Ilustração 35. Mapa de sobreposição dos vazios: nível térreo e superior.** Fonte: autora, 2007.

Essa subutilização do nível superior da área, ao mesmo tempo em que constitui uma contradição, acaba apontando para uma possível solução. Enquanto que no nível térreo a área da SAARA é a que concentra o maior número de lotes ocupados e com o uso comercial mais intenso, no nível superior verifica-se que esta mesma área é a que mais apresenta espaços ociosos ou subutilizados como depósitos.

Esses espaços representam um grande potencial para a área, não só para o seu crescimento, como também para a sua transformação, através de intervenções que com a finalidade de reativar e qualificar esses espaços possibilitem uma outra configuração espacial e uma nova dinâmica de utilização.



## Análise dos cheios e vazios



Ilustração 36. Mapas de cheios e vazios. Fonte: autora, 2007.

A partir dos mapas acima representados fica clara a densa ocupação pela massa edificada no conjunto urbano do Saara. Ocupando em quase sua totalidade os lotes e os quarteirões da área, esta massa apresenta como principais pontos de ruptura, o rastro deixado pela Avenida Presidente Vargas e o quarteirão do INSS. Estes se constituem como as maiores áreas de vazios urbanos da área, ocupados atualmente por estacionamentos. A falta de ocupação desses espaços vazios faz com que o Saara se volte para dentro, ou seja, que ele fique, nestes trechos, isolado de seu entorno.

Ao observar-se o Saara do ponto de vista da massa edificada, percebe-se o peso que esta constitui na malha urbana. A forma rígida, compacta e densamente edificada remete a priori à constatação de que este seria um espaço em que a circulação e o acesso de pessoas ficaria restrito somente às ruas. Porém, devido à ocupação do espaço pelo uso comercial, percebe-se que, o que aparece no mapa como espaços fechados, são na maioria das vezes espaços públicos, muito freqüentados pelos usuários.

A partir daí, e reforçando o que já foi dito anteriormente na análise dos espaços públicos, se estabelece um contraponto entre a forma do construído e a função que a anima. O Saara é fechado, é denso; no entanto, a vitalidade que ali reside é grande: abrindo caminhos na malha, como se rasgasse o duro tecido a partir do movimento dinâmico dos passantes. Porém, esse movimento não é livre, fica confinado a uma sucessão de pequenos espaços e nas estreitas ruas que conformam o Saara. Pouco ainda se adentra no Saara em relação ao seu potencial construído.

## 2.4. Projetos existentes para a área: O Corredor Cultural e a Praça Tiradentes

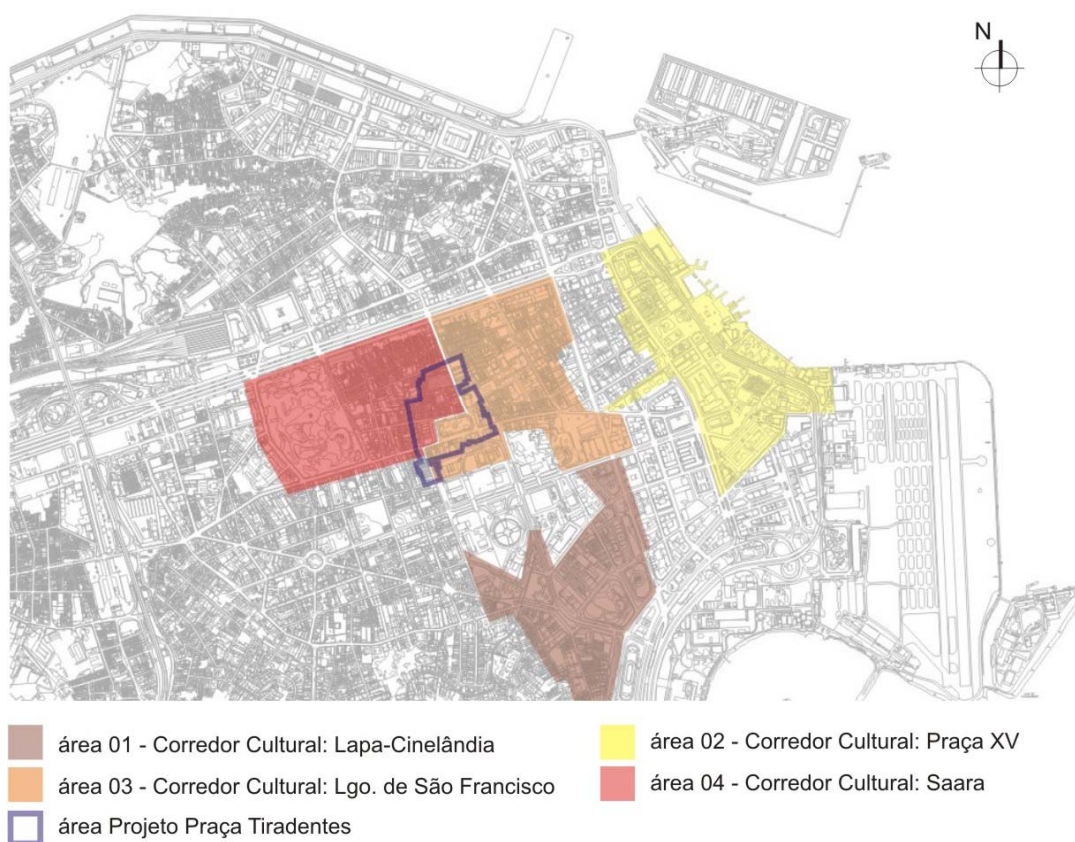


Ilustração 37. Áreas de abrangência dos Projetos Corredor Cultural e Praça Tiradentes. Fonte: autora, 2007.

### Projeto Corredor Cultural

O Corredor Cultural<sup>54</sup> foi o primeiro projeto de Preservação para a área central do Rio, concebido em 1979 pela Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral da Prefeitura Municipal. Nos anos 1980 o projeto amadureceu, se instituiu e começou a ser implantado. Esta primeira fase (projetos, estratégias de intervenção, instrumentos legais e a concepção de preservação do projeto) foi realizada pela Equipe técnica que era composta por intelectuais cariocas e técnicos da Prefeitura, tais como, Ítalo Campofiorito, Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, Rachel de Carvalho Jardim e Maria Helena Mac Laren, entre outros<sup>55</sup>.

Esta iniciativa surgiu da necessidade de se preservar o equilíbrio funcional da área central. Buscava garantir a função cultural que sempre lhe foi tradicional, ameaçada pelo processo de especialização da função financeira e de negócios pelo qual vinha passando o centro. A expansão da ACN (Área Central de Negócios) em direção às áreas remanescentes da

<sup>54</sup> Lei Municipal nº1139 de 1987 que substitui a Lei Municipal nº506 de 1984.

<sup>55</sup> MACEDO, 2004.

cidade velha<sup>56</sup>, levava consigo o arrasamento de parcelas do casario antigo, e com isso, gerava um lento processo de esvaziamento da área central.

A partir do Corredor Cultural foram introduzidas nas políticas urbanas da cidade uma outra lógica de intervenção, não mais a renovação urbana associada à demolição e remoção da população, mas a de preservação e participação da comunidade local no processo de planejamento. Essas intervenções passaram a ser apoiadas por uma combinação aparentemente contraditória: “preservação e renovação”<sup>57</sup>. Como observa o arquiteto Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, na época coordenador do projeto, o Corredor Cultural embora fosse um plano preservador, “não vinha revestido das características nostálgicas e estáticas das estruturas do passado. Antes disso, levantou a possibilidade de tratamento moderno para velhas questões”<sup>58</sup>. Este projeto assumiu o desafio de equilibrar e compatibilizar esta aparente contradição, ao entender que a preservação dinâmica não deveria “engessar” os espaços da cidade. Ela deveria levar em conta as tradições e os anseios da comunidade que utiliza a área. A redefinição e a ampliação do conceito de preservação contribuiu para a elaboração de um projeto que extrapolava a preservação de edifícios isolados, passando a abranger um conjunto de edifícios.

Aprovado por lei em 1984, o Corredor Cultural é reconhecido como Zona Especial do Centro Histórico da cidade, para a qual foram definidas condições básicas para a preservação paisagística e ambiental de grande parte da área central.

O projeto de preservação, renovação e revitalização do Corredor Cultural propõe, através de um conjunto de instrumentos urbanísticos, proteger o conjunto arquitetônico antigo e orientar a inserção de novas construções<sup>59</sup>. Aliado a isso, cria condições para a retomada de atividades culturais e recreativas na área central, a fim de garantir a qualidade ambiental, a diversidade arquitetônica, a multiplicidade funcional e a especificidade social, econômica e cultural dos espaços diferenciados que compõem a área central da cidade<sup>60</sup>.

O projeto subdividiu a área central em 4 áreas de preservação/renovação: Lapa-Cinelândia, Praça XV, Largo de São Francisco e SAARA. Sua delimitação espacial baseou-se na concepção de que a área central estava composta por sub-espacos cujas especificidades eram reconhecidas pela relativa homogeneidade formal e funcional. Estes espaços singularizados não apresentavam continuidade espacial entre si, em decorrência da história

---

<sup>56</sup> Perímetro compreendido pelos morros do Castelo, Santo Antônio, São Bento e Conceição.

<sup>57</sup> MACEDO, 2004

<sup>58</sup> PINHEIRO, 1986: 190.

<sup>59</sup> Instituto Municipal de Arte e Cultura, 2002: 8.

<sup>60</sup> BLYTH, 1991: 6.

da evolução urbana da área central<sup>61</sup>. As 4 áreas do Corredor Cultural estabelecem fronteiras em relação aos seus usos, atividades, arquitetura e ambiência, com transições que podem se apresentar ora tênues, ora bruscas.

Essas fronteiras ficam evidenciadas mais claramente quando observa-se o tecido urbano e as atividades desenvolvidas em cada área. Algumas apresentam quase que a total homogeneidade formal e funcional, como é o caso do Saara e do Largo de São Francisco, caracterizados principalmente pela permanência das formas das construções e do traçado viário e também pelo desenvolvimento da atividade comercial, praticamente em toda a área. Na Cinelândia e na Praça XV observa-se uma trama urbana diferenciada em suas partes, diferentes volumetrias e variações arquitetônicas, de espaços e de atividades, como por exemplo, política, financeira, institucional, cultural e social.

O Corredor Cultural usou como critérios para a definição das sub-áreas<sup>62</sup>:

- Conjuntos arquitetônicos significativos dos distintos períodos históricos, que compunham a área urbana no século XIX<sup>63</sup>;
- Concentração de prédios e espaços públicos onde se desenvolvem atividades de caráter cultural;
- Áreas passíveis de revitalização através da mudança de uso de prédios e espaços públicos com vocação para atividades de caráter cultural.

No que concerne ao espaço urbano, o patrimônio cultural foi concebido como a associação dos sítios arquitetônicos ao seu conteúdo humano, enquanto expressão de modos de vida específicos. Não se tratava apenas de preservar as formas do conjunto, mas também a integridade da identidade que estava imbricada a ele.

A área do projeto que abrange o Saara está inserida neste contexto. Sua conformação remonta ao início do século XIX, com a transferência da Corte Real Portuguesa para o Rio de Janeiro. Constituiu-se na primeira expansão urbana significativa da cidade. Embora esteja composta por conjuntos arquitetônicos diferenciados em função da evolução da área, predomina o casario eclético, de dois e três pavimentos, que têm como atividade dominante

---

<sup>61</sup> BLYTH, 1994:8.

<sup>62</sup> Segundo Blyth, 1991: 8-9.

<sup>63</sup> Embora considerados como parte integrante do centro histórico, os morros de São Bento, da Conceição, os únicos remanescentes da configuração na qual a cidade esteve confinada durante séculos, e a área plana situada entre eles não foram inseridos nos limites do projeto, pois estes setores foram considerados como dissociados da estrutura espacial do “core” da cidade em decorrência da Avenida Presidente Vargas, na década de 40 (PINHEIRO apud BLYTH, 1991: 9).

o comércio varejista<sup>64</sup>. Segundo Blyth, a área do Saara é considerada um caso exemplar da herança urbana, dada à evidência de sua singularidade no contexto da área central da cidade do Rio de Janeiro. “A especificidade do Saara é dada pela conjugação dos elementos estruturais, formais e funcionais que o configuram, face o contexto da área central”<sup>65</sup>. A permanência não só da forma arquitetônica, mas também da atividade comercial ali desenvolvida durante séculos é o que dá o diferencial a esse fragmento tão vivo do centro, que coexiste e contrasta com os arranha-céus da “modernidade” imposta à cidade a partir do século XX.

A implantação do Corredor Cultural foi de extrema importância para a área do Saara, pois despertou a consciência da necessidade de preservar não apenas monumentos, relíquias e prédios representativos de excepcional valor arquitetônico, mas também os bens, materiais e imateriais, referentes à manutenção da memória, da identidade e da atuação de diferentes grupos no espaço urbano da cidade. A participação dos usuários foi importante para a concretização das ações do projeto, pois deles dependia a aceitação e o cumprimento dos instrumentos formais e legais.

#### *Legislação urbanística:*

**PA nº 10.290** (Projeto de Alinhamento) - Delimita a subdivisão em 4 áreas, as Subzonas de Preservação Ambiental, de Renovação e de Reconstituição Urbana; os espaços destinados às praças públicas e logradouros; os bens tombados a áreas de tutela; os gabaritos e os alinhamentos. A partir de 1987, através da Lei nº1139 passam a vigorar apenas as Subzonas de Preservação Ambiental e de Renovação Urbana. Em 1987, o Saara que estava incluído na Subzona de Reconstituição, passa a ser incorporado à Subzona de Preservação Ambiental.

**PAL nº 38.871** (Projeto de Loteamento).

**Lei nº 506** de 17 de janeiro de 1984<sup>66</sup> - Cria a Zona Especial do Corredor Cultural, de preservação paisagística e ambiental do Centro da Cidade. Está estruturada em 4 itens fundamentais:

- Aprovação do PA nº10.290 e do PAL 38.871<sup>67</sup>;

---

<sup>64</sup> BLYTH, 1991: 11.

<sup>65</sup> BLYTH, 1991:72.

<sup>66</sup> Lei substituída pela 1139 de 1987.

<sup>67</sup> O PA, Projeto de Alinhamento e o PAL, Projeto de Loteamento são instrumentos complementares dos dois principais instrumentos da legislação urbanística da cidade do Rio de Janeiro, o zoneamento e o parcelamento, que regulam os usos e as condições de edificação nos lotes.

- A definição das Subzonas sujeitas à Preservação Ambiental, Reconstituição e Renovação Urbana e do que se pode ou não fazer em cada uma delas;
- Os usos;
- O papel do Grupo Executivo do Corredor Cultural instituído com as seguintes atribuições: prestar assistência aos proprietários, locatários e construtores de imóveis dentro da área; legislar sobre temas da lei, seja regulamentando-a, seja propondo alterações; acompanhar a execução de obras e instalações.

#### *Subzona de Preservação Ambiental*

- Manutenção das características arquitetônicas, decorativas e artísticas das fachadas e telhados;
- Procedimentos relativos à modificação de uso, alterações internas e externas e construções em terrenos não edificadas.

#### *Subzona de Reconstituição*

- Recuperação de fachadas e coberturas que foram descaracterizadas na área do Saara.

#### *Subzona de Renovação Urbana*

- Alturas máximas das novas edificações, de acordo com as fixadas no PA nº10290/ PAL 38.871 e que deverão se integrar ao conjunto a que pertencem.

**Decreto nº 4.141/83** – descreve todas as ruas que estão inseridas no Corredor Cultural.

**Lei nº 691** de 24 de dezembro de 1984 - estabelecida pelo Código Tributário do Município do Rio de Janeiro, isenta de IPTU, de taxa de obra em áreas particulares e de ISS para os imóveis reconhecidos por lei como de interesse histórico, cultural ou ecológico, que é a maioria dos casos dos imóveis do Corredor Cultural.

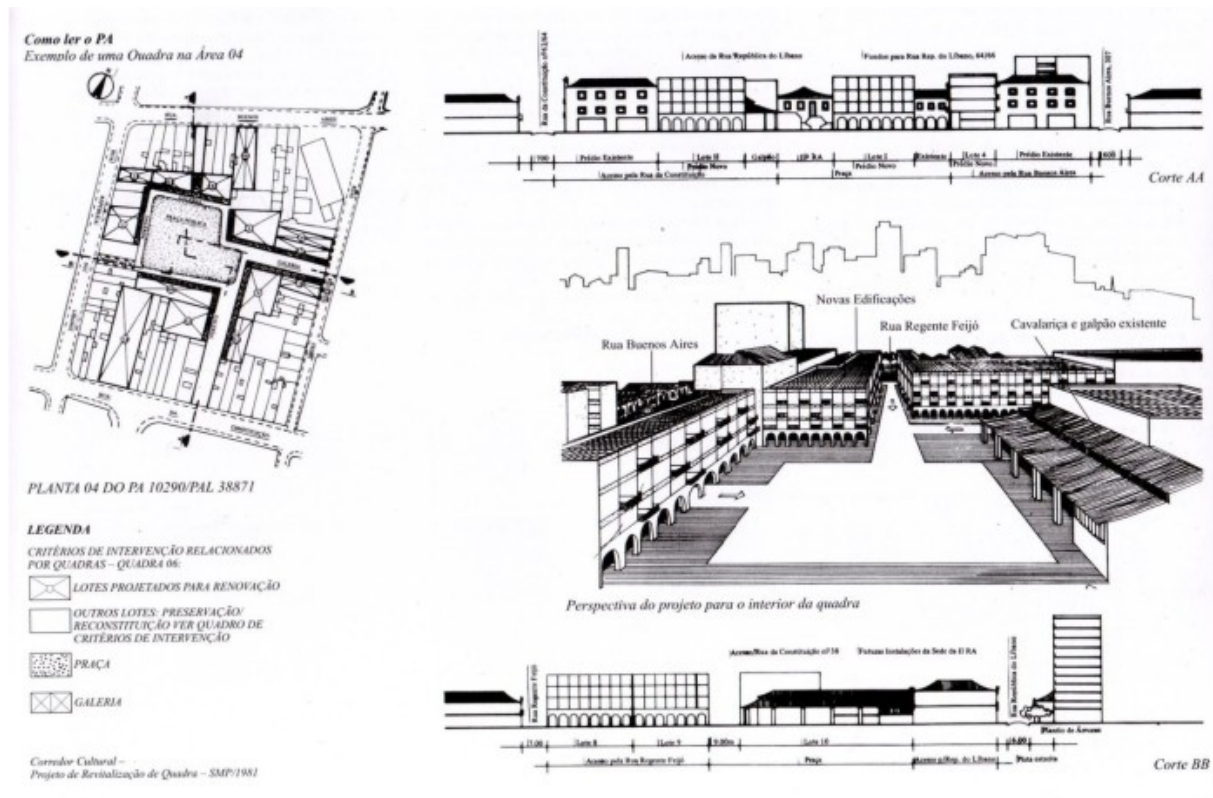
As definições estabelecidas no Corredor Cultural propõem, de acordo com as Subzonas em que estão inseridas as construções, a manutenção das fachadas e seus elementos ornamentais, podendo ser reconstituídos e por vezes substituídos; a manutenção da volumetria original dos prédios e das coberturas, como também, as normas para a colocação de comunicação visual e toldos nos prédios, em se tratando de prédios com função comercial. Os interiores dos prédios podem ser alterados desde que não interfiram na volumetria original, porém garantindo o acesso às sacadas e sempre que possível, a conservação das clarabóias, escadas e prismas existentes, dentro de suas funções

originais. O projeto também aborda questões como a conservação das estruturas, estabilidade das fundações, paredes portantes, pilares e vigas, como também das coberturas e da localização das caixas d'água.

Alguns terrenos ou imóveis no Corredor Cultural podem ser totalmente reconstruídos, segundo certas condições. Estes terrenos estão assinalados nas plantas do Corredor como Áreas de Renovação Urbana.

O Projeto Corredor Cultural foi até hoje a única iniciativa tomada e concretizada em relação à área do Saara, constituindo-se em uma experiência de extrema importância com resultados muito positivos. Ele reforça a relevância de se pensar a cidade e suas intervenções de acordo com novos olhares e metodologias.

Atualmente, o Corredor Cultural vem sendo aplicado da mesma maneira, não houve nenhuma alteração da legislação ou de área especificamente para a área do Saara. Segundo Maria Helena Mac Laren, Gerente do 1º Escritório Técnico do Corredor Cultural, a legislação vigente tem plena capacidade de atender a todas as demandas que se coloquem, porém, a estrutura da Prefeitura precisa dar meios para que ela possa ser implantada, como por exemplo, o aumento da fiscalização<sup>68</sup>.



**Ilustração 38. Planta 04 do PA 10.290.** Quarteirão situado entre as ruas Buenos Aires, Constituição, Gonçalves Ledo e Regente Feijó. Fonte: Corredor Cultural.

<sup>68</sup> Em conversa dia 14/11/2007.

## **O Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes**

Embora este não seja um projeto específico para a área do Saara, é de extrema importância levá-lo em consideração, visto que tangencia e ora abrange prédios e trechos de ruas que estão inseridas na área de estudo.

A área do Projeto Tiradentes<sup>69</sup> está inserida na área de abrangência do Corredor Cultural, e é regulada sob a Legislação Municipal de Proteção Ambiental e Cultural para o Centro do Rio de Janeiro. Entretanto, o projeto vem a incrementar a preservação do patrimônio histórico na área, que já prevê incentivos aos proprietários de imóveis que preservassem as características originais das fachadas e telhados das construções, como a isenção de IPTU por meio da lei que regula o Corredor Cultural.

O Projeto tem como principal premissa a recuperação e revitalização do caráter arquitetônico, cultural, histórico e urbanístico da região da Praça Tiradentes, enfatizando e potencializando os usos tradicionais.

O Projeto consiste na revitalização de uma área que inclui a Praça Tiradentes e algumas quadras do entorno que abrigam monumentos históricos de relevância nacional, como por exemplo, a estátua de D. Pedro I, no centro da Praça, o Solar do Visconde do Rio Seco, a Igreja do Santíssimo Sacramento e o Teatro Carlos Gomes, entre outros. Aliado a isso, o projeto também prevê a reurbanização de ruas adjacentes à área, e a inclusão de atividades econômicas, culturais e sociais locais, como metas de sustentabilidade aplicadas à realidade local.

O projeto reúne estudos e aponta soluções para a acessibilidade dos pedestres, de veículos particulares e de transporte coletivo, assim como o tratamento da questão social, com a inclusão do uso habitacional, visando assim garantir a efetiva revitalização da área, através do incentivo a vivência cotidiana no local.

São pontos abordados no projeto:

- Aspectos característicos da paisagem urbana, por intermédio da restauração de imóveis públicos e privados, tombados em nível federal, estadual e municipal;
- Apoio aos proprietários e locatários de imóveis privados, oferecendo financiamento para obras de restauração;
- A reurbanização da Praça Tiradentes e das ruas da área de abrangência do projeto;

---

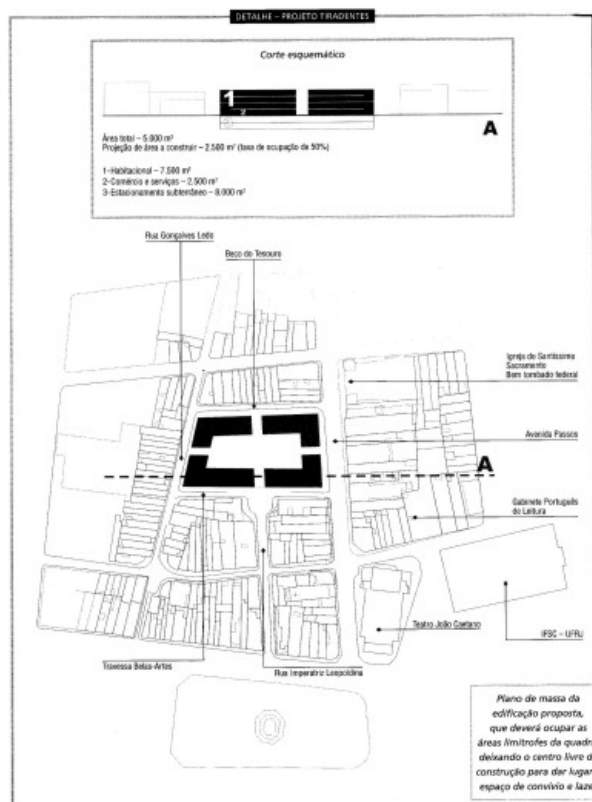
<sup>69</sup> O Projeto Tiradentes é coordenado pela Prefeitura da Cidade, através do órgão de patrimônio da Secretaria Municipal das Culturas, em consonância com os objetivos do Programa Monumenta, divulgados pela Unidade Central de Gerenciamento (UGC – Brasília).



- A melhoria das condições de acessibilidade e transporte;
- A apropriação social do projeto, a partir de ações sociais que visam a integração da população e usuários ao processo de revitalização;
- A regulamentação do Fundo Especial do Projeto Tiradentes, criado por lei municipal, para garantir a sustentabilidade e a continuidade do projeto, após a realização das obras.

No que diz respeito à área de estudo, o projeto prevê a reurbanização das ruas Regente Feijó e Gonçalves Ledo (ambas no trecho que vai da Praça Tiradentes à rua Buenos Aires), a rua Imperatriz Leopoldina, a Avenida Passos (no trecho que vai da Praça Tiradentes à Presidente Vargas, o Beco do Tesouro, a Travessa das Belas Artes e rua Luis de Camões (no trecho entre a Regente Feijó e a Avenida Passos). A recuperação dos prédios da Igreja do Santíssimo Sacramento, o Teatro Carlos Gomes, a casa de Bidu Sayão, o casarão na rua Gonçalves Ledo nº11, o sobrado na rua Regente Feijó nº62 (com fim habitacional) e os anexos previstos para o Centro de Artes Helio Oiticica na rua Luís de Camões nº 74 e 76.

É previsto também um projeto para o terreno na Av. Passos nº49, de atual propriedade do INSS e que funciona como estacionamento. Para este é proposto um projeto que congrega habitação, comércio e serviços, visando o restabelecimento físico do tecido urbano, como também o sócio-econômico deste trecho da área.



**Ilustração 39. Projeto de Revitalização da Pça. Tiradentes.** Proposta para o quarteirão do INSS. Fonte: DGPC.

## 2.5. Diagnóstico da área

Através de uma visão geral da área central, pode se afirmar que o Saara é uma área residual do centro do Rio que permanece como um resquício do tecido urbano da cidade do século XIX. Sua configuração formal se manteve, mesmo que um pouco alterada, preservando características desde a época de sua ocupação. Composta por vias estreitas em bom estado de conservação e quadras conformadas por lotes de testada estreita e bastante profundos, é ocupada na sua maioria por sobrados de uso originalmente misto, nos quais o comércio funcionava no térreo e a residência no segundo pavimento.

O Saara pode ser considerado como um território cultural<sup>70</sup>, devido ao fato de sua forte cultura comercial, trazida por imigrantes de diversas etnias que ali se instalaram a partir do século XIX. Essa cultura fica evidenciada através da forma com que se dá essa atividade comercial de calçada e pelos próprios diferenciais dentro do uso comercial, que foram trazidas por determinadas etnias, como por exemplo, as casas de temperos e de comidas árabes e as casas de artigos de festas, trazidas mais recentemente pelos chineses.

A área apresenta uma dinâmica de fluxos de pedestres muito intenso, pois, situada numa área estratégica do centro que permite o fácil acesso de seus usuários, atende a um público de diversas partes da cidade.

A administração da área é feita pela Associação dos Amigos e Adjacências da Rua da Alfândega. Esta atua gerenciando os serviços de limpeza das ruas, segurança, ambulância, banheiros públicos, estacionamentos e propaganda, entre outros. A estrutura organizativa da associação é claramente representada no espaço, pelo contraste que estabelece com a área em torno, gerida pelo poder público.

O conjunto de considerável valor arquitetônico e urbanístico, remanescente do século XIX, encontra-se em estado de conservação irregular. Áreas em bom estado convivem lado a lado com ruínas e sobrados deteriorados. O local atualmente não oferece condições adequadas para comportar a intensa atividade comercial que ali se desenvolve.

O Saara apesar de estar inserido no centro e estar localizado entre várias áreas com projetos de revitalização distintos, como por exemplo, a Lapa e a Zona Portuária, é pouco mencionado quando se trata do centro do Rio, quase que inexistindo propostas para a sua área, com exceção do Corredor Cultural e do projeto da Praça Tiradentes. Este último assim foi considerado visto que em alguns momentos abrange trechos de determinadas ruas que estão inseridas dentro do Saara.

---

<sup>70</sup> VAZ e JACQUES: 2006.

Surge daí, o interesse em buscar outras formas de atuação sobre este espaço urbano, visando proporcionar uma maior qualidade urbana não só no que diz respeito ao Saara; mas também com o intuito de completar essa lacuna existente na área central do Rio de Janeiro, pois “a qualidade urbana de uma cidade é avaliada a partir do significado e da riqueza dos lugares públicos que a compõem” <sup>71</sup>.

A área do Saara embora já possua a maioria de seus prédios em um bom estado de conservação, necessita de medidas que olhem mais além, tendo em vista não só o patrimônio existente. Há de se considerar, que com o fator tempo, naturalmente vão surgindo problemas que acabam por descaracterizar e degradar os espaços públicos. Para isso, deve-se atentar ao fato de que “a relação entre o desenho e as experiências da cidade não é singular, previsível, ou mesmo rapidamente compreensível. É ao invés disso, complexa, imprevisível e constantemente mutável” <sup>72</sup>. E ainda:

Os desvios de sentido, as reapropriações inesperadas, as contaminações e deturpações são hoje em dia interessantes, já que criam um deslocamento entre as previsões do projeto e o que se deu. É através desse deslocamento que a reflexão arquitetônica pode se enriquecer <sup>73</sup>.

A partir das análises realizadas neste capítulo, foram identificados como **principais problemas** na área do Saara:

- O intenso e congestionado fluxo de pedestres, que se espremem nas estreitas ruas do local;
- O seccionamento da área pela Avenida Passos, que corta a continuidade do fluxo de pedestres das ruas mais movimentadas do Saara e, no entanto, acaba gerando vários pontos de conflito entre pedestres e veículos nesses pontos;
- A falta de espaços públicos para permanência e descanso, dotados de infra-estrutura voltada a atender às pessoas que freqüentam a área, como por exemplo mobiliário urbano e banheiros públicos;
- A ocupação cada vez mais acentuada das calçadas e das ruas pelas mercadorias expostas nas lojas além de equipamentos de diversas naturezas, como no caso da Rua Tomé de Souza;
- A grande incidência de vazios urbanos: o rastro deixado pela Presidente Vargas e a subutilização e falta de ocupação dos pavimentos superiores das construções;

---

<sup>71</sup> SEGRE, 2005.

<sup>72</sup> RYAN, 2006: 97.

<sup>73</sup> MICHELIN, 2005: 154.

- Os grandes quarteirões identificados entre as Ruas Buenos Aires e da Constituição, que acabam por conformar a zona mais estagnada do Saara;
- A descaracterização dos prédios tanto no nível das fachadas como no seu interior e a construção aleatória de ampliações nas lojas para o interior do lote, em espaços que originalmente eram concebidos como áreas abertas.

Como **principais potencialidades** a área apresenta:

- A sua localização central e a proximidade de todos os meios de transporte disponíveis na cidade;
- A grande vitalidade, gerada pela dinâmica comercial desenvolvida;
- A existência da SAARA, que gerencia as questões concernentes ao local, podendo assim contribuir tanto na identificação dos principais problemas, como para a implementação de projetos urbanos;
- A existência do Projeto Corredor Cultural;
- As áreas de vazios urbanos, que aqui são vistas como potencialidades no sentido de dinamizar as áreas mais estagnadas, através da ocupação e inserção de novas construções;



**Ilustração 40. Mapa diagnóstico da área de estudo.** Fonte: autora, 2007.

Os problemas identificados acima constituem as principais carências da área que, quando relacionados com as potencialidades da mesma, são de fundamental importância para as proposições de projeto urbano. Neste trabalho são exatamente essas duas premissas a conduzirem as propostas elaboradas, que serão mostradas adiante.

No contexto atual, deveriam surgir iniciativas mais ligadas à qualidade dos espaços públicos e da utilização destes pelos usuários. Essas novas iniciativas viriam a complementar e contribuir com a manutenção do trabalho do Corredor Cultural, bem como qualificar área em questão, no sentido de proporcionar uma maior diversidade de espaços, potencializando ainda mais os usos existentes no local.

Para obter uma cidade mais habitável para os seus cidadãos é necessária a reorganização real e simbólica dos seus espaços como expressão de uma forma diferente de pensá-la, baseada na emergência de uma nova estética ou forma de se relacionar com o mundo. Ou seja, definir um espaço público concebido como elemento promotor da socialização e das articulações pessoais criando as possibilidades da imaginação do mundo no contexto urbano <sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> SEGRE, 2005.

Este capítulo tem como objetivo sintetizar as reflexões despertadas ao longo deste trabalho, através da exposição das propostas de intervenção urbana para a área do Saara, subdividindo-se em três etapas:

A primeira apresenta as situações espaciais encontradas a partir das análises realizadas na área, que serão posteriormente trabalhadas.

A segunda mostra a subdivisão do Saara em Áreas de Projeto e aponta as diretrizes projetuais que serão seguidas nas propostas de intervenção referentes a cada trecho.

A terceira expõe as propostas de intervenção urbana elaboradas e adotadas para cada área de projeto, conforme as diretrizes projetuais estabelecidas e as referências projetuais encontradas, ilustrando a situação atual e a situação proposta para cada caso.

### 3.1. Situações espaciais encontradas

A partir das análises realizadas, foram identificadas situações espaciais com potencial para a transformação urbana do Saara. Futuros projetos de intervenção poderão proporcionar um melhor aproveitamento de seus espaços e contribuir para o seu crescimento, no que se refere à instalação de novos comércios e implantação de outros usos, como também facilitar e proporcionar melhores condições ao público usuário do local.

**Vazios da Avenida Presidente Vargas** – quadras que possuem vazios decorrentes do arrasamento do tecido urbano para a abertura da avenida, e que até hoje se mantiveram assim em função da falta de desenvolvimento do centro nesse eixo. Atualmente essas áreas são utilizadas como estacionamentos para atender ao público que frequenta o Saara.

Geralmente fechados por muros e grades, esses espaços segregam esta parte do Saara, pois seu único e exclusivo uso é de acesso aos veículos. Esses espaços proporcionam uma ambiência desagradável e nada convidativa à circulação de pedestres, pois não oferecerem nenhum conforto físico aos transeuntes, que ficam limitados entre os muros e o intenso fluxo de veículos da avenida. A área apresenta-se muito degradada, podendo se visualizar os fundos das construções do Saara, na maioria muito deteriorados e sem nenhum valor arquitetônico ou tratamento estético.



**Ilustração 41. Vazios da Av. Presidente Vargas** – o aspecto dos estacionamentos ao longo da avenida e vista aérea da região. Fonte: autora, 2007 e Jean Pierre Janot, 2006.

**Espaços ociosos dos pavimentos superiores** – vazios resultantes da transferência do uso residencial do centro para outras localidades. Os comércios permaneceram no térreo dos sobrados, mas os pavimentos superiores se mantiveram ociosos ou completamente sem uso, não tendo sido ocupados até hoje por um outro uso que substituísse o anterior residencial.

Estes vazios formam um plano “fantasma”, composto por uma série de espaços utilizados, quando muito, como depósitos. O desuso e o descaso dos proprietários para com essas áreas acabam fazendo com que se tornem degradadas, estando algumas quase em estado de ruína.

Esse plano se constitui numa área com grande potencial para transformação, tanto no que diz respeito às questões espaciais, por tratar-se de uma quantidade significativa de edificações que possuem esse tipo de situação, como também às questões econômicas, com a possibilidade de ampliação da capacidade comercial, e também do incentivo à implantação de atividades de serviço, visando complementar ainda mais a atratividade do local. A incidência desse tipo de situação é observada em vários trechos do Saara, mas

principalmente nos quarteirões compreendidos a partir da Rua da Alfândega, até a Rua Buenos Aires.



**Ilustração 42. Situação dos pavimentos superiores dos sobrados** – alguns em bom estado de conservação, outros em estado de ruína. Fonte: autora, 2007.

**Miolos de quadra ocupados** – originalmente concebidos como espaços livres no interior dos quarteirões, foram ocupados por ampliações das edificações construídas aleatoriamente pelos proprietários. Essas ocupações são geralmente ocupadas pelos estoques e pelas áreas de serviço das lojas.

A desobstrução desses espaços pode proporcionar muitas melhorias na área, não só no sentido de diversificar os fluxos e possibilitar maior permeabilidade aos quarteirões, como também de proporcionar outros tipos de espaço, com ambiências mais agradáveis e com caráter voltado à permanência e à utilização dos usuários. Estes espaços servirão como suporte para a intensa atividade comercial desenvolvida, contemplando as necessidades básicas de seus usuários: no Saara faltam espaços onde se possa parar para descansar no meio das compras.



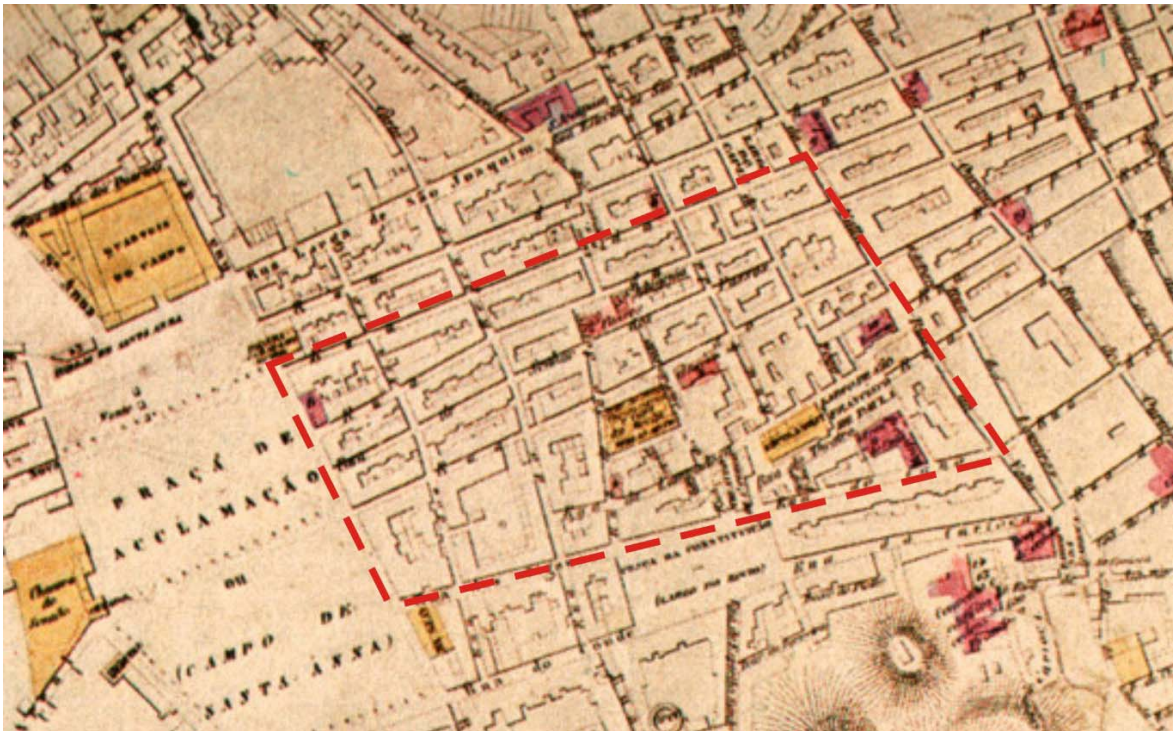


Ilustração 43. Recorte do mapa Garnier de 1852. Em destaque a área do Saara. Fonte: Czajkowski, 2000.



Ilustração 44. Quarteirão situado entre as ruas Senhor dos Passos, Buenos Aires, Praça da República e Tomé de Souza – nota-se claramente o limite das edificações originais e as ampliações construídas posteriormente. Fonte: autora, 2007 e CIEC, s.d.

**Grandes quarteirões** – situados entre a Rua Buenos Aires e Constituição, estes possuem dimensões consideravelmente maiores que os demais quarteirões da área e acabam se constituindo no trecho mais estagnado do Saara. Aí verifica-se a menor presença de usos e de pessoas, além da pouca confluência de trajetos e dos pontos com áreas muito descaracterizadas.



**Ilustração 45.** Alguns trechos da área vistos desde as ruas Regente Feijó e Luís de Camões.  
 Fonte: autora, 2007.

### 3.2. Subdivisão em Áreas de Projeto e diretrizes gerais

Ao verificar-se que tais tipos de espaços foram encontrados com maior incidência em determinados locais, para fins de projeto, surgiu a necessidade de subdividir a área em 3 setores diferenciados. Cada setor foi delimitado com base nas suas semelhanças morfológicas e de utilização e, portanto, áreas que acabariam por receber o mesmo tipo de tratamento:

**Área 1** – correspondente aos quarteirões lindeiros à Avenida Presidente Vargas, que se apresentam descontínuos em relação ao tecido urbano do Saara, devido à grande incidência de vazios urbanos.

**Área 2** – núcleo mais densamente ocupado do Saara onde também se verifica a maior concentração dos pavimentos superiores ociosos. Esta área abrange os quarteirões situados entre as ruas da Alfândega e Buenos Aires.

**Área 3** – área constituída por quarteirões com dimensões consideravelmente maiores que os demais, fugindo à proporção daqueles e, portanto, gerando percursos mais longos e com menos opções para a escolha dos trajetos a serem tomados. É onde a área apresenta

menor permeabilidade e conectividade. Compreende-se entre as ruas Buenos Aires e Constituição.



Ilustração 46. Mapa da subdivisão do Saara em áreas de projeto. Fonte: autora, 2007.

### Diretrizes básicas

As propostas de intervenção estão baseadas em dois pressupostos básicos para sua implantação: o aumento da permeabilidade no local e a ampliação das áreas de espaços públicos. Estabelecidos a partir das principais deficiências encontradas na área, a partir deles, foram criadas as bases para estabelecer as diretrizes que nortearão as propostas de intervenção, expostas a seguir:

- **aumento da permeabilidade espacial** – por permeabilidade entenda-se:

O número de trajetos alternativos de um espaço [...] influi onde as pessoas podem ou não podem ir [...]. Somente os lugares que são acessíveis podem oferecer alternativas às pessoas. A vitalidade de um lugar pode ser medida através de sua capacidade de ser penetrado, ou de que através ou dentro dele, se possa circular de um lugar ao outro.<sup>75</sup>

Sendo assim, a permeabilidade é uma qualidade indispensável para que os espaços sejam receptivos. Através desse conceito busca-se a ampliação da capacidade de circulação na

<sup>75</sup> BENTLEY, 1999: 10-12.

área, a fim de desafogar o intenso fluxo de pedestres existentes, diversificando-o e redistribuindo-o, como também incentivando o estabelecimento de outros usos e criando locais para atender às necessidades básicas dos usuários do local, servindo assim, de suporte para a atividade comercial.

- **ampliação dos espaços públicos** – além de possibilitarem outras alternativas para a circulação na área, são os espaços suportes mencionados anteriormente com a finalidade de proporcionar maior conforto aos usuários, ou seja, lugares onde se consiga parar, descansar, comer e tomar uma bebida.
- **ocupação e apropriação dos vazios** – equacionamento da significação refletiva associada às áreas de vazios existentes, através da construção e ocupação tanto no nível térreo como no superior, segundo a lógica desejada, a partir das demandas do próprio local. Relacionar as propostas das novas áreas aos espaços públicos e aos usos.

Essas são as diretrizes gerais comuns às três áreas de projeto, porém deverão ser aplicadas de maneira distinta, segundo as particularidades de cada área, conduzindo assim à proposta de revitalização da área de estudo.

Os projetos existentes para a área foram reavaliados, de acordo com as diretrizes propostas, tendo em vista o estudo aqui realizado.

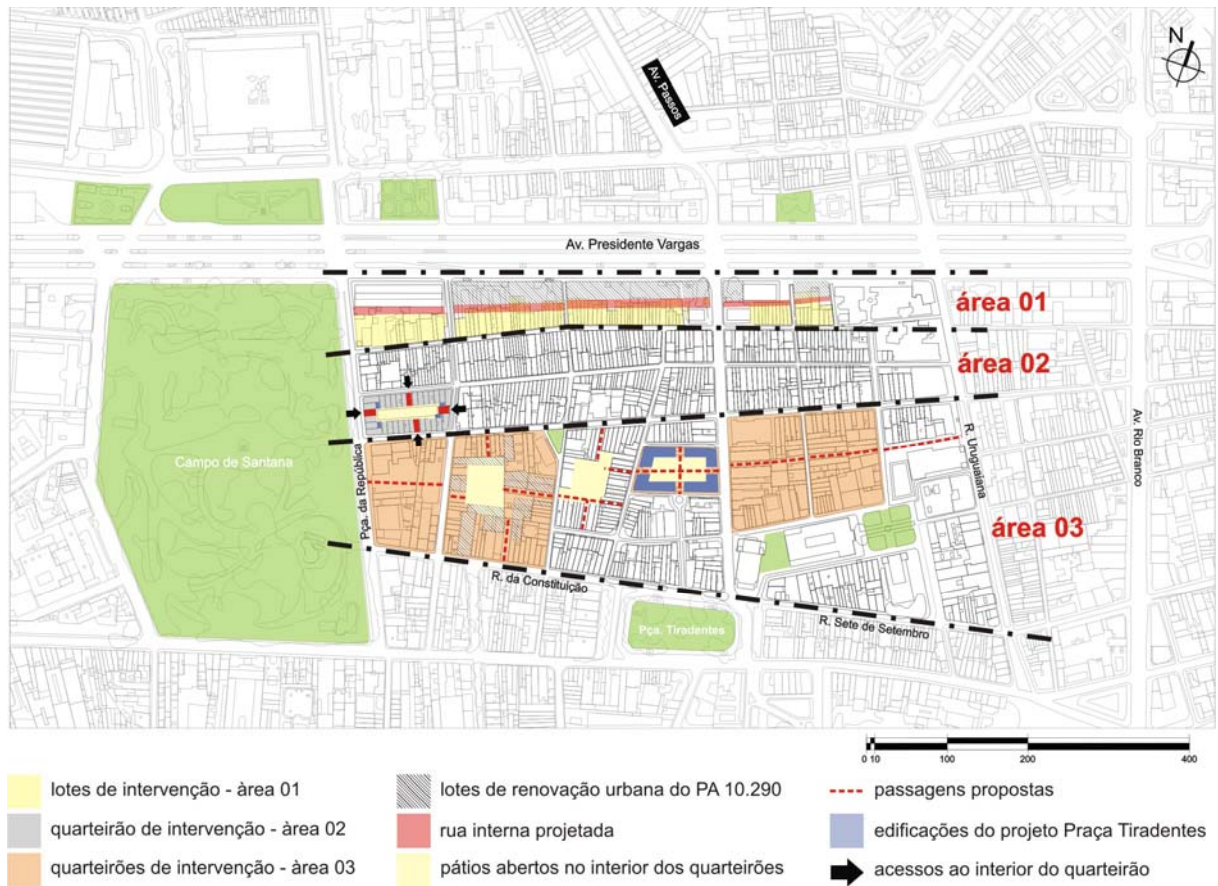
### **3.3. Propostas de intervenção**

As ações de projeto indicadas a partir das diretrizes estabelecidas acima são pontos de partida comuns para ambas as propostas, que embora tenham um resultado espacial diferente, são a materialização dos conceitos e idéias já trabalhados no decorrer deste trabalho.

As estratégias de intervenção, como o projeto detalhado para cada área não serão abordadas nesse trabalho. Elas dependeriam de uma série de decisões mais amplas que envolveriam questões de outra alçada, como por exemplo, desapropriações totais ou parciais, troca de terrenos, incentivos fiscais, entre outras. Neste momento essas questões não são possíveis de serem estabelecidas. Os projetos urbanos, de um ou outro espaço público, bem como os arquitetônicos, ficam como objetos para uma etapa posterior.

O que se sugere, entretanto, é que se possa abrir um leque de alternativas para a requalificação da área, através de propostas de intervenção que possam ser implantadas gradativa e independentemente, por trecho ou por quarteirão. Assim, partindo-se das

pequenas partes até chegar-se a um todo; alcançando-se efetivamente a requalificação da área.



**Ilustração 47. Mapa conceitual das propostas projetuais.** Fonte: autora, 2007.

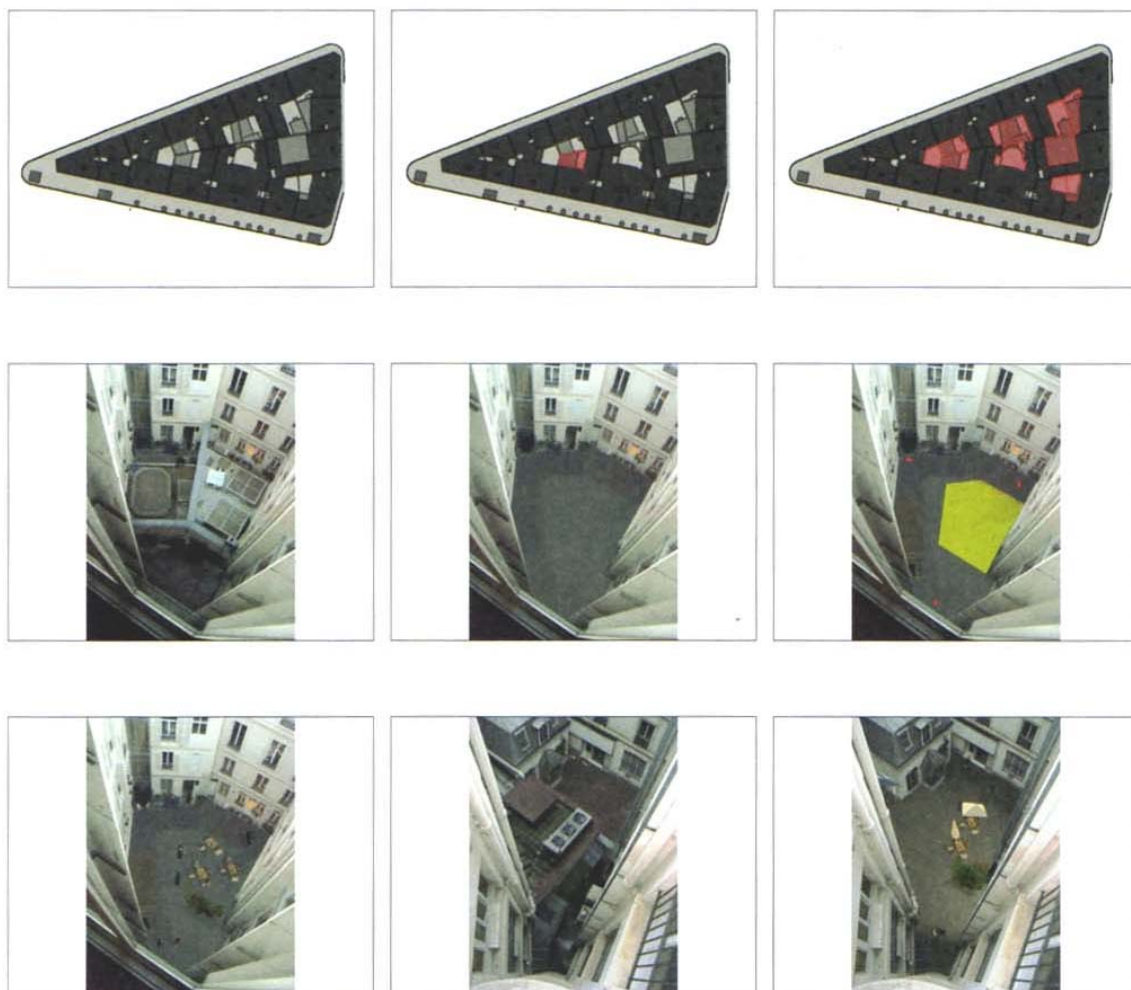
## Referências projetuais

Juntamente com os conceitos e diretrizes mencionados acima, alguns referenciais projetuais contribuíram para o embasamento na elaboração das propostas de intervenção.

*“Nouveaux Paris/ New Bets on the Future of Paris”*

Experiência desenvolvida por uma equipe de arquitetos e estudantes de Paris, sob a coordenação de Nicolas Michelin, que elaborou estudos para 21 locais da cidade. Através desses estudos, foram propostas alternativas para a transformação espacial de quarteirões e edificações, com de iniciativas inovadoras, como projetos de abertura de espaços públicos e implantação de áreas verdes em terraços ou miolos de quadra, abordando aspectos ligados às origens da cidade, à redefinição de limites, aos usos dos espaços públicos, às práticas comuns dos quarteirões e às novas morfologias de edifícios.

Dentre os projetos propostos, foram tomados dois exemplos para este estudo.



**Ilustração 48. Exemplo 1.** proposta para abertura de pátio interno em um quarteirão de Paris, através da retirada dos muros e ampliações existentes. Fonte: Nouveaux Paris, 2005: 99.



**Ilustração 49. Exemplo2** – abertura de um espaço público no interior de um quarteirão, através da retirada de muros e criação de acessos. Fonte: Nouveaux Paris, 2005:

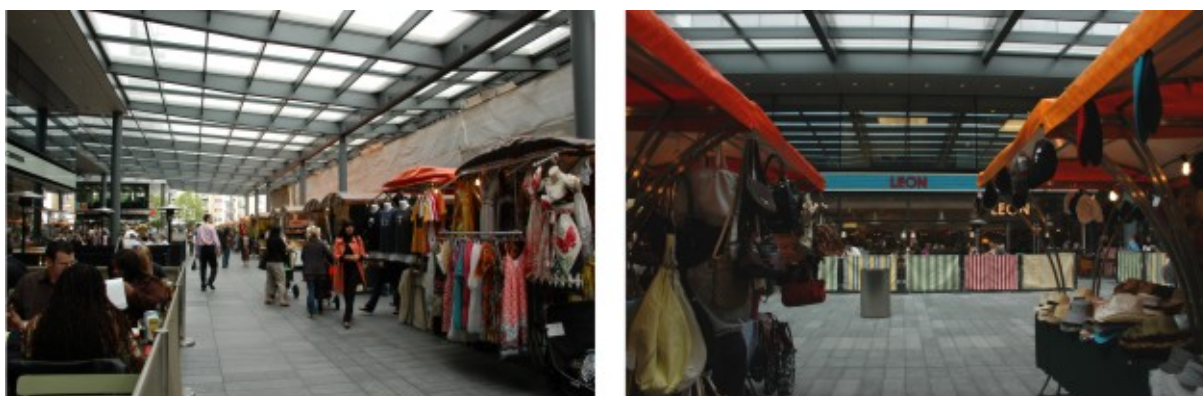
### *Old Spitalfields Market – Londres*

O projeto de revitalização do antigo mercado integra-se ao prédio sede do banco ABN-AMRO, através da colocação de uma cobertura de vidro, fazendo a ligação entre as

edificações novas e as preexistentes, originando assim um espaço onde interagem vários tipos de atividades. Como exemplo destas, pode-se citar a feira sazonal de roupas, objetos, antiguidades e artesanato com os restaurantes que atendem ao público que provém dos escritórios da “city”<sup>76</sup>. O projeto da sede do ABN-AMRO é do escritório EPR Architects, o da restauração do mercado é de Julian Harrap Architects.



**Ilustração 50. Spitalfields Market – Londres:** integração entre o edifício novo e as construções preexistentes. Fonte: autora, 2007.



**Ilustração 51. Spitalfields Market – Londres:** interação entre as atividades: o comércio da feira e os restaurantes. Fonte: autora, 2007.

<sup>76</sup> A “city”, assim como é conhecida, é uma área financeira central da cidade de Londres, onde se concentra boa parte das sedes de empresas multinacionais e bancos.



### *Kingly Court – Londres*

Este quarteirão, integrante da zona comercial do centro de Londres, passou por um projeto de intervenção que abriu o interior da quadra e propôs uma praça interna que pode ser acessada em diferentes pontos. Nos pavimentos superiores das construções foram implantadas atividades comerciais e de serviços, que são acessadas através da praça interna, por escadas ou elevador. Para este nível foi acrescentada uma circulação externa de acesso às lojas, projetada para a praça interna.

Essa experiência é muito interessante e bastante positiva, pois agrupou diferentes tipos de edificações, unificando-as no seu interior, através da circulação proposta. Além disso, potencializou as áreas dos pavimentos superiores das edificações com as atividades que foram implantadas e proporcionou uma maior diversidade de espaços públicos e uma variedade de ambiências, como os diferentes tipos de passagens e acessos de fora para dentro.



**Ilustração 52. Kingly Court – Londres:** os diferentes tipos de edificações da quadra e a variedade de acessos ao quarteirão vistos desde o exterior. Fonte: autora, 2007.



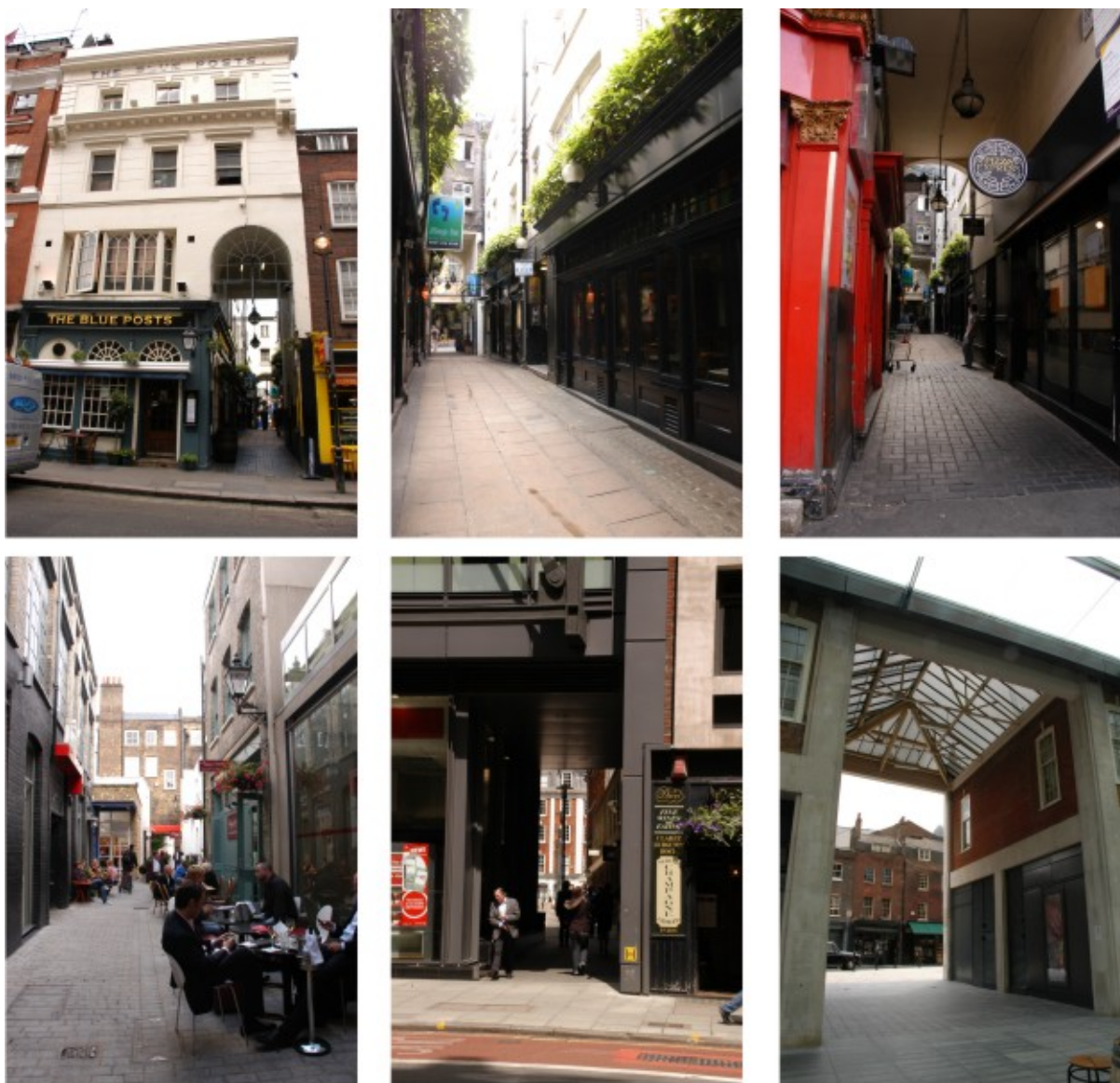
**Ilustração 53. Kingly Court – Londres: passagens de acesso ao quarteirão. Fonte: autora, 2007.**



**Ilustração 54. Kingly Court – Londres: vistas do interior do quarteirão, desde os 3 níveis. Fonte: autora, 2007.**

## Passagens

Além dos exemplos mostrados acima, foram encontradas também na cidade de Londres outras situações de passagem através do quarteirão que serviram de referencial para as propostas elaboradas, mostradas a seguir.



**Ilustração 55. Londres** - exemplos de passagens por entre edificações e quarteirões. Fonte: autora, 2007.

Esses inovadores espaços públicos mostrados acima destacam-se por sua habilidade de serem apropriados por pessoas de diferentes comunidades, por encorajar múltiplas experiências e promover trocas culturais e sociais. Projetos desse tipo “incitam a descoberta, ajudam a promover a compreensão e tolerância e aumentam a qualidade de nossa vida diária”<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> RYAN, 2006:16

### **Proposta para a Área 1 – Vazios da Presidente Vargas**

Para esta área se propõe a continuidade das diretrizes estabelecidas no P.A. 10.290 que estabelece para as áreas de vazios da avenida uma rua interna para a circulação entre as edificações da Avenida Presidente Vargas e os sobrados do Saara. O gabarito proposto porém, é mais baixo de até 4 pavimentos com edificações que poderão receber o uso comercial no térreo e de serviços nos pavimentos superiores. Os estacionamentos ficariam no subsolo, dada a grande esta demanda nessa área do centro da cidade. A abertura da rua interna talvez envolvesse a desapropriação de alguns trechos dos lotes do Saara, ocupados por ampliações feitas além do limite original dos sobrados. Essa rua é destinada ao uso por pedestres e se estende linearmente por toda a área, do Campo de Santana ao Camelódromo da Uruguaiana. Os espaços públicos gerados a partir dela deverão receber equipamentos urbanos adequados e vegetação, proporcionando novas ambiências.

### **Proposta para a Área 2 – miolos de quadra**

Para este núcleo propõe-se, quando possível, a desobstrução dos miolos de quadras que foram ocupados por ampliações das edificações feitas pelos proprietários e que, portanto, não constituem parte original da volumetria das construções. Estes serão concebidos como espaços de permanência, podendo servir como áreas de apoio de acordo com as atividades localizadas no quarteirão. Por exemplo, a colocação de mesas, onde houverem restaurantes ou lanchonetes.

Neste estudo de caso foi adotado o quarteirão situado entre as ruas Senhor dos Passos, Buenos Aires, Tomé de Souza e Praça da República, onde se pode notar nitidamente a ocorrência deste tipo de situação. A configuração original das construções é claramente visível, e com a remoção das ampliações é possível conseguir-se uma praça interna, onde é possível trabalhar com a implantação de vegetação e espaços para permanência dos usuários, como também atender aos restaurantes localizados no quarteirão, estabelecendo um espaço para a colocação das mesas.

Os acessos a esses espaços podem se dar tanto pelo interior das lojas como por entradas estabelecidas através da desapropriação do pavimento térreo de alguns prédios, passando estes a servirem como local de passagem. Busca-se sempre preservar a integridade arquitetônica da quadra, segundo as diretrizes do Corredor Cultural, que também são determinantes para definir a localização dos imóveis propícios a funcionarem como pontos de acesso.

É previsto um núcleo de circulação vertical, composto por escada e elevador, podendo-se assim acessar os pavimentos superiores com maior facilidade. Nesse nível superior sugere-se a implantação de atividades de caráter mais passivo, como as de serviço ou pequenos comércios, garantindo assim uma maior tranqüilidade para esses locais. É proposta uma circulação externa de acesso aos estabelecimentos, contornando as edificações e projetando-se ao interior da quadra.

### **Proposta para a Área 3 – grandes quarteirões**

Fundamentada principalmente no aumento da permeabilidade, a proposta para esta área busca estabelecer um sistema de espaços públicos articulados através de um eixo de circulação. Esse eixo tem seu início a partir do Largo do Rosário, estendendo-se até a Praça da República. Esta circulação se daria através do interior dos quarteirões, que, dependendo de cada caso, poderia ter espaços como pátios ou ruas internas, ora abertos, ora fechados, podendo apresentar casos de intervenção muito semelhantes ao dos miolos de quadra. Um sistema variado de passagens, de diversas formas e hierarquias, trazendo o inusitado à tona nesse trecho do Saara.

Os cursos, as passagens e outros volumes livres no térreo oferecem possibilidades fortemente interessantes aos arquitetos que desejem empreender uma reflexão autoral sobre a questão do limite entre privado e público [...] é necessário trabalhar essa idéia de “espaço privado comunitário.”<sup>78</sup>

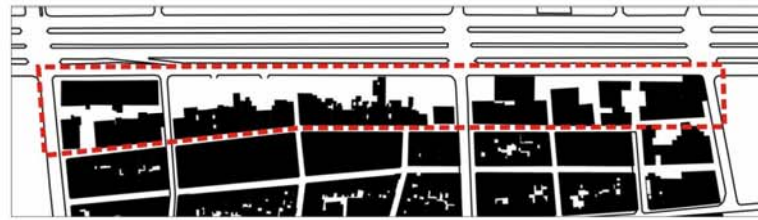
Nesta proposta foi levado em consideração o projeto estabelecido pelo P.A. 10290, para o quarteirão situado entre as ruas Buenos Aires, Constituição, República do Líbano e Regente Feijó. Também foram considerados os lotes de Renovação Urbana do P.A. para a localização das passagens nos demais quarteirões. Para o quarteirão onde atualmente funciona o estacionamento do INSS, na Avenida Passos, levou-se em consideração o projeto já existente, integrante do Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes, sendo este incorporado à área, visto que se encaixava perfeitamente ao sistema de circulação proposto.

Acredita-se que a implantação deste percurso venha a potencializar esta área, proporcionando o desencadeamento necessário para a implantação de novos comércios, como também de outros usos. Estas áreas, passando a ter novos espaços com ambiências mais agradáveis e maior capacidade de circulação, teriam mais vitalidade e se tornariam mais convidativas à instalação de estabelecimentos.

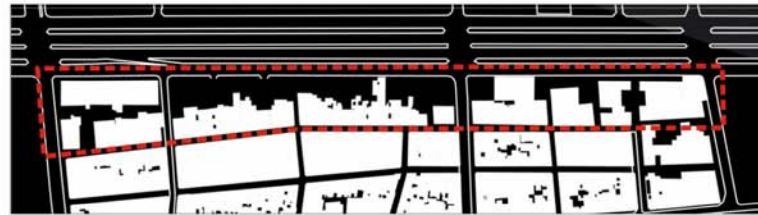
---

<sup>78</sup> MICHELIN, 2005: 155.

• situação atual



mapa cheios



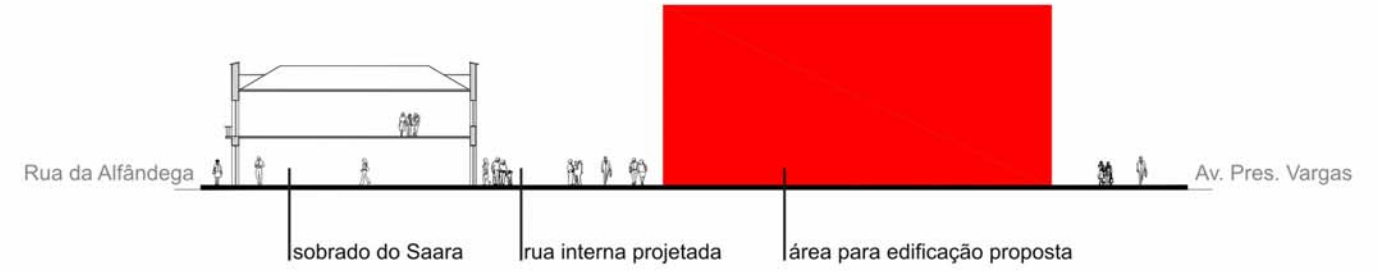
mapa vazios



quadra de exemplo



• corte AA - situação atual

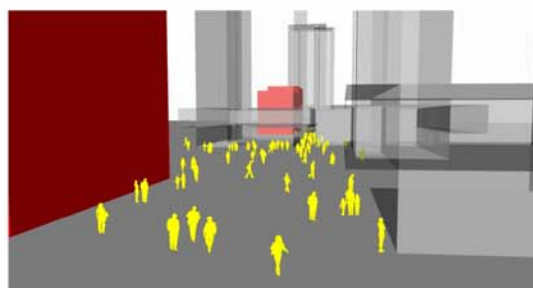
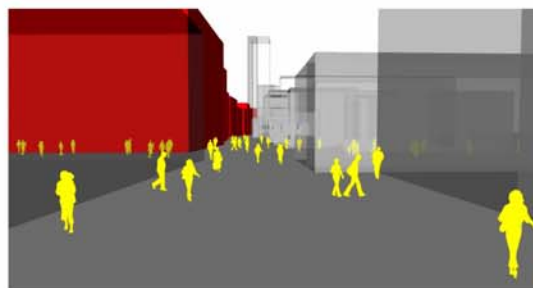
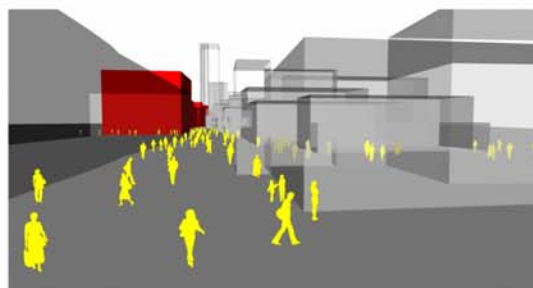


• corte AA - situação proposta

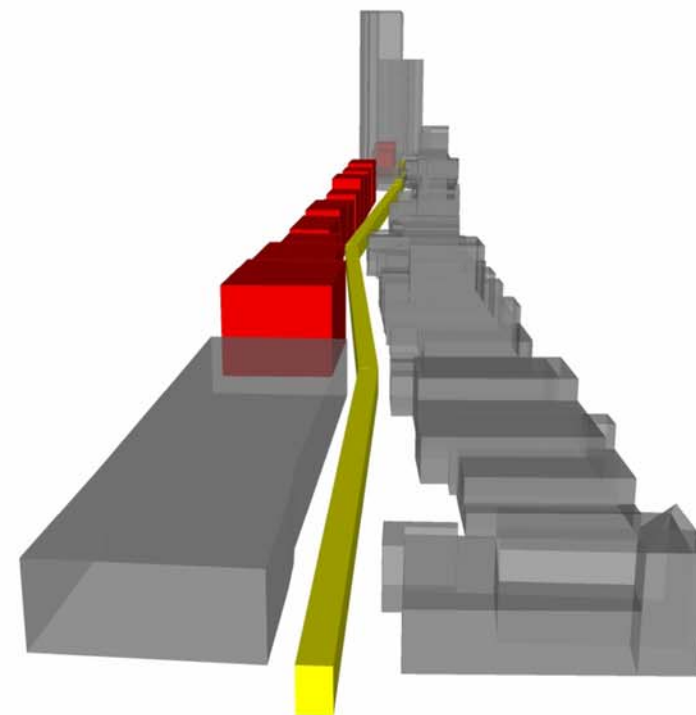
• situação proposta



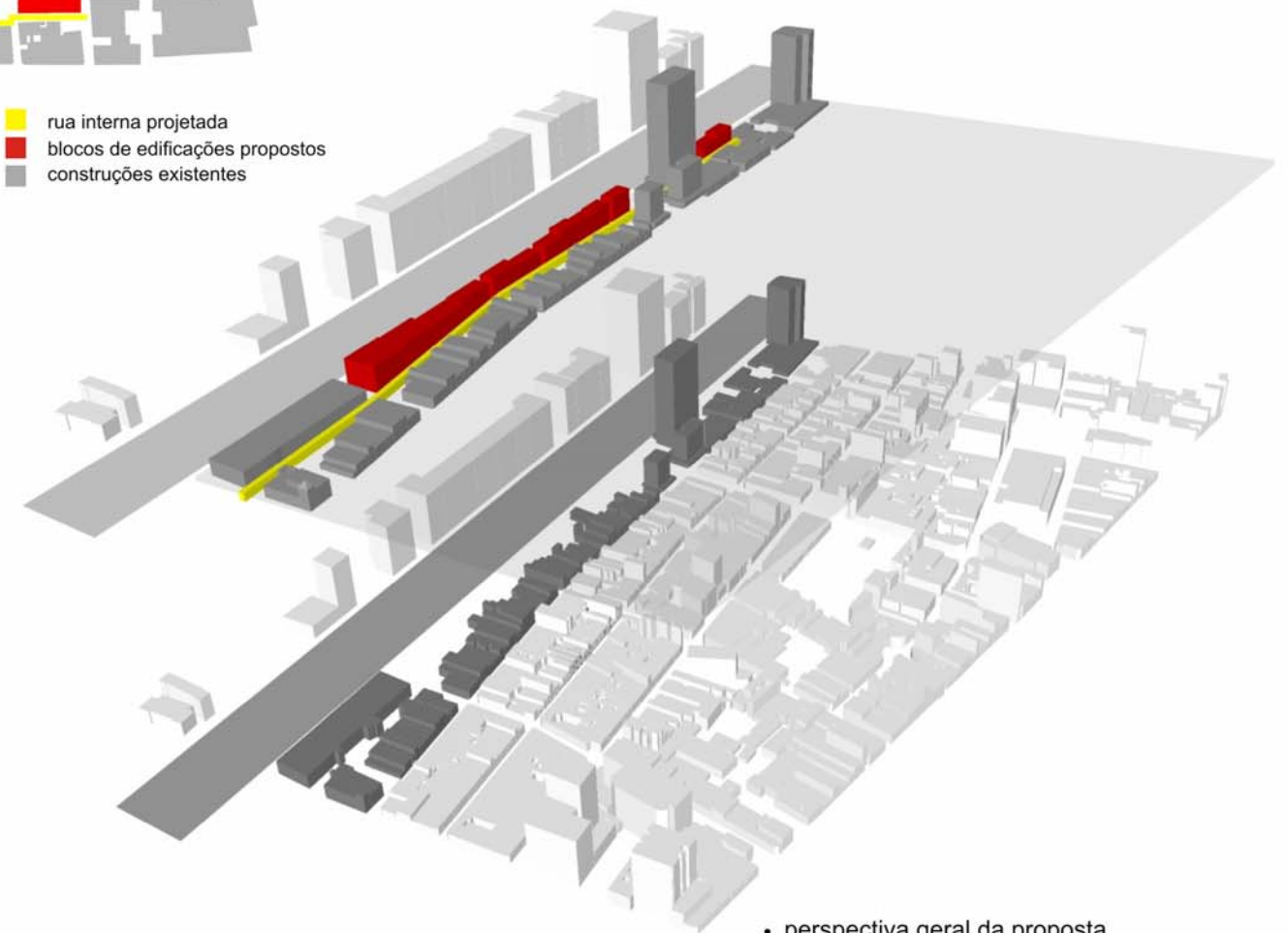
- rua interna projetada
- blocos de edificações propostos
- construções existentes



• vistas internas da proposta

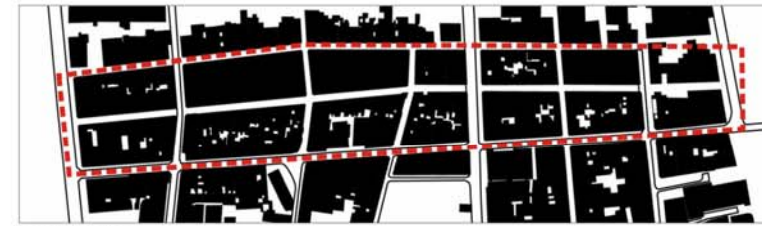


• perspectiva volumétrica



• perspectiva geral da proposta

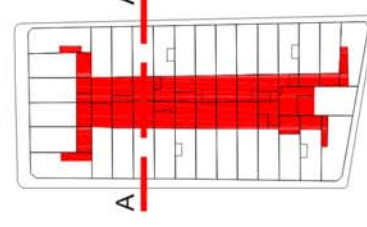
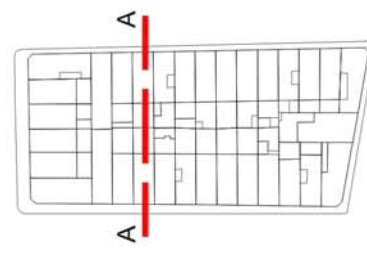
• situação atual



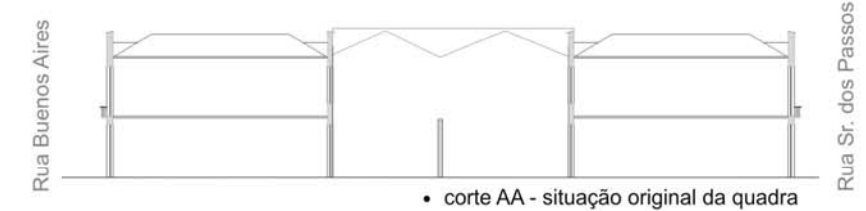
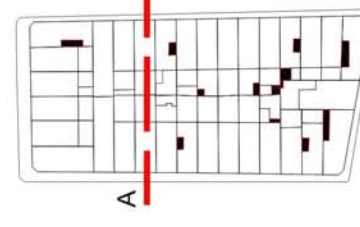
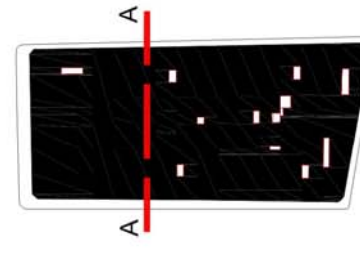
mapa cheios



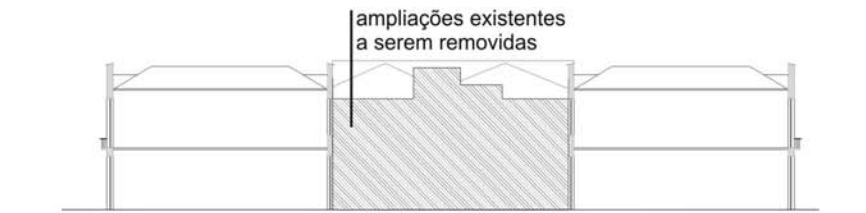
mapa vazios



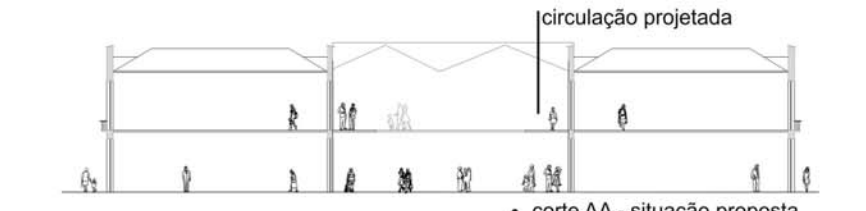
quadra de exemplo



• corte AA - situação original da quadra

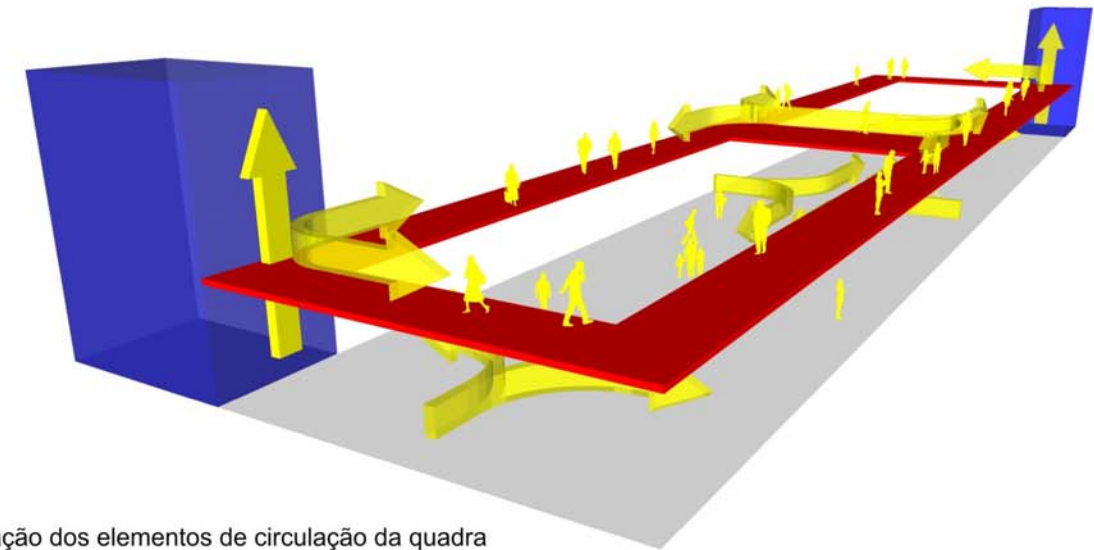


• corte AA - situação atual

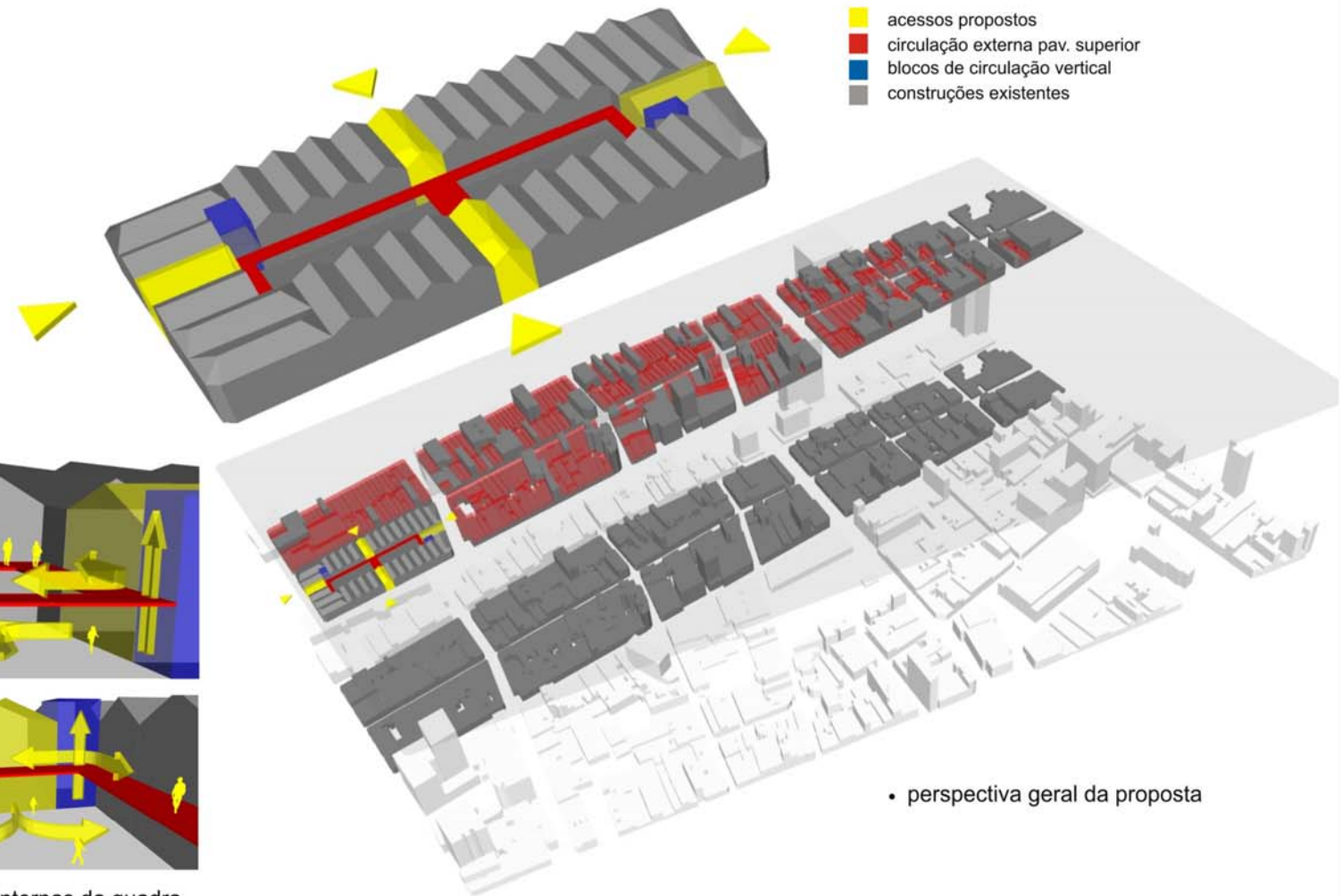


• corte AA - situação proposta

• situação proposta

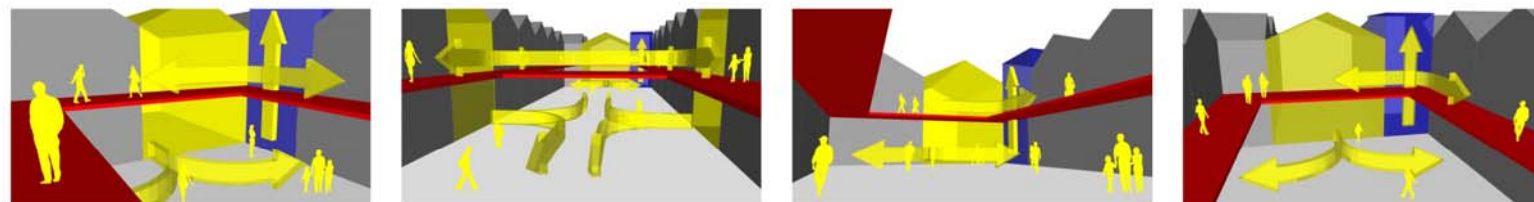
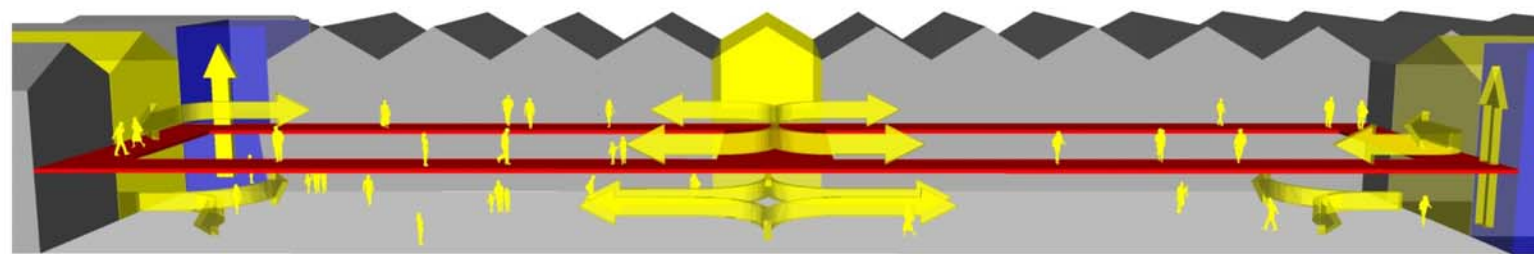


• articulação dos elementos de circulação da quadra



- acessos propostos
- circulação externa pav. superior
- blocos de circulação vertical
- construções existentes

• perspectiva geral da proposta



• corte e perspectivas internas da quadra

• situação atual

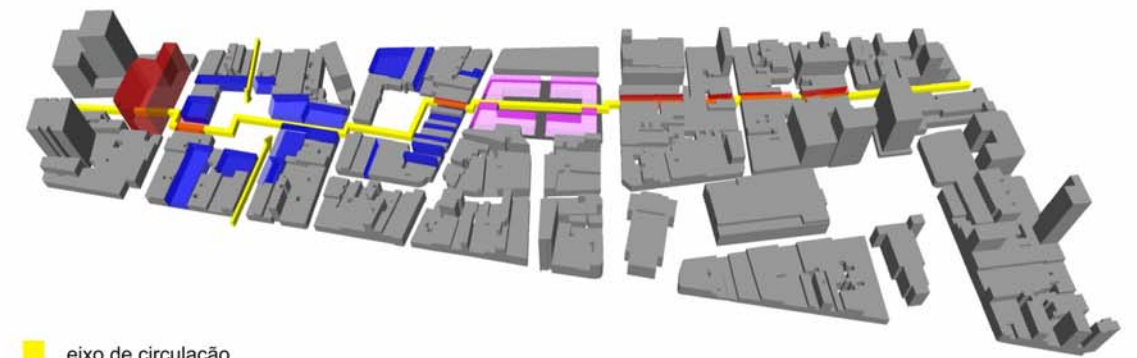


mapa cheios



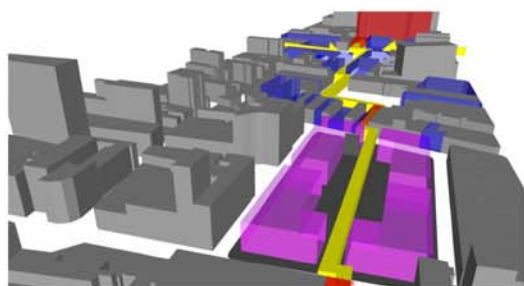
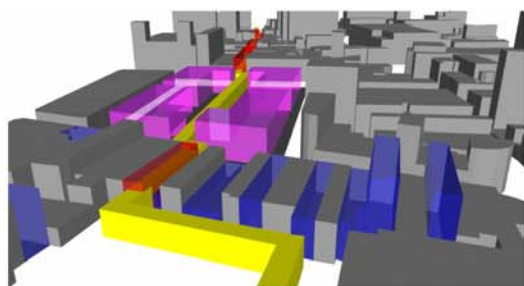
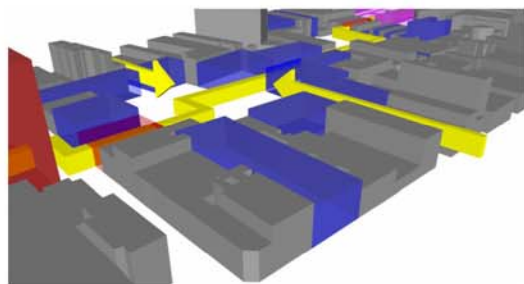
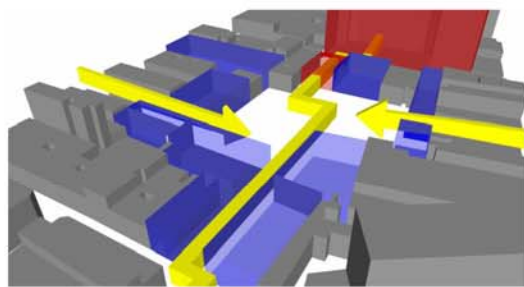
mapa vazios

• situação proposta

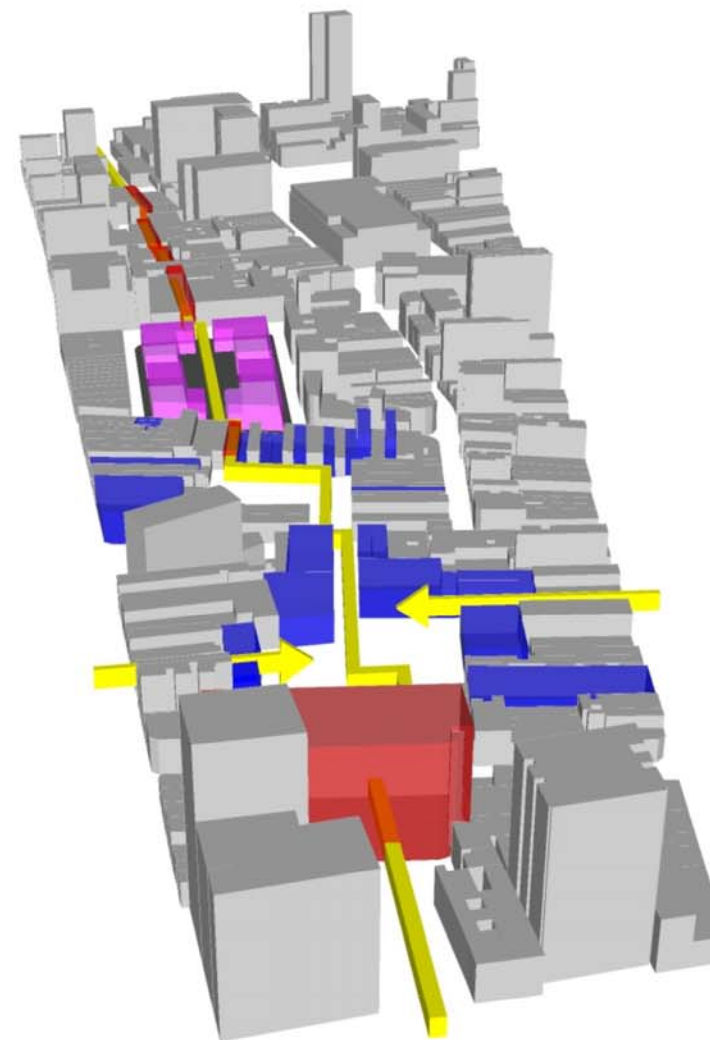


- eixo de circulação
- passagens propostas
- lotes de renovação urbana do PA 10.290
- quadra integrante do Projeto da Praça Tiradentes
- construções existentes

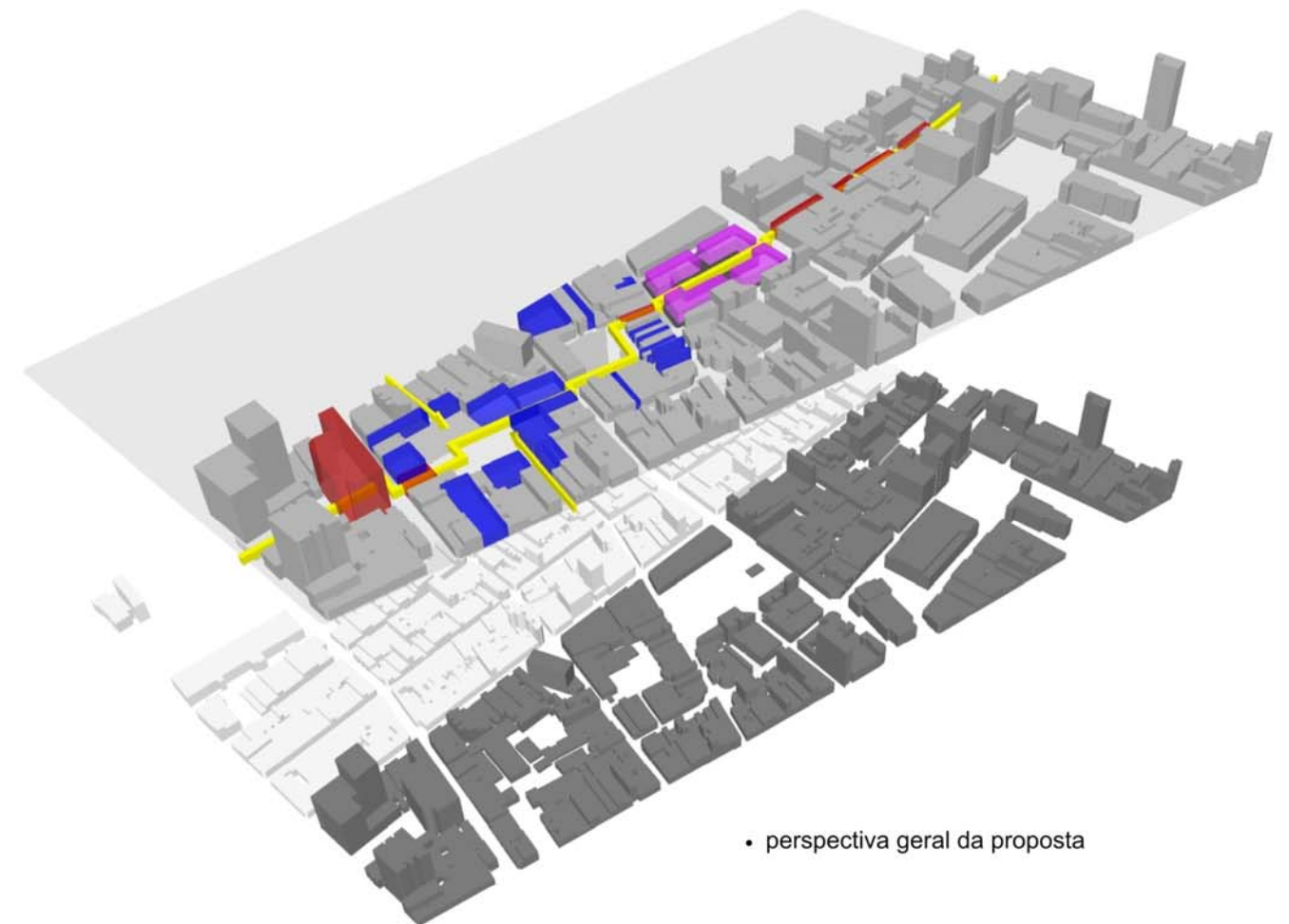
• planta perspectivada da proposta



• perspectivas setoriais



• vista geral da área com o eixo de circulação proposto



• perspectiva geral da proposta



## Considerações Finais

---

Esta pesquisa percorreu alguns caminhos ainda não suficientemente trilhados na região do Saara, importante centralidade municipal e metropolitana do comercio varejista da cidade do Rio de Janeiro, cujo inquestionável patrimônio histórico, cultural e arquitetônico foi reconhecido pelo Corredor Cultural. Esta espacialidade da área central demandava ainda um mapeamento mais detalhado da sua estrutura urbana que subsidiasse a proposição de diretrizes a serem observadas nos planos e projetos de intervenção na área.

Muito já foi escrito sobre a história da cidade do Rio de Janeiro e sobre sua área central. Neste contexto ainda pouco havia sido pesquisado no campo do urbanismo sobre a história da região do SAARA. A pesquisa empírica em suas ruas, praças, sobrados, igrejas e edifícios, permitiu um mapeamento atualizado de sua estrutura urbana. A identificação do insuspeitado vazio dos andares superiores dos sobrados, destinados originalmente ao uso residencial, como as outras situações encontradas, despertaram para o fato de que a pesquisa empírica poderia conduzir à desconstrução de alguns conceitos pré-estabelecidos. E mais ainda, para a necessidade de se pensar as intervenções na área de acordo com a revisão e ampliação do conceito de espaço público que tem orientado as recentes intervenções, em cidades com significativos patrimônios arquitetônicos, a exemplo de Paris e Londres.

A partir da identificação dos principais problemas, carências e potencialidades urbanísticas foram consideradas três grandes áreas de projeto e foram elaboradas diretrizes e propostas para a sua revitalização. De acordo com a pesquisa realizada, a revitalização do Saara, ou seja, a inscrição deste conjunto urbano em um novo momento histórico, passa tanto pela compreensão das suas especificidades morfológicas como pelo respeito à preservação do rico patrimônio cultural e arquitetônico local.

A trajetória das intervenções urbanas ocorridas no Rio de Janeiro ao longo do século XX é marcada por grandes projetos urbanos, a exemplo da Reforma Pereira Passos e do Plano Agache. Estas desconsideraram o tecido urbano existente e impuseram uma modernidade que a cidade nunca conseguiu suprir.

Atualmente, importa avançar no entendimento de que se pode intervir não apenas em grande escala, mas também e fundamentalmente no pequeno, agindo na volumetria, ousando estabelecer permeabilidades e descortinando outros elementos do tecido urbano.

Embora a constituição da SAARA, na década de 1960, e a instituição do Corredor Cultural, na década de 1980, tenham sido passos importantes para a preservação da região do Saara, esta pesquisa destacou a importância de serem realizadas pesquisas empíricas que identificassem as principais características e transformações urbanas deste conjunto, nas escalas do quarteirão e do edifício. Este mesmo procedimento deveria ser adotado para os demais conjuntos urbanos da área central que, assim como o Saara, podem vir a ser descobertos enquanto espaços potenciais para renovação.

Alguns desdobramentos desta pesquisa podem ser desde já vislumbrados. Entre eles destaca-se o aprofundamento nos aspectos da normativa urbanística e das políticas públicas de maneira a viabilizar a implementação das diretrizes aqui apontadas.

## Referências Bibliográficas

---

ABREU, Maurício. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLAN, 1997.

ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e Destino**. São Paulo: Ática, 2004.

BENTLEY, Ian e outros. **Entornos Vitales** hacia um diseño urbano y arquitectónico más humano. Barcelona: Gustavo Gilli, 1999.

BLYTH, Annabella. 1991. **Cristalização espacial e identidade cultural: Uma abordagem da herança urbana** (O Saara, na área central da cidade do Rio de Janeiro). Dissertação de mestrado, submetida ao IPPUR-UFRJ vol. 1. Rio de Janeiro: 1991.

BOHIGAS, Oriol. **Contra la incontinencia urbana: Reconsideración moral de la arquitectura y la ciudad**. Barcelona: Electa, 2004.

BORDE, Andréa. **Vazios Urbanos: Perspectivas Contemporâneas**. Tese de Doutorado, submetida ao PROURB – UFRJ. Rio de Janeiro: 2006.

CORREDOR CULTURAL. **Caderno de Recortes**. Rio de Janeiro Ano 420. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/RIOARTE: 1985.

CZAJKOWSKI, Jorge e SENDYK, Fernando. **Do Cosmógrafo ao Satélite – mapas da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

FONTES, Adriana Sansão. **A Nova Forma da Esplanada de Santo Antônio – O Projeto Urbano na Área Central do Rio de Janeiro no Século XXI**. Dissertação de Mestrado, submetida ao PROURB-UFRJ. Rio de Janeiro: 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Conselho Nacional de Geografia. **A área central do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1967.

INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA DO RIO DE JANEIRO. **Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2002.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIMA, Evelyn Furquim. **Arquitetura do Espetáculo – Teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Mirela. **Projeto Corredor Cultural: Preservação do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico da Área Central do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da EESC-USP. São Paulo:2004.

MAGALHÃES, Roberto A. O Centro do Rio na Década de 1990: Requalificação e Reafirmação da Centralidade Principal. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro: 2001.

MAGALHÃES, Roberto A. **Preservação e Requalificação do Centro do Rio nas Décadas de 1980 e 1990: A Construção de um Objetivo Difuso**. Disponível em: [www.ourinhos.unesp.br/gedri/publicações](http://www.ourinhos.unesp.br/gedri/publicações). (Artigo 2002 - Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infra-estruturas)

MAYA, Raymundo de Castro. **A Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro** – Quatro Séculos de Expansão e Evolução. Rio de Janeiro: Banco Boa Vista, 1965.

MELLO, Donato. **Rio de Janeiro Planos, Plantas e Aparências**. Rio de Janeiro: Imprinta, 1998.

MICHELIN, Nicolas (Org.). **Nouveaux Paris: la ville et ses possibles**. Paris: Éditions du Pavillon de l’Arsenal, 2005.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

PINHEIRO, Augusto Ivan. Corredor Cultural, um projeto de preservação para o centro do **Rio de Janeiro**. In: **Anais do II SEDUR**. Brasília: CNPQ, 1986.

PINHEIRO, Augusto Ivan. **Preservar, Conservar e Modernizar: Um Novo Paradigma para a Reabilitação do Centro do Rio**. Disponível em: [www.armazémdedados.rio.gov.br/riostudos](http://www.armazémdedados.rio.gov.br/riostudos)

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Corredor Cultural**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral, 1979.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes** – o Passado Presente no Futuro. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 2005.

REIS, José de Oliveira. História Urbanística do Rio de Janeiro. In: **Revista Municipal de Engenharia vol. XL jan/mar**. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Imprensa oficial da Secretaria Municipal de Governo, 1986.

REZENDE, Vera. **Planejamento urbano e ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

RIBEIRO, Paula. "Saara" uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960-1990). Dissertação de Mestrado submetida à PUCSP vol. 1. São Paulo:2000.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROXO, Stelio Emanuel. Aspectos do Metrô Carioca. In: **Revista Municipal de Engenharia vol. XXXIX out/dez**. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Impressão da secretaria Municipal de administração, 1983.

RYAN, Zoe. **The good life - new public spaces for recreation**. New York: Van Alen Institute, 2006.

SEGRE, Roberto. **Espaço público e cidadania: experiências recentes nas cidades de América Hispânica**. In: *Arquitexto Especial* 303, 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>.

SENNA, Ernesto. **O Velho Comércio no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: G Ermakoff, 2006.

SISSON, Rachel. Os Três Centros do Rio. In: **Revista Municipal de Engenharia vol. XXXIX out/dez**. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Impressão da secretaria Municipal de administração, 1983.

VAZ, Lílian. Projetos urbanísticos do séc. XIX para a cidade do Rio de Janeiro – atualidade e história. In: **Anais do 5º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo da PUC Campinas**. São Paulo: 1998.

VAZ, Lílian e BERENSTEIN, Paola. Territórios Culturais na Cidade do Rio de Janeiro. In: **Corpos e Cenários Urbanos** territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006.

VAZ, Lillian e SILVEIRA, Beatriz. **Transformações e permanências na área central do Rio de Janeiro**.

VAZ, Lillian e SILVEIRA, Beatriz. Áreas Centrais, Projetos Urbanísticos e Vazios Urbanos. In: **Revista Território**, ano VI, nº7, jul./ dez. 1999.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: FAPESP, 2001.

WORCMAN, Susane. **Saara**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.